

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

Museu do Amanhã e as novas curadorias por um olhar sociológico

Nathália de Paula Bernardo Vianna

Seropédica, RJ
Agosto de 2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MUSEU DO AMANHÃ E AS NOVAS CURADORIAS POR UM OLHAR
SOCIOLÓGICO**

NATHÁLIA DE PAULA BERNARDO VIANNA

Sob a Orientação da Professora
Sabrina Marques Parracho Sant'Anna

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Agosto de 2016

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V617m Vianna , Nathália de Paula Bernardo , 14/12/1987-
MUSEU DO AMANHÃ E AS NOVAS CURADORIAS POR UM OLHAR
SOCIOLOGICO / Nathália de Paula Bernardo Vianna . -
Rio Janeiro, 2016.
101 f. : il.

Orientadora: Sabrina Marques Parracho Sant'Anna.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais, 2016.

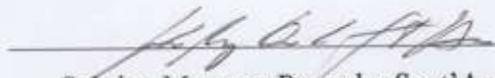
1. Museu do Amanhã. 2. Zona portuária. 3.
Revitalização. I. Sant'Anna, Sabrina Marques Parracho
, 12/05/1980-, orient. II Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

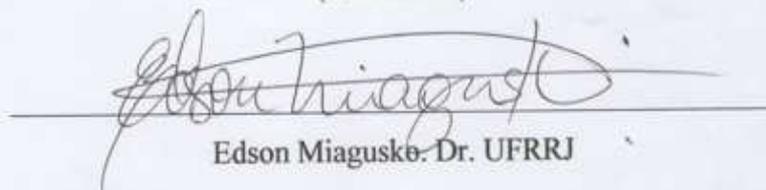
NATHÁLIA DE PAULA BERNARDO VIANNA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 24/08/2016.


Sabrina Marques Parracho Sant'Anna. Dra. UFRRJ

(Orientador)


Edson Miagusko. Dr. UFRRJ


Renata Bernardes Proença. Dra. UFRJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, avós (Carlos e Dyrce) e a Luana. Cada um ao seu modo ajudou a fazer desta caminhada um sucesso.

AGRADECIMENTOS

Sou grata por ter tantas pessoas que me ajudaram a tornar esse sonho possível. Por isso, venho aqui demonstrar a minha gratidão.

Agradeço primeiramente aos meus pais. A minha mãe que sempre foi exemplo de determinação e de amor ao conhecimento. A meu pai por não medir esforços para tornar minhas escolhas acadêmicas possíveis.

Ao meu avô Carlos de Azevedo Bernardo que me apoiou desde o início da vida acadêmica. Fez parte da construção da minha educação. A minha vó Dyrce de Paula Bezerra que ajudou na minha educação e que ainda hoje me ajuda sempre que possível.

A Luana Aparecida de Oliveira Silva, que me ajudou a manter a calma nos momentos difíceis. Sendo sempre paciente e carinhosa, me motivando e me mantendo focada na construção do meu trabalho.

A Mariana do Nascimento Fuly, minha amiga de infância que me ensinou como é importante o valor da amizade. A Luciane Andrade, amiga com quem sempre posso contar. A Izadora de Paula, ainda que distante se fez presente. A Manuela Braga que fez parte dessa trajetória oferecendo força e diálogo para um melhor aproveitamento do meu trabalho.

A professora Sabrina Parracho Sant'Anna, uma pessoa maravilhosa, que sempre acreditou no meu potencial acadêmico. Esteve sempre disposta a ajudar quando a caminhada se mostrava árdua.

Agradeço imensamente a todo que fizeram parte desta caminhada e que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal.

RESUMO

VIANNA, Nathália de Paula Bernardo. **Museu do Amanhã e as Novas Curadorias por um Olhar Sociológico**. 2016. 106p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

O presente trabalho apresenta uma análise do Museu do Amanhã, o museu de acordo com o conceito atribuído a ele é considerado um museu de possibilidades. Pois tem como objetivo permitir que o indivíduo por meios de suas ações no presente vislumbre os próximos 50 anos. A construção do Museu do Amanhã faz parte da Revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro e tem como parceiros o governo municipal, estadual e federal, além de contar com parcerias privadas, de instituições como bando Santander e Fundação Roberto Marinho. O intuito de transformar a zona portuária remetendo a meios culturais se coloca como uma tentativa de inserir a região como mais um ponto turístico da cidade. Assim, a ideia da cultura como mais um mercado a ser aquecido traz a discussão de como vem perdendo seu valor para se transformar em mais um produto. A região vem sendo prepara para se tornar mais um polo de economia criativa. Não é de hoje que os museus vem sendo suporte para as revitalizações da cidade em todo mundo essa pratica vem sendo muito utilizada. Desta forma o Museu do Amanhã se coloca nesta posição sendo parte das mudanças históricas que vem ocorrendo nos espaços museico, tendo como catalisador as mudanças sociais. Assim, o objetivo deste trabalho é pensar as instituições como o Museu do Amanhã se colocam frente a um local de memória ou espetáculo ao ser pensado sobre o viés da Indústria Cultural. Outro ponto importante de ser analisado é entender como as instituições museicas têm sido acionadas com a intenção de transformar espaços urbanos. Essas questões abri caminho para se melhor entender como essas instituições formulam seus acervos e sua interação com os visitantes. Para se pensar essas questões foram utilizados artigos, entrevistas, bibliografia e etnografia. Após o levantamos dos dados foi possível inferir que ainda é muito recente para se fechar por completo todas as questões levantadas, contudo é possível perceber como as disputas entre os atores sociais configuraram o projeto norteando o que consideram como futuro para Zona Portuária do Rio.

Palavras-chave: Museu do Amanhã, Zona portuária, Revitalização.

ABSTRACT

VIANNA, Nathália de Paula Bernardo. **Museu do Amanhã and the New Curatorships from a Sociological View**. 2016. 106p. Dissertation (Master Science in Social Sciences).). Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

This work presents an analysis about the Museu do Amanhã, inaugurated in 2015, during the renovations of the urban intervention for the Olympic Games of 2016. The Museu do Amanhã can be classified as science and technology museum, accordingly with the concept that has been given to it, and also can be assigned as a museum of possibilities, because it allows the visitor to have an overview of the next 50 years. The Museu do Amanhã construction makes part of the Revitalization process of the Port Zone of Rio de Janeiro, having as partners the local, the state and the federal government and also some private institutions as Santander Bank and Roberto Marinho Foundation. The aim of renewing the Port Zone by inserting new cultural elements is an attempt of make the region one more touristic attraction to the city. Since 2008, this area has been prepared to become another space of creative economy. It has been a while that museums are being used as support for the cities revitalizations. From the Guggenheim in Bilbao to Quai Branly in Paris, this practice has been put in action very often. This way, the Museu do Amanhã became part of the historical changes that its happening as a catalyst of social changes. So, the aim of this work is to think how new institutions present themselves as memory or spectacle spaces, in a Cultural Industry point of view. Another important point to be analysed it is to understand how this institutions has been created with the intention of modifying urban spaces. These questions help us to understand how some museums build their heap and its interaction with the public. Based on that, to study this subjected, it was used interviews, publicizing, printed material and ethnography. After surveying all the data, it was possible to conclude that its still very early to put an end in this questions, however, it is noticeable how the dispute between the social actors build the project, giving a direction in what it is considered as a future to the Port Zone of Rio de Janeiro.

Key words: Museu do Amanhã. Port Zone. Revitalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Corredor Cultural	30
Imagem 2 - Vista Frontal da Arquitetura do Museu do Amanhã	43
Imagem 3 - Acervo Digital do Museu do Amanhã	44
Imagem 4 – Avaria no globo	58
Imagem 5 - Avaria exposição “Perimetral”	59
Imagem 6 - Avaria no vidro do Museu do Amanhã	59
Imagem 7 – Churinga	63
Imagem 8 – Totem Antropoceno	65
Imagem 9 - Quai Branly arquitetura sustentável	66
Imagem 10 – Arquitetura moderna e sustentável	67
Imagem 11 – Manifestação no Museu do Amanhã	78
Imagem 12 – Mudanças na Zona Portuária	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Novas Práticas Museais	11
Museu e Cidade	18
Estrutura da Dissertação	21
1 MUSEU DO AMANHÃ: ATORES SOCIAIS E PROJETO	24
1.1. Instituições	27
1.1 Zona Portuária e Corredor Cultural	29
1.2 Museu do Amanhã e Atores Sociais	31
2 MUSEUS, MEMÓRIAS E NOVAS CURADORIAS	38
2.1 Museus, lugares de memória, espaços que suscitam sonhos	38
1.2. Entrando no Museu: práticas curatoriais	48
3 ARQUITETURA E SUA INTERAÇÃO COM O PORTO	56
4 MUSEU DO AMANHÃ, ECONOMIA CRIATIVA, INTERVENÇÕES SOBRE A CIDADE	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	83
Anexo A	83

INTRODUÇÃO

O museu do Amanhã foi aberto para políticos e pessoas envolvidas no projeto, no dia 17 de dezembro de 2015. No dia 18 de dezembro foi inaugurado para operários e moradores próximos. Desde 19 de dezembro, o museu está aberto para o público em geral.

De acordo com os materiais de divulgação da instituição, o Museu do Amanhã tem como objetivo demonstrar para os visitantes como o planeta estará dentro de 50 anos, sempre tendo como ponto de partida das ações praticadas na atualidade. No relatório de atividades do museu, publicado em outubro de 2010 a novembro de 2011, o objetivo da instituição é: “Oferecer ao público um espaço interativo de conhecimento sobre a trajetória do homem no planeta promovendo o debate sobre a construção de uma civilização sustentável”¹. O projeto do Museu do Amanhã é voltado para ser a principal atração da Zona Portuária, pois faz parte do projeto Porto Maravilha. Este projeto é responsável por preparar a Zona Portuária para os grandes eventos que ocorreram e ocorrerão no Rio de Janeiro².

O museu inaugurado na Zona Portuária do Rio de Janeiro teve sua construção iniciada no ano de 2010 e só veio a ser aberto ao público em dezembro de 2015. Devido ao Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada em 2012 pelas comemorações da Eco92, o prefeito Eduardo Paes tinha intenção de que o Píer fosse visitado pelos participantes da Terceira Cúpula da Terra (Rio+20). O museu do Amanhã seria o grande pilar do evento. Ainda no ano de 2010, teve início a fundação de estacas para a sustentação da construção e o píer foi fortalecido para suportar a estrutura do prédio. A efetiva construção do museu iniciou-se no primeiro semestre de 2011.

O projeto está baseado em uma parceria Público-Privada. Sua construção manutenção envolve empresas como o Banco Santander e Fundação Roberto Marinho (FRM), investidores da instituição. A parte operacional do museu é desenvolvida pelo Instituto de Desenvolvimento de Gestão (IDG), uma organização sem fins lucrativos, ganhadora da licitação promovida pela Prefeitura do Rio de Janeiro³. De acordo com o site da instituição IDG foi fundado como Organização Social (OS) em 2013, tendo como diretor executivo Ricardo Piquet. Segundo o site Porto Maravilha a área urbana é gerenciada pela Companhia

¹ Relatório de Atividades Museu do Amanhã – Píer Mauá – Rio de Janeiro – outubro/2010 a novembro /2011.

² Para uma análise mais detida a respeito do polo de criatividade da Zona Portuária, ver seção 4 desta dissertação.

³ Site Museu do Amanhã. Quem somos.

de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP), uma parceria pública privada, e a Concessionária Porto Novo, empresa responsável pela execução das obras e prestações de serviço da Operação Porto Maravilha. De acordo com os relatórios de atividades do Museu do Amanhã no período de novembro de 2011 a fevereiro de 2013, além da Fundação Roberto Marinho, outra fonte de recursos deriva da Secretária de Estado do Ambiente (SEA) e o Fundo Estadual de Conservação Ambiental e Desenvolvimento Urbano (FECAM).

Novas Práticas Museais

Pensar o Museu do Amanhã é analisar as modificações que vêm ocorrendo durante décadas no âmbito social, com os avanços tecnológicos e a mudança de comportamento do público, para quem, segundo algumas percepções⁴, tudo tem que ser rápido interativo. A partir dos anos 1970, da criação dos centros culturais, profundas mudanças puderam ser percebidas no espaço museológico. No Brasil, desdobramentos mais recentes destes processos levaram ao sistemático uso de novas tecnologias na curadoria dos espaços expositivos. Instituições como o Museu do Futebol e o Museu da língua portuguesa são exemplos deste movimento. O Museu do Amanhã vai além ser um museu interativo, seu acervo só é possível através da tecnologia. Sem o aparato tecnológico não é possível pensar o Museu do Amanhã.

Por ser um museu tão distinto dos museus tradicionais, o mais importante é entender o que vem a ser o Museu do Amanhã. Para que essa definição seja respondida por atores envolvidos no projeto, utilizo a definição de Leonardo Menezes coordenador de conteúdo da instituição desde 2010, que define que o Museu do Amanhã como um museu de possibilidades:

O Museu do Amanhã, para permitir a sondagem do Futuro, transita pelo passado e pelo presente, dialogando com possibilidades. O Museu do Amanhã é um ambiente de experiências, um Museu de ciências diferente. As ciências aplicadas são usadas para provocar no visitante a reflexão acerca das culturas que ocorreram e dos fatores que incentivaram ou impediram certas configurações de futuro. Ao explorar variedades do amanhã, o visitante conhece importantes tendências que moldarão o mundo nas próximas cinco décadas: as mudanças climáticas; o crescimento e a longevidade populacionais; o fortalecimento da integração regional e global; o aumento da diversidade de artefatos e a diminuição da diversidade natural; a expansão do conhecimento. O intuito é poder oferecer ao visitante um exame de alternativas, constituindo um Museu formador, uma ferramenta de educação estruturada a partir da análise de três dimensões da existência: a matéria, a vida e o

⁴ Ver seção 3 desta dissertação.

pensamento, nas amplitudes que nos coligam e nos diferenciam. Eu não estava na origem da ideia pois entrei em 2010 mas a equipe da FRM [Fundação Roberto Marinho] diz que as primeiras reuniões aconteceram em 2009 com um pequeno grupo de consultores sobre um museu da sustentabilidade. A ideia evoluiu para o projeto atual, que mantém a sustentabilidade como um dos pilares éticos do museu, além da convivência⁵.

Um dos pontos a serem analisado nesta dissertação é entender essas novas estruturas museais, e como atuarão como lugar de memória ou espetáculo. Para tal, são adotadas as perspectivas da indústria cultural relatada por Walter Benjamin e Theodor Adorno, e suas intervenções no espaço urbano. O intuito, ainda, é trazer uma reflexão sobre o entendimento das novas instituições museológica a respeito de seus acervos e interação com o público. Procurando pensar a formação dos museus a partir dos grupos de interesse a que pertencem os fundadores e formuladores da instituição.

O Museu do Amanhã não foi o primeiro projeto a ser considerado para ser construído na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Nos primeiros anos da década de 2000, houve a intenção de trazer para o Rio de Janeiro o museu Guggenheim, proposta do então prefeito César Maia. A ideia era parecida com a que, mais tarde, foi colocada em prática com o Museu do Amanhã, ou seja, revitalizar a Zona Portuária do Rio. A partir da divulgação do equipamento cultural, muitas críticas foram feitas ao projeto e o Guggenheim não foi construído. O projeto foi substituído pela Cidade das Artes, inaugurada em 2012 na Barra. No entanto, o uso de equipamentos culturais para transformar o Rio de Janeiro em uma cidade global, já tinha seu embrião no projeto César Maia. Segundo o diretor da Fundação Guggenheim, Thomas Krens em uma entrevista concedida a Ângela Pimenta, em 04 de julho de 2003, no site da BBC:

Eu acredito que a maneira como o processo evoluiu é um pouco infeliz em função da falta de comunicação sobre o espírito do projeto e quais são seus benefícios para o Rio de Janeiro. Nossa experiência em Bilbao estabelece claramente um padrão para esse tipo de operação. No Rio, esperamos que haja um impacto econômico da ordem de R\$ 1,5 bilhão nos primeiros cinco anos depois da abertura do museu. A cada ano esperamos um público de um milhão de pessoas visitando o lugar. Em termos de impostos, a cada ano a cidade e o Estado do Rio de Janeiro ganhariam cerca de R\$ 75 milhões, para não mencionar a criação permanente de algo entre 5 mil e 10 mil empregos.

Assim, o projeto da zona portuária tendo como intenção transformar a área urbana do Centro do RJ, por muito pouco não recebeu o museu Guggenheim, no início dos anos 2000. O objetivo, no entanto, não era muito diferente dos atuais discursos sobre a intervenção urbana na região. Tratava-se de transformar o repertório de equipamentos culturais na cidade, atrair

⁵ Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2015.

turismo e capitais. Na ocasião, porém, o projeto sofreu inúmeras críticas da Fundação Roberto Marinho, a mesma que hoje financia o Museu do Amanhã.

Segundo Marcus Miranda (2010), do Observatório da Imprensa:

Um bom exemplo deste procedimento, temos agora com o anúncio da construção do denominado "Museu do Amanhã", na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Há não muitos anos, *O Globo* abriu uma acirrada campanha contra a tentativa do então prefeito César Maia de construir um Museu Guggenheim exatamente no mesmo lugar em que a prefeitura agora anuncia a implantação do Museu do Amanhã⁶.

É sobre este panorama que mais tarde começa a construção do Museu do Amanhã, iniciada em primeiro de novembro de 2010. De acordo com os materiais de divulgação da nova instituição⁷ (2012), este museu tem como principal característica as ciências, ainda que tenha um formato diferente dos já conhecidos museus de História Natural ou dos de Ciências e Tecnologias (Sepúlveda, 2004).

Segundo Leonardo Menezes, responsável pela coordenação de conteúdo do Museu do Amanhã, em entrevista concedida a esta pesquisa, foi dito pela equipe da Fundação Roberto Marinho que a ideia era construir um museu sobre a sustentabilidade, até que se chegou ao que podemos averiguar no projeto atual. Ao analisar o Jornal O Globo pertencente ao grupo globo, é possível perceber o crescente interesse pelo meio ambiente e a sustentabilidade. No ano de 2012, já quando haviam sido iniciadas as negociações para a criação do museu, o jornal O Globo sofreu uma repaginação e dentre algumas mudanças houve a criação do caderno O Globo Amanhã. Publicado semanalmente, este caderno foi além da fusão de dois outros cadernos, o Planeta Terra e Razão Social, ainda trouxe temas como terra e razão social. O Globo Amanhã foi um caderno semanal que tratava de três temas importantes para sustentabilidade: meio ambiente, economia e sociedade. O caderno Planeta Terra (2002) focava nas questões ambientais enquanto o Razão social lançado no ano de 2003 tematizava a relação das empresas com o meio ambiente. O Caderno Amanhã foi publicado pela última vez no ano de 2014. Embora as temáticas do caderno já fossem tratadas pelo jornal, O Globo parecia preparar seu público para o conceito sustentabilidade que seria apresentada como futuro no conceito do museu.

Também do ponto de vista da arquitetura, imagens que associavam futuro e ecologia preparavam os espectadores como antessala discursiva. O projeto do museu de Santiago

⁶ Miranda, M. Observatório da Imprensa.

⁷ Cf, por ex, CDURP

Calatrava foi inspirado em um organismo vivo. Segundo o curador Luiz Alberto Oliveira, o arquiteto se baseou nas bromélias do Jardim Botânico⁸. Do mesmo modo, no discurso da instituição, é possível perceber a preocupação da construção de um museu sustentável. O prédio do museu ocupará 15 mil metros quadrados e, segundo um artigo publicado, por Calatrava, no Instituto de Arquitetos do Brasil⁹, o museu utilizará a água da Baía de Guanabara para climatizar o interior do museu, posteriormente a água será reutilizada nos espelhos d'água. A parte superior terá grandes estruturas de aços que ao se moverem servirá como captação de energia solar.

Também no percurso curatorial, é possível apreender a importância das ciências naturais neste projeto. O museu terá um percurso que oferecerá ao visitante uma direção a ser seguida sendo dividida em: Cosmos, Contexto, Antropoceno e Amanhã.

Conforme foi dito, na época de elaboração do projeto seria feita uma divisão em três dimensões de existência: a matéria (Cosmos e Clima), a vida (População) e o pensamento (Integração e Diversidade), “nas amplitudes que nos coligam e nos diferenciam”¹⁰. Pelo o que foi divulgado é possível entender que essas dimensões de existência serão não só separadas pelo conteúdo, mas de forma física no espaço do museu. Atualmente o museu se divide em cinco partes: cosmos, terra, antropoceno, amanhã e nós.

No que diz respeito ao conteúdo, embora o Museu do Amanhã pudesse ser alocado numa longa linhagem de museus brasileiros ligados à ciência¹¹, ao contrário dos museus nacionais centrados na história natural, o novo museu, está mais voltado à classificação da vida existente no mundo e terá como característica permitir que o visitante vislumbre o futuro nos próximos 50 anos. Segundo Sepúlveda os museus brasileiros têm certas especificidades:

Embora também houvesse importantes museus de história natural na Europa, os grandes museus nacionais não eram aqueles que mostravam a flora e a fauna de cada nação, ou mesmo do mundo, mas as riquezas culturais de cada Império. No Brasil, o Museu Nacional era o museu que guardava a riqueza natural, inicialmente, do

⁸ A esse respeito ver ponto 3.2. desta dissertação.

⁹ IAB. Museu do Amanhã. 2014.

¹⁰ Museu do Amanhã. Relatório de atividades.

¹¹ Segundo Myrian Sepúlveda (2004, p. 55), o Museu Imperial foi “primeiro museu brasileiro de história natural seguiu os critérios da universalidade do conhecimento, também presentes entre os grandes museus de história natural que se consolidavam na Europa (Lopes, 1997). No final do século XIX, o Brasil tinha aproximadamente dez museus, e, com exceção do Museu Naval e Oceanográfico (1868) e do Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os demais tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza. Além do Museu Nacional, os outros dois grandes museus brasileiros eram o Museu Paulista (1895) e o Museu Goeldi (1866)”.

Império, e, mais tarde, da República. O perfil deste museu indicava a importância dos recursos naturais para o novo Estado que se consolidava e a relação de desigualdade na constituição de perfis nacionais (Santos, 2000). (SEPÚLVEDA, 2004, p. 56).

Segundo o relatório de atividades do Museu do Amanhã elaborado pela Fundação Roberto Marinho no período de outubro de 2010 a novembro de 2011 o objetivo do museu é: “sondar o amanhã, permitindo ao visitante transitar pelo passado e pelo presente, dialogando com possibilidades. O Museu do Amanhã é um ambiente de experiências, um Museu de ciências diferentes”¹².

De acordo com Jorge Wagensberg, criador e fundador do Museu La Caixa em Barcelona e consultor do Museu do Amanhã, o museu de ciências tem como principal característica permitir que o visitante interaja e traga possibilidade de reflexão sobre o que observa.

Um museu de ciências é um espaço dedicado a fornecer um estímulo para o conhecimento científico, o método científico e a opinião científica. Essa é a definição sucinta que concentra as hipóteses funcionais tácitas do pensamento de quase 20 anos do Museo de la Ciencia de la Fundación “la Caixa” de Barcelona, e a definição que hoje expressamente resume as idéias do novo museu inaugurado no dia 23 de setembro de 2004. Isso, se assim preferir, é uma declaração de missão real do que chamaria de museologia total (WAGENSBERG, [2005?], p.1).

É sobre uma perspectiva parecida com a de Wagensberg que Leonardo Menezes conceitualiza o Museu do Amanhã. Segundo Menezes (2015), o Museu do Amanhã se distingue dos outros museus de história natural, pois não se baseia no vestígio do passado e nem se assemelha aos museus de ciência e tecnologia que evidenciam as leis das ciências. O museu do amanhã, de acordo com ele é um museu de possibilidades, que permitirá aos visitantes interagir com o museu, já que são suas atitudes que guiarão o acervo do Museu. Também Luiz Alberto Oliveira curador do museu em uma entrevista ao site Ciência Hoje do portal UOL, define o objetivo do Museu do Amanhã:

Então, pensamos em fazer um museu de ciência original, que não se contentasse em registrar fatos, como os museus de história natural, que acumulam vestígios do passado – fósseis, artefatos etc. –, nem em explicar fatos, mostrando o funcionamento das leis e os princípios da natureza como fazem os museus demonstrativos e expositivos, nem tampouco ser mais um museu exploratório, em que o visitante põe a mão na massa. A ideia do Museu do Amanhã é a de ser um museu em que a ciência é aplicada à exploração das possibilidades de construção de um amanhã, onde as pessoas são convidadas a explorar essas vias de construção de

¹² Relatório de Atividades outubro de 2010 a novembro de 2011. Relatório elaborado pela Fundação Roberto Marinho.

futuro a partir dos instrumentos que a ciência contemporânea nos oferece. A ciência nos permite elaborar uma série de cenários, cujas concretizações futuras vão depender de decisões tomadas hoje pela sociedade. Então, queremos oferecer a experiência de refletir sobre esses diferentes caminhos que se abrem e suas ações que, se empreendidas, vão viabilizar um deles ou vão nos levar para outros caminhos. Nesse sentido é um museu conceitualmente virtual¹³.

Os museus de história natural tradicionais têm como principal característica oferecer ao visitante o acesso a objetos que contam uma história, seja de uma localidade ou de um período histórico. Tais objetos são fósseis, múmias, meteoros entre outros. De acordo com Pierre Nora, os lugares de memórias são necessários pela falta da permanência da memória, sem esses lugares a história os reconstruiria sempre com a problemática da reconstrução incompleta enquanto a memória permaneceria viva e em uma constante evolução.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p.13).

Conforme Sepúlveda, num país em que a natureza tem espaço fundamental na construção da identidade nacional, os museus de história natural teriam papel fundamental nesse sentido.

Já o Museu do Amanhã vai à contramão destes museus tradicionais, pois, terá sua exposição por conta de vídeos e peças tridimensionais, entretanto, não terá nenhuma peça “autêntica”. No texto denominado “O Museu “TOTAL”, Uma Ferramenta Para a Mudança Social”, Jorge Wagensberg, apresentado no 4º Congresso Mundial de Centros de Ciência, traz a discussão de como um museu de ciência pode influenciar a reflexão na vida das pessoas sobre a ciência.

Todos os votos possuem o mesmo valor em uma democracia; e ainda assim a ciência, que é a forma de conhecimento que mais influência em nossas vidas e afeta as decisões a serem tomadas diariamente sobre questões que exercem impacto em nossa coexistência (energia, higiene, saúde, as éticas da ciência, o meio ambiente, a

¹³ CIÊNCIA HOJE. O Amanhã em nossas mãos. 2013.

tecnologia...) ...a ciência fica fora da esfera de interesse da grande maioria das pessoas. Um museu de ciências busca especialmente influenciar esse ponto em particular. Como podemos fazer isso? Temos de inventar uma nova museografia: a museografia com objetos que são reais, mas capazes de se expressarem de uma forma triplamente interativa: mutuamente interativos ("na prática" (hands-on) no linguajar atual de museu), mentalmente interativos ("mente alerta") e culturalmente interativos ("com o coração"). São objetos que contam histórias, que se comunicam entre si e com os visitantes. São objetos com eventos associados, objetos vivos, objetos que mudam. Apresentar uma pedra sedimentária simplesmente é uma coisa, associar a ela um experimento que exhibe o processo em tempo real que mostra como essa pedra foi formada é uma outra coisa. (WAGENSBERG, [2005?], p.4).

Exposições utilizando a tecnologia para apresentar o cenário do museu levantam questionamentos a respeito da importância dos objetos que perpassam por décadas, séculos e que hoje estão perdendo espaço para a tecnologia. Parece imprescindível pensar como estas mudanças afetaram o futuro dos museus. Segundo Wagensberg, existem duas formas de se refletir a esse respeito: o primeiro é a importância de ter um objeto autêntico dentro do museu, o outro é que nem sempre o objeto permite que o observador tenha uma percepção mais profunda sobre o mesmo.

Em geral, quanto mais alto o nível de realidade, melhor o item é para um museu. Mas há uma exceção. É nesse momento, por algum motivo, que o objeto cem por cento é inacessível para a percepção humana, por exemplo, por ser muito pequeno (uma célula, um vírus) ou por ser grande demais (um prédio, uma cidade). É aqui que a distorção entra: ampliar o objeto (e, portanto, reduzir o observador) ou reduzir o objeto (e fazer com que o observador cresça). É estranho, mas, na museologia, apenas a segunda opção funciona bem. Aceitamos tudo que nos coloca mais próximos da divindade, mas nos sentimos humilhados por uma tentativa de fazer o oposto. Um mundo de gesso levanta o espírito, uma bactéria gigante em papier-machê deprime-o. Na arquitetura e urbanismo, o modelo é um objeto real de alto nível. É por isso que uma exposição sem a sua taxa mínima de realidade é reduzida imediatamente a um livro a ser lido de pé, a um cinema multiplex em uma sala, um cyber-café bem simples (WAGENSBERG, [2005?], p.7).

Essa discussão apresentada por Wagensberg não é algo novo. Walter Benjamin em seu artigo "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica" faz uma distinção entre uma obra de arte autêntica, uma reprodução e a falsificação.

Enquanto, porém, o autêntico mantém sua completa autoridade em relação à reprodução manual, que em geral é selada por ele como falsificação, não é este o caso em relação a uma reprodução técnica. A razão disso é dupla. Em primeiro lugar, a reprodução técnica efetua-se, em relação ao original, de modo mais autônomo que a manual. Pode, por exemplo, na fotografia, acentuar aspectos do original acessíveis somente à lente – ajustável e capaz de escolher arbitrariamente seu ponto de vista -, mas não ao olho humano. Ou pode, com a ajuda de certos procedimentos, como ampliação e câmera lenta, fixar imagens que simplesmente se subtraem à óptica natural. Essa é a primeira razão. Além disso, em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações que são

inatingíveis ao próprio original. Sobretudo, torna possível ir ao encontro daquele que a recebe, seja na forma da fotografia, seja na do disco. (BENJAMIN, 2014, p.21).

Um dos objetos da dissertação é, portanto, entender as novas práticas curatoriais a partir do uso de novas tecnologias.

Museu e Cidade

A discussão sobre o museu é longa e pertinente, além da parte física do museu, também é necessário pensar sobre o espaço em que o museu está inserido. Sabe-se que para construção de um Museu com tais proporções, a escolha do lugar tem toda uma pertinência e é preciso investigar como espaço se transformará junto ao museu e dialogará com ele.

A Zona Portuária foi, desde a década de 1980, objeto de preocupação de agentes públicos. Identificada como área degradada e tomada mesmo como um vazio demográfico, a região foi mais recentemente alvo de intensas discussões, sendo, sobretudo, objeto de planejamento do Instituto Pereira Passos¹⁴. Já na gestão Eduardo Paes, a preparação para os Jogos Olímpicos e os grandes eventos na cidade foi usada como justificativa para a intervenção na região.

Sendo a Zona Portuária um dos objetivos centrais de reformulação da prefeitura, tornava-se indispensável inseri-la no mapa da Olimpíada e fazer com que a área recebesse participantes que de alguma forma estavam relacionados com os jogos. Desta forma ficou acordado que a região portuária receberia a Vila de Mídia e de Árbitros. No entanto, a construção da Vila de Mídia e de Árbitros teve sua localização modificada gerando uma grande discussão sobre seu impacto. Em uma entrevista ao Jornal O Globo o prefeito Eduardo Paes defende os motivos que o levaram a propor a mudança da Vila de Mídia e de Árbitros para a região portuária.

Quando eu provoquei, no final de 2009, para trazermos várias coisas das Olimpíadas para o Porto, o que eu queria era fazer com que o projeto de revitalização, que ainda estava no forno, pudesse se viabilizar. Para ele sair do forno, eu precisava de um ativismo estatal para que ele pudesse andar. De 2010 para cá, nós conseguimos fechar a operação do Porto, vender todas as Cepacs (Certificados de Potencial Adicional de Construção) e pagar todas as obras necessárias daquela PPP (Parceria Público-Privada). E hoje é o lugar da cidade onde mais tem especulação imobiliária, mais do que a Barra, e graças a Deus é assim. Ali há empresas grandes se estapeando para pegar terrenos e fazer empreendimentos. Então, a Região do Porto

¹⁴ Ver seção 4 desta dissertação.

não vai se inviabilizar porque você vai deixar de hospedar em 15 dias mil jornalistas. Mesmo retirando a Vila de Mídia, o prédio que está sendo construído vai continuar.¹⁵

Ainda segundo Paes:

Entre o prédio na Zona Portuária ficar pronto e ele ser entregue para quem comprou, é mais ou menos um ano, um ano e pouco. Ao assumir o prédio no final de 2015, teríamos que mobiliar os apartamentos e, depois do uso, recuperá-los para serem entregues aos donos. Essa conta custa cerca de R\$ 90 milhões, que não é trivial. O Comitê Organizador teria que assumir essa conta. O dia em que o Comitê apresentar déficit, o poder público terá que assumir (a conta).

No entanto, de acordo com o presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (2012 a 2013) Sérgio Magalhães em entrevista concedida ao jornal O Globo, uma parcela pequena da população seria beneficiada com as construções para os Olimpíadas, o centro do Rio poderia ter uma maior valorização com a construção das vilas de mídia e de árbitros.

Quando o Rio foi anunciado como cidade olímpica, foi levantada na mesma hora a questão da concentração exagerada de investimentos na Barra, em detrimento da cidade como todo. A Barra vai receber menos da metade das competições olímpicas. A maior parte vai acontecer em Deodoro, no Maracanã, no Engenho, no Sambódromo, e tem eventos em outras partes da cidade. Mas os investimentos em infraestrutura continuam sendo feitos em direção à Barra. Quando a prefeitura decidiu investir no Porto, isso foi sinalizado como um desejo de valorização do Centro, uma área da cidade que há décadas vem sendo esvaziada, e de melhorar o legado olímpico para toda a cidade metropolitana. Voltar atrás sinaliza muito mal, parece que as decisões estratégicas já não têm mais valor. É um retrocesso. E também muito temerário, pois neste momento há um sentimento de insatisfação generalizada, as pessoas estão chateadas com as dificuldades do cotidiano e estão constatando que os investimentos, principalmente em transporte público de massa, estão sendo feitos numa região em que uma parcela restrita da população é beneficiada.¹⁶

No entanto, o Comitê Olímpico Internacional (COI), afirmou ser desnecessária a criação de mais imóveis, já que existem quatro vilas construídas, três na região da Barra da Tijuca e uma em Deodoro. Essas mudanças trouxeram uma grande discussão, a socióloga Maria Alice Resende, por exemplo, acredita que o Rio perderá com a mudança de local para a Barra, segundo ela:

A cidade não pode ser lugar onde somente uma pessoa decide e sim, o lugar onde diversos atores definem o destino do que será modificado. O debate é o melhor

¹⁵ SEIXO, Fábio. Olimpíadas têm que servir para melhorar lugares da cidade', diz Eduardo Paes. O Globo.

¹⁶ CANDIDA, Simone. 'O planejamento da cidade não pode ser tipo ioiô', diz especialista. O Globo.

caminho. O Porto parecia tomar um bom caminho, nós, os cariocas, fomos surpreendidos com esta decisão¹⁷.

De todo modo, com o fracasso da Vila Olímpica, o foco de projetos para a região se centrou na criação de um polo de criatividade na Zona Portuária. Ao lado do Museu do Amanhã, uma série de novos equipamentos culturais vem sendo construídos na região para a consolidação da área de interesse específico. O Museu de Arte do Rio, o circuito de memória da herança africana, o AquaRio, são grandes equipamentos e como: a Casa Porto, Instituto Mesa, Saracura, e o Espaço Gamboa vêm surgindo espontaneamente na região e servindo para consolidar a imagem desejada pela prefeitura. Essa movimentação gerada pela economia criativa levou à criação do Distrito Criativo¹⁸, uma parceria entre empreendedores e a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto. Segundo o presidente da CDURP, Alberto Silva.

Uma atividade moderna que tem a ver com cultura que gera oportunidade de negócios e empregos de qualidade. Pesquisas recentes apontam que a indústria criativa vem crescendo e aumentando sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) do Estado do Rio e gera salários superiores aos de outras áreas da indústria¹⁹.

A região ainda foi palco de mais uma polêmica após a companhia das Docas anunciar a construção de um píer em Y que deveria ser localizado nos armazéns 2 e 3 na Zona Portuária. A ideia era ampliar a capacidade de receber transatlânticos, devido aos grandes eventos. O prefeito Eduardo Paes se colocou receptivo a dialogar com Companhia das Docas, em troca da abertura dos armazéns 1 e 2 ao público. A postura do prefeito foi muito criticada por arquitetos e urbanistas, pois a construção de um píer no local escolhido iria na contramão dos princípios de oferecer visibilidade à paisagem onde se encontra o Mosteiro de São Bento e o Museu do Amanhã. Essa discussão ocorreu antes da construção do Museu do Amanhã, mas de acordo com projeções era possível ver o impacto de tal construção na paisagem da Praça Mauá. Na época, a superintendente Cristina Lodi (2012), do Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN – RIO) declarou:

O Santiago Calatrava (arquiteto responsável pelo museu) teve que se adequar. Por conta do Mosteiro de São Bento, fizemos restrições e o museu não pôde ultrapassar

¹⁷ IAB. Especialistas criticam mudanças da Vila Mídia e Árbitros.

¹⁸ BOECKEL, Cristina. Distrito Criativo do Porto é criado para buscar negócios após Rio 2016. G1. 2015.

¹⁹ Jorna do Brasil. Distrito Criativo do porto será lançado dia 11 de agosto.

15 metros de altura. Não adianta alegar que o píer não terá 15 metros se os navios terão quatro vezes isso. O projeto tinha que ter passado pelo Iphan para ser aprovado. Vou fazer um ofício a Docas pedindo detalhes do píer e se nossa análise mostrar que ele atrapalha a visada para o mosteiro, poderemos embargar a obra²⁰.

Autoridades como o presidente do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural, Washington Farjado, relatou que caso o projeto fosse enviado para ser analisado daria parecer desfavorável.

O presidente das Docas Jorge Mello (2012) defendeu a construção do píer nos armazéns 2 e 3, pois de acordo com o presidente:

Existem canais de navegação na Baía, que são como avenidas subterrâneas. Se o píer fosse diante do Armazém 5 ou do 6, o canal teria que ser deslocado mais metros. Teríamos como dificuldade extra a presença de ilhotas, precisaríamos usar explosivos. Com o píer no Armazém 2, o canal será deslocado com menos transtornos e menos custos — diz o presidente de Docas. — Ele não atrapalha em nada a visão do Mosteiro²¹.

Em meio a um turbilhão de críticas o projeto foi cancelado, porém a questão de melhoria para recepcionar os cruzeiros que chegam ao Porto do Rio é o problema que precisa ser analisado.

Sob um olhar de cautela e polêmicas o projeto de revitalização vai saindo do papel e tomando forma. E diante das recentes e intensas transformações por que vem passando a Zona Portuária, outro ponto que, passou a ser considerado por movimentos sociais organizados foi o que vem se diagnosticando como um processo de gentrificação da região. No discurso dos agentes municipais, por se tratar de uma região que por tanto tempo estava abandonada, é certo que seus moradores não são mais compatíveis com a nova realidade. Com isso a substituição da população nativa vem sendo objeto de disputas e a questão deve ser analisada com cautela. Pensar o Museu do Amanhã em face dos projetos de cidade que o englobam será, portanto, também objeto deste trabalho.

Estrutura da Dissertação

Tratarei de cada aspecto mencionado em divisões que respeitarão uma sequência para um melhor entendimento como um todo. Este texto será dividido em três capítulos principais:

²⁰ ALVES, Maria Elisa. Novo local de píer em Y cria polêmica na área do Porto. O Globo. 2012.

²¹ Ibid., 2012.

“Museu do Amanhã: atores sociais e projeto”, “Museus, memórias e novas curadorias” e “Museu do Amanhã, economia criativa, intervenções sobre a cidade”.

O primeiro capítulo, “Museu do Amanhã: atores sociais e projeto”, terá como principal objeto de análise o modo como os atores sociais se organizaram para construir uma nova instituição. O foco no projeto e em suas transformações ao longo do tempo está relacionado não somente as variações de concepção no sentido arquitetônico ou curatorial – mudanças da proposta inicial em sua concepção até sua estrutura finalizada – mas também em relação aos atores sociais que estão envolvidos com o escopo do museu. Os atores sociais, aqui referidos, são aqueles que de alguma forma estão diretamente ligados ao projeto do Museu do Amanhã. Para se obter dados para análise, e constatar tais transformações foi feita coleta de materiais publicados em jornais, blogs, redes sociais, relatórios do museu e entrevistas.

No segundo capítulo “Museus, memórias e novas curadorias”, será discutida a ideia de como os museus da atualidade têm se distanciado da sua tradição museológica, tradição que tinha em seu cerne os museus da tradição. Lugares de memória que tinham como uma de suas finalidades preservar a memória de um lugar, indivíduo, época ou mesmo todos esses itens.

O terceiro capítulo “Museu do Amanhã, economia criativa, intervenções sobre a cidade”, tem como objetivo olhar para cidade e perceber como esta vem se transformando ao longo de todo o processo de intervenção urbana. O Museu do Amanhã é o grande pilar da obra, mas ele não está sozinho na região, ao seu lado está uma grande área que é alvo de intervenções, como a Praça Mauá e o Museu de Arte do Rio.

Dessa forma, este trabalho traz grandes pontos e com eles muitas perguntas e questões, as quais precisam ser analisadas minuciosamente. É importante frisar que ao longo deste trabalho o Museu do Amanhã ainda estava em processo de construção e foi inaugurado apenas recentemente, por isso nem todas as perguntas poderão ser sanadas de imediato, o que se pode ter é um caminho provável.

O desafio desta dissertação é entender as novas instituições museais, mais especificamente o Museu do Amanhã, no interior da discussão sobre a constituição de lugares de memória ou espetáculo. Trata-se de entender como as formulações e projetos se constituem no debate dos atores sociais e se cristalizam em instituições que se materializam no mundo da vida. Nesse sentido, é importante entender como as disputas entre os atores sociais são capazes de ordenar a formulação dos projetos, ganhando concretude em projetos de intervenção sobre a cidade.

A fim de que se possa entender melhor o Museu do Amanhã, foram feitas duas entrevistas com Leonardo Menezes (coordenador de conteúdo do Museu do Amanhã), e com professor Luiz Fernando Dias Duarte (professor do Museu Nacional), atualmente consultor do Museu do Amanhã. Essa entrevista serve como parâmetro de direção para um melhor entendimento de como tem sido desenvolvido o museu por aqueles que estão diretamente envolvidos com o projeto, possibilitando também perceber as mudanças de direção decorrentes da entrada e saída de agentes no projeto. Ainda que tenha me apresentado como aluna da UFRRJ e do PPGCS, não foi possível realizar entrevistas com outros atores envolvidos, no entanto, foi possível utilizar entrevistas e palestras encontradas nas mídias digitais de Luiz Alberto Oliveira e artigos redigidos por Leonel Kaz (concepção curatorial e curador do museu).

Foi ainda realizada pesquisa etnográfica na região. Ao longo da dissertação, será possível encontrar fotos que mostram as mudanças na Zona Portuária assim como a construção do Museu do Amanhã.

1 MUSEU DO AMANHÃ: ATORES SOCIAIS E PROJETO

No ano 2000, jornais publicados no Rio de Janeiro divulgaram a intenção do então prefeito César de trazer o Museu Guggenheim para a cidade, sendo o museu parte do projeto de criação de um corredor cultural na Zona Portuária. No entanto, o projeto sofreu inúmeras críticas, dentre elas, a que teve mais eficácia ressaltava o alto custo para cidade do Rio de Janeiro. De acordo com o site Canal Contemporâneo²² a estimativa para construção do museu girava no valor inicial de US\$ 28,8 milhões apenas para que se pudesse usar o nome da marca. Após críticas dos vereadores Eliomar Coelho (PT) e Mário Del Rey (PMDB) e de abertura de uma CPI Guggenheim, além de arquitetos e urbanistas, o projeto foi abandonado. Anos mais tarde, apenas o projeto da Cidade da Música foi levado adiante, não mais na Zona Portuária, como inicialmente previsto, mas na Barra da Tijuca.

Posteriormente, no ano de 2008, o presidente da Fundação Roberto Marinho e Companhia Docas do Rio, assinaram um acordo para a construção do Museu do Amanhã, ainda no mandato César Maia.

Os presidentes da Fundação Roberto Marinho, José Roberto Marinho, e da Companhia Docas do Rio, Jorge Mello, assinaram, no início da tarde desta terça-feira, um acordo de cooperação técnica para a implementação do Museu do Amanhã, que será construído nos armazéns 5 e 6 do Cais do Porto²³.

O Museu do Amanhã diferente do projeto Guggenheim não sofreu críticas, muito pelo contrário, foi apoiado por aqueles que fizeram críticas ferrenhas ao museu Guggenheim. Entre os anos de 2011 e 2013 durante a iniciação científica eu e a aluna Analine Molinário Procópio levantamos materiais de notícias veiculadas em grandes e pequenas mídias (blogs, sites e jornais) referentes ao projeto Porto Maravilha, o Museu de Arte do Rio e Museu do Amanhã. Em um total de 124 material (matérias e artigos) 6 faziam críticas ao Porto Maravilha. As críticas em sua maioria foram publicadas por mídias de média visibilidade. Nos grandes meios de comunicação, a construção dos museus era vista com otimismo.

De imediato é possível perceber a importância dos atores envolvidos no projeto para determinar e direcionar seu caminho. O Museu do Amanhã faz parte do projeto Porto Maravilha que tem como objetivo reurbanizar a Zona Portuária do Rio. Especificamente o

²² Matéria originalmente publicada no Globo Online do dia 24 de novembro de 2005.

²³ ALENCAR, Emanuel. Fundação Roberto Marinho e Docas assinam acordo para estudos do Museu do Amanhã, na Zona Portuária. Jornal Extra.

Museu do Amanhã teve durante sua idealização e construção a participação de pessoas que foram determinantes para traçar o rumo perfil do museu, ainda que se pudesse perceber a existência de um grupo que tem um poder maior sobre o projeto.

Segundo Leonardo Menezes, que faz parte da equipe curatorial do Museu do Amanhã, a ideia da construção do Museu do Amanhã ao que tudo indica partiu do presidente da Fundação Roberto Marinho, José Roberto Marinho, que em um primeiro momento teve como ideia criar um museu voltado para a sustentabilidade.

Em uma entrevista ao site da revista Época, José Roberto explica o porquê de se investir em um Museu de Ciência.

Uma lacuna grande no Brasil. Estamos muito defasados no interesse em ciência e tecnologia em relação a outros países. Precisamos provocar nos jovens maior interesse. É importante porque essa área estará presente nas profissões do futuro. Aliás, teremos um laboratório voltado para as profissões do futuro no museu²⁴.

A construção do Museu do Amanhã, bem como toda a revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro, tem como parceiros o governo municipal, estadual e federal. Mas a construção do Museu do Amanhã também conta com incentivos privados de grandes instituições como banco Santander e Fundação Roberto Marinho – o Porto Maravilha é hoje considerado a maior parceria público-privada do Brasil²⁵.

Segundo o site do Museu do Amanhã:

O Museu do Amanhã é uma iniciativa da Prefeitura do Rio, concebido e realizado em conjunto com a Fundação Roberto Marinho, instituição ligada ao Grupo Globo, tendo o Banco Santander como Patrocinador Master. Conta ainda com a BG Brasil como mantenedora e o apoio do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado do Ambiente, e do Governo Federal, por intermédio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). A instituição faz parte da rede de museus da Secretaria Municipal de Cultura. O Instituto de Desenvolvimento de Gestão (IDG) é responsável pela gestão do Museu²⁶.

No ano de 2008, nas eleições para prefeito do Rio de Janeiro, já era possível encontrar planos para a Revitalização da Zona Portuária. O que chama atenção, é que grande parte dos meios de comunicação destacam os acontecimentos da Revitalização da Zona Portuária a partir do ano de 2009, especificamente depois da eleição para o primeiro mandato de Eduardo

²⁴ MANSUR, Alexandre. José Roberto Marinho: “Ele será sempre um museu do amanhã”. ÉPOCA.

²⁵ Prefeitura do Rio de Janeiro. Porto Maravilha.

²⁶ MUSEU DO AMANHÃ. Sobre o Museu..

Paes. Porém, o projeto é ainda anterior ao governo de Paes, o qual, antes de ser eleito era secretário de meio ambiente do prefeito Cesar Maia, além de subprefeito da Barra no mandato Cesar Maia (1993-1997).

Ao analisar o governo então vigente e o que estava por vir, é notória a preocupação em transformar o Centro e a Zona Portuária. No plano de governo dos candidatos à prefeitura em 2008 Eduardo Paes (PMDB), Vinicius Cordeiros (PT do B) e Filipe Pereira (PSC) eram claras as intenções de revitalizar a Zona Portuária, embora mencionassem interesse em melhorar todo centro do Rio. Os outros candidatos que concorriam a prefeito do Rio referiram-se ao centro do Rio como um lugar que precisava ser transformado para atrair turismo, porém, não se referiam a Revitalização da Zona Portuária. O candidato Chico Alencar (PSol) foi claro ao dizer que todos os problemas do Rio não estavam dissociados do restante da cidade do Rio. A candidata Solange Amaral (Dem) tinha como proposta revitalizar a Cinelândia e reurbanizar a Praça Tiradentes além de apoiar novos quarteirões culturais. O candidato Fernando Gabeira não apresentava proposta de revitalização, mas a construção de polos para melhorar o desenvolvimento da cidade, o primeiro polo seria a Zona Portuária.

Chamam aqui a atenção dois pontos fundamentais. De um lado, Solange Amaral apresentada como candidata à sucessão de César Maia pelo DEM não se referia à região como ponto relevante de seu plano de governo. Decerto visando evitar os desgastes que a associassem ao fracasso Guggenheim, a então candidata se referia vagamente à criação de “novos Quarteirões Culturais”²⁷. De outro, Eduardo Paes era o candidato que mais fortemente se colocava o problema da revitalização da região. Em entrevista concedida ao Diário do Rio em 2008, dizia Paes:

Outro importante aspecto do Centro do Rio que queremos tem a ver com a revitalização de áreas degradadas da região, como a Zona Portuária que, a exemplo do que já ocorre na Lapa, pode transformar-se num centro irradiador de cultura. O movimento que assistimos hoje na Lapa nasceu da visão de empresários e de produtores culturais, sem qualquer apoio da prefeitura. Está na hora de mudarmos essa lógica e fazer com que o poder público se faça presente, promovendo um choque de ordem pública na região. É papel da prefeitura estimular essa vocação cultural, dando segurança às pessoas que circulam nessa região, com a presença efetiva da Guarda Municipal, que passará a atuar 24 horas, manter esses locais bem iluminados, integrando a Lapa, a Praça Tiradentes e a Cinelândia. Vamos regulamentar a ação de ambulantes e guardadores de veículos; e ampliando os espaços para estacionamento através de parcerias. Também pretendo aumentar o número de banheiros químicos em diversos pontos. Vamos garantir a isenção de tributos como IPTU e ISS para a reforma do casario tradicional e seu posterior aproveitamento, como acontece em grandes metrópoles. É possível viver no Centro

²⁷ FREIRE, Gomes, Quintino. Pergunta ao Candidato – Quais os seus projetos para o Centro do Rio. Diário do Rio

do Rio, por isso também pretendemos estimular projetos habitacionais em imóveis públicos abandonados²⁸.

De fato, Eduardo Paes fez da Zona Portuária plataforma de campanha e não deixam de ser dignos de nota os dados de doações de campanha efetuados naquele ano. Grandes construtoras como OAS e investidores como Eike Batista financiaram campanhas à prefeitura do Rio de Janeiro. No entanto, salta aos olhos que em relação a Solange Amaral, as doações feitas para a campanha de Eduardo Paes têm números muito mais elevados. OAS, por exemplo, informou duas doações à campanha de Eduardo Paes no valor de R\$200.000,00 e R\$150.000,00, tendo informado doação de apenas R\$250.000,00 para Solange Amaral. Já Eike Batista doou R\$500.000, 00 a Eduardo Paes e não apoiou a campanha do DEM. Do ponto de vista das grandes construtoras e empresários, ao que tudo indica, a campanha de Eduardo Paes parecia ter muito mais potencial para implementar as reformas urbanas que tanto beneficiaram o mercado imobiliário na cidade.

1.1. Instituições

O Museu do Amanhã é uma idealização da Prefeitura do Rio de Janeiro tendo como parceiros alguns parceiros como, Fundação Roberto Marinho e o Banco Santander. A FRM é um dos parceiros que junto a prefeitura ajudou para que o museu fosse realizado, o Banco Santander é um dos maiores financiadores do museu. A BG Brasil é mantenedora do Museu do Amanhã. Além de contar com o apoio do Governo do Estado, “o apoio do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado do Ambiente, e do Governo Federal, por intermédio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep)”²⁹. A gestão do museu é feita pelo instituto de desenvolvimento de gestão.

A Prefeitura do Rio é responsável pela revitalização do porto do Rio de Janeiro, tendo como propósito a transformação urbanística da região. A revitalização foi denominada Porto Maravilha, o objetivo é movimentar uma área que a muito tempo estava abandonada tornando a região um novo ponto turístico da cidade. A ideia da prefeitura foi trazer uma nova dinâmica para região, investindo na cultura, sustentabilidade e locomoção. A revitalização ganhou

²⁸ FREIRE, Gomes, Quintino. Pergunta ao Candidato – Quais os seus projetos para o Centro do Rio. Diário do Rio.

²⁹ MUSEU DO AMANHÃ. Economia de água chega a 10 milhões de litros por dia. Acesso em 20 de abril de 2016.

grande força após o Rio ser sede de grandes eventos. O Museu do Amanhã se insere neste contexto como o novo ícone para cidade.

A gestão do Museu do Amanhã é gerida pela Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro – CDURP e o Instituto de Desenvolvimento e Gestão IDG, contrato este firmado no ano de 2015. A CDURP é respaldada pela Lei Complementar nº 102, sendo responsável por mover a interação entre os órgãos públicos e privados e a Concessionário Porto Novo – incumbido de realizar obras e serviço na Área de Especial Interesse Urbanístico (Aeiu) da Região do Porto do Rio. Segundo o site Porto Maravilha:

Cabe à Cdurp a articulação entre os demais órgãos públicos e privados e a Concessionária Porto Novo - que executa obras e serviços nos 5 milhões de metros quadrados da Área de Especial Interesse Urbanístico (Aeiu) da Região do Porto do Rio.

Enquanto gestora da operação, a Cdurp presta contas à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e participa da aprovação de empreendimentos imobiliários em grupo técnico da Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU). Também é o órgão que tem a responsabilidade de disponibilizar parte dos terrenos em sua área para o mercado.

Entre as atribuições da companhia está ainda a atuação como fomentadora do dinamismo econômico e social da região portuária delimitada pela Lei Complementar nº 101 (que criou a Operação Urbana Porto Maravilha)³⁰.

A CDURP tem ainda como objetivo transformar e oferecer novos aspectos urbanos sempre com base uma cidade sustentável.

O Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) é responsável por proporcionar a entidades públicas e privadas, a gestão de espaços, eventos e patrimônios culturais. Segundo o site da IDG.

A CDURP e a IDG são responsáveis por gerenciar o projeto Porto Maravilha, sendo que suas gestões caminham em áreas distintas. A CDURP gerencia a área urbana no qual o Museu do Amanhã está inserido, e o IDG fica a cargo de gerenciar a parte interna do Museu, no quesito divulgação de evento e exposições.

A Fundação Roberto Marinho criada em 1977, criada por Roberto Marinho hoje presidida pelo seu filho José Roberto Marinho, tem como proposta viabilizar a educação, incentivo o protagonismo, valorizam a cultura e o meio ambiente³¹. A Fundação é mantida pela família Marinho proprietária das Organizações Globo.

³⁰ Site Porto Maravilha. CDURP. 2016.

³¹ Site Fundação Roberto Marinho. A Fundação. 2016.

A Fundação em mais uma parceria público-privado aliou-se a prefeitura do Rio de Janeiro para construção do Museu do Amanhã. A instituição vem desenvolvendo inúmeras parcerias para restauração e conservação de patrimônio histórico.

Segundo José Roberto Marinho, presidente da Fundação no livro “O Museu do Amanhã”:

Constatamos que a melhor maneira de preservar era dar nova vida e acrescentar novos conteúdos a esses edifícios e monumentos públicos do país, conciliando patrimônio material e imaterial, a exemplo da instalação do Museu da Língua Portuguesa na antiga Estação da Luz, em São Paulo³².

A construção de museus pela Fundação Roberto Marinho sempre com parcerias públicas e privadas, vem crescendo ao longo dos anos, são projetos assinados pela instituição o Museu da Língua Portuguesa, o Museu do Futebol, o Museu de Arte do Rio (MAR) e em construção o Museu da Imagem e do Som.

1.1 Zona Portuária e Corredor Cultural

É notório que o projeto da Revitalização da Zona Portuária é anterior ao prefeito Eduardo Paes, ainda que este seja visto como o idealizador do projeto. A iniciativa de revitalização da Zona Portuária não é algo atual, segundo a pesquisadora Letícia Gianelli:

A primeira proposta de revitalização surgiu em 1983 e até o Porto Maravilha, acho que foram sete propostas. Foram feitos planos, projetos, mas nenhum foi colocado em prática.

Então por que o Porto Maravilha e por que agora? A questão principal é a articulação entre as três esferas de governo, que se deu a partir do governo Lula. Aproximadamente 70% dos terrenos da área portuária eram públicos e 62% eram do governo federal. Isso era um impedimento para a intervenção urbana na área, sem essa articulação, que está ligada aos megaeventos, isso não seria possível³³.

Desde os anos 2000, Augusto Ivan Freitas Pinheiro – quando foi Diretor de Urbanismo do Instituto Pereira Passos – coordenou o projeto de Revitalização da Zona Portuária. Em 1970 quando ainda fazia pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, planejou corredores culturais para o centro, e incluía o projeto da zona Portuária como foco de atenção

³² OLIVEIRA, Luiz, Alberto. Um museu singular para um futuro plural. 2016.

³³ Site A Nova Democracia. Porto Maravilha a Serviço do Capital. 2016.

do planejamento urbano na cidade. Seu projeto abrangia a região do Saara, assim nasceu o Corredor Cultural:

O Corredor Cultural nasceu de um trabalho que Augusto Ivan de Freitas Pinheiro apresentou, ainda na década de 1970, ao Institute of Housing and Urban Development, na Holanda, onde fazia uma pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Ele estava particularmente interessado na região da Saara – Sociedade dos Amigos e das Adyacências da Rua da Alfândega – e no comércio remanescente no local, apesar de todas as obras que, desde a virada para o século XX, reconfiguravam a ambiência carioca. De volta ao Rio de Janeiro, o arquiteto foi convidado para trabalhar na Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e teve uma grata surpresa. “Partiu do prefeito Israel Klabin o desejo de levar o projeto adiante.” Após publicar diversos livros, inclusive sobre o Rio de Janeiro, e trabalhar como professor universitário, atualmente ele é assessor da presidência na Empresa Olímpica Municipal³⁴.

O corredor cultural abrangia quatro áreas da região central da cidade, como é possível visualizar no mapa abaixo.



A área total do Corredor Cultural abrange 1.294.625 metros quadrados da região central da cidade. Na SAARA, permanece o traçado colonial, com lotes muito estreitos e compridos. Na Praça Quinze, monumentos intercalados de arquitetura civil e religiosa conferem um tom de nobreza ao local. E na Lapa-Cinelândia, os sobrados de inspiração eclética ganham um caráter popular, de colorido marcante.

Imagem 1 - Corredor Cultural

Fonte: Multirio

³⁴ MACHADO, Sandra. Corredor Cultural preserva memória do Rio. Multirio. 2015.

Assim sendo, o espaço urbano da região portuária sempre foi alvo de uma possível revitalização, vista como uma área abandonada e pouca frequentada. Por muitos anos a região portuária, assim como a Lapa, era vista apenas como lugar de prostituição e boemia. Muitos dos moradores do Rio não frequentavam essa área. Em 2010 os Arcos da Lapa – patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico (IPHAN) – sofreu um projeto de revitalização. Essa revitalização permeou desde o processo de impermeabilização até a implantação de um novo sistema de iluminação. Os arredores da Lapa como: Cinelândia, Rua do Lavradio, Praça Tiradentes, Largo de São Francisco e Rua da Carioca também sofreram transformações, algumas proporcionadas pelos próprios comerciantes do local que percebiam a importância de trazer mais público para o local³⁵.

1.2 Museu do Amanhã e Atores Sociais

Embora receba fortemente a marca da gestão municipal que efetivamente implementou o projeto, a revitalização não está desvinculada daqueles que tiraram do papel e passaram a colocar em prática o plano, que há muito já tinha sido pensado. Especificamente o Museu do Amanhã, que é considerado o pilar da intervenção urbana, teve ao longo do percurso uma transitoriedade de atores envolvidos no projeto. Por esse prisma é necessário pensar quem são esses atores e como foram sendo transformados à medida que o projeto foi sendo executado.

No ano de 2008, o candidato Eduardo Paes ganhou a eleição para prefeito do Rio de Janeiro, neste mesmo ano, a Fundação Roberto Marinho e a Companhia de Docas do Rio haviam assinado um acordo para construção do Museu do Amanhã. O projeto ficaria pronto no ano de 2012.

O projeto desde seu início foi dividido de acordo com os relatórios do museu e seu site em três esferas de comando, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho e o próprio Museu do Amanhã. Tendo em vista que se trata de uma parceria público-privada, logo essas divisões ajudam a enxergar em que esfera cada ator social está inserido.

Foi cedido pelo professor Luiz Fernando Dias Duarte (Professor do Museu Nacional e consultor do Museu do Amanhã) um catálogo do encontro denominado Museu do Amanhã

³⁵ A esse respeito ver dissertação de Antonio João Augusto da Costa.

Primeiras Ideias, este encontro ocorreu em maio de 2009. Os respectivos cargos aqui apontados são referentes ao ano de 2009.

Faziam parte do projeto do Museu do Amanhã pela Fundação Roberto Marinho (2009), neste encontro: Hugo Barreto (Secretário geral da FRM), foi responsável por supervisionar a concepção do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz e do Museu do Futebol e ainda participou do projeto de restauração e o espetáculo de Som e Luz da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé no Rio de Janeiro; Andrea Margit (Gerente de Meio Ambiente da FRM) foi responsável por coordenar a concepção do Conteúdo do Museu do Amanhã, é graduada em jornalismo, mestre em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV e especialização em Ciências da Informação pela Universidade de Paris II; Lucia Basto (Gerente Geral da Unidade de Patrimônio da FRM) trabalhou 12 anos como Chefe da Divisão Técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entre os projetos ajudou a projetar está: o Museu da Língua Portuguesa, Museu do Futebol, Museu Náutico, Som e Luz do Museu Imperial de Petrópolis/RJ, Casa da Cultura de Paraty/RJ dentre outros em esteve na liderança de do desenvolvimento do projeto do Museu da Imagem e do Som; Ricardo Piquet (Gerente de Desenvolvimento Institucional da FRM) sua graduação é em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade Estadual de Pernambuco e pós-graduação em Planejamento de Transporte Urbano pela JICA (Japan International Cooperation Agency) de Tóquio; Jarbas Mantovanini (Gerente de Comunicação e Gerente Regional em SP – FRM) é formado em direito pela Universidade de São Paulo, pós-graduação Master of Fine Arts em cinema na Boston University, foi colaborador no desenvolvimento de projetos dos Museus da Língua Portuguesa e do Futebol e ainda coordenou os processos de elaboração de conteúdo, pesquisa, licenciamento, produção e comunicação; Larissa Graça (Coordenadora de Projetos de Patrimônio da FRM) é formada em arquitetura pela Universidade Federal do Paraná, participou do planejamento e execução dos projetos de museus e exposições como: o Museu do Futebol e da exposição “Roberto Burle Marx 100 anos: a permanência instável” ainda neste mesmo ano atuava desenvolvendo projetos preliminares do Paço do Frevo e dos novos MIS; Marcia Panno (Coordenadora de Projetos de Área de Meio Ambiente da FRM) tem graduação em Ciências Biológicas e é especialista em Planejamento Ambiental e em Gestão da Biodiversidade pela UFRJ, Hugo Sukman (Gerente de Imprensa e Eventos da FRM) é formado em Comunicação Social pela PUC-RIO e será o curador do novo Museu da Imagem do Som no RJ e Flavia Constant (Coordenadora de Desenvolvimento Institucional da FRM)

tem graduação em administração de empresas, pela UFRJ é mestre em bens culturais e projetos sociais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, com especialização em *database marketing* pela UFRJ.

Os demais consultores aqui citados estão ligados a instituições distintas, são eles: André Campos (Filosofia da Ciência, Universidade São Bento); José Augusto Padua (História Ecológica, UFRJ); Jorge Wagensberg (Física e Museologia, Cosmocaixa); Carlos Nobre (Clima, Inpe); Alexandre Cherman (Cosmologia, Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro); Andres Clerici (Museografia, Escritório Ralph Appelbaum); Suzana Herculano-Houzel (Neurociência – UFRJ), Laura Bueno (Cidades, PUC/Minas); Maria Alice dos Santos Alves (Biodiversidade – UERJ); Gunter Pauli (Biomimetismo - Zeri); Jayme Aranha (Antropologia – UFRJ); Sergio Besserman (Clima e economia, Câmara de Sustentabilidade do Rio de Janeiro); Hernan Crespo (Museologia – Cosmocaixa); Luiz Fernando Dias Duarte (Antropologia – Museu Nacional da UFRJ); Adalberto Verissimo (Amazônia, Imazon) e Silvio Valle (Biotecnologia – FIOCRUZ).

No ano de 2014 de acordo com o site do Museu do Amanhã, os representantes pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro eram: Pedro Paulo Carvalho Teixeira (Chefe da Casa Civil), Sérgio Sá Leitão (Secretário Municipal de Cultura) e Alberto Gomes Silva (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Porto do Rio de Janeiro – CDURP).

Pela Fundação Roberto Marinho estavam envolvidos no projeto: José Roberto Marinho (Presidente), Hugo Barreto (Secretário Geral), Nelson Savioli (Superintendente Executivo), Lucia Basto (Gerente Geral de Patrimônio e Cultura), Flávia Constant (Gerente de Desenvolvimento Institucional), Andrea Deca Farroco (Coordenadora Geral).

Os envolvidos no projeto do Museu do Amanhã eram: Santiago Calatrava (Arquiteto), Luiz Alberto Oliveira e Leonel Kaz (Concepção Curatorial), Luiz Alberto Oliveira (Curadoria), Ralph Appelbaum Associates (Concepção Museográfica), Andres Clerici – ORB (Projeto Artístico), Ruy Resende Arquitetura (Desenvolvimento do Projeto de Arquitetura e Gerenciamento de Projetos), Artífício Arquitetura e Exposições (Desenvolvimento do Projeto Museográfico), Leonardo Menezes, Maria Borba e Maurício Lissovsky (Equipe Curatorial), Jack Camelq (Equipe Técnica Coordenação de Projetos), Marcio Guerra (Produção Executiva) e Juliana Gonçalves e Paula Correia (Coordenação Técnica).

Ainda na esfera do Museu do Amanhã foi convidado, em 2014, um grupo de consultores para criar o conteúdo a ser apresentada no museu. A maior parte dos consultores

está vinculada a Universidades, e foram divididos por áreas: Cosmos e Contexto, Antropoceno e Amanhã e Consultores do Amanhã. Os responsáveis por Cosmos e Contextos são: Alexandre Cherman (Planetário do Rio), Eliana Belluzo (USP), Eliane Canedo (Urbanista), Gilvan Sampaio de Oliveira (INPE), Julia Reid (INPE), Henrique Lins de Barros (CBPF), Marcelo Gleiser (Dartmouth), Maria Alice dos Santos (UERJ), Mayana Zatz (USP), Ricardo Wazbort (FIOCRUZ). Já os responsáveis pelo Antropoceno e Amanhã são: Adriana Caúla (UFF), Alexandre Kalache (OMS), Andrew Hessel (Singularity University), Benilton Bezerra JR. (UERJ), Bernardo Sorj (UFRJ), Bruna Franchetto (Museu Nacional), David Zee (UERJ), Fátima Portilho (UFRRJ), Jorge Lopes (INT), José Augusto Pádua (UFRJ), Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional), Luiz Pinguelli Rosa (COPPE-UFRJ), Marcio Giannini (COPPE-UFRJ), Miguel Nicolelis (Duke University), Neilton Fidellis (COPPE-UFRJ), Paulo Vaz (UFRJ), Rogério da Costa (PUC-SP), Suzana Herculano-Houzel (UFRJ) e Thomas Lewinsohn (UNICAMP). Os consultores do Amanhã são: Carlos Nobre (INPE), Jorge Wagensberg (Cosmo Caixa), Michio Kaku (NYU), Paulo Mendes da Rocha (Arquiteto) e Sergio Besserman (PUC).

No ano de 2015 algumas mudanças ocorreram, houve algumas trocas nos nomes das funções, atores foram remanejados de um setor à outro, e no caso da prefeitura do Rio alguns nomes foram substituídos. Ainda é possível notar que em 2015 o nome de um dos conteúdos é trocado, antes se chamava Cosmo e Contexto é mudado para Cosmo e Terra. Em 2015 o Chefe da Casa Civil passa a ser Guilherme Nogueira Schleder, o Secretário Municipal de cultura é Marcelo Calero e o Secretário Especial de Concessões e parcerias público-privadas Jorge Arraes é inserido nos créditos do site do Museu. O Observatório do Amanhã é incluso nos créditos e os responsáveis são Charles Kent e Mayara Nobre o mesmo ocorre no Laboratório de Atividades do Amanhã é inserido o nome de Ronaldo Lemos, Alê Youssef e Alexandre Ribenboim.

A Fundação Roberto Marinho inclui a gerente de Meio Ambiente Andrea Margit nos créditos. Os que estão diretamente ligados à construção do conteúdo do museu passaram algumas modificações, como Murício Lissovsky que assumiu a equipe de conteúdo e Jack Camelq e Marcio Guerra a Coordenação Técnica.

No quesito consultores Ricardo Waizbort (FIOCRUZ), Bernardo Sorj (UFRJ), Bruna Franchetto são desvinculados do projeto. Luiz Fernando Dias Duarte não se encontra mais no Antropoceno e Amanhã e passa a ser consultor do Cosmos e Terra. Já no Antropoceno e Amanhã, Marcelo Gleiser (Darthmouth) deixa a consultoria do Cosmos e Contexto para

assumir no Antropoceno. Os demais envolvidos no ano de 2015 mantiveram-se nos setores determinado anteriormente.

Em 2016 entrou no projeto Fred Arruda (Presidente do Conselho de Administração do Museu do Amanhã), Alfredo Tomalsquim (Coordenador Associado - diretor do Observatório do Amanhã), Georgia Pessoa (Secretaria - Gerente de Meio-Ambiente da Fundação Roberto Marinho), Franklin Dias Coelho (Representantes Institucional - Secretário especial de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro), Augusto Raupp (Representante Institucional - Presidente da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), Wanderley de Souza (Representante Institucional - Presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finpe)), Débora Foguel (Representante Institucional - Representante da Academia Brasileira de Ciências (ABC)), Rosika Darcy de Oliveira (Representantes da Comunidade Acadêmica e Cultural - Academia Brasileira de Letras (ABL)), Renato Lessa (Representantes da Comunidade Acadêmica e Cultural -, presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN)), Rachel Biderman (Representantes da Comunidade Acadêmica e Cultural - diretora da seção brasileira do World Resources Institute (WRI)), Stevens Rehen (Representantes da Comunidade Acadêmica e Cultural - coordenador do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino (Idor)) e Ronaldo Lemos (Representantes do Colégio de Consultores do Museu do Amanhã - ITS). A gerente de meio ambiente Georgia Pessoa entrou no lugar da Andrea Margit que estava no projeto do Museu do Amanhã desde o início.

Em 2016 são desvinculados do site Carlos Nobre (INPE), Jorge Wagensberg (Cosmo Caixa), Michio Kaku (NYU), Paulo Mendes da Rocha (Arquiteto) e Sérgio Besserman (Puc). Atualmente é responsável pelo Observatório do Amanhã Alfredo Tomalsquim e pelo Laboratório de Atividades do Amanhã – Marcela Sabino.

É possível visualizar as mudanças ocorridas na composição dos atores envolvidos no anexo A. No que interessa a esta pesquisa, serão analisados mais detidamente os atores que efetivamente constituíram o projeto curatorial do museu. As mudanças feitas durante o projeto demonstram como o museu foi se desenhando a partir dos atores envolvidos.

A relação entre Leonel Kaz e Luiz Alberto de Oliveira, curadores da instituição, serão aqui objeto de análise mais detida. De acordo com o professor Luiz Fernando Dias Duarte – consultor do Museu do Amanhã – as participações, no projeto, tiveram uma mudança logo depois da entrada de Leonel Kaz e Luiz Alberto Oliveira. Tornou-se um projeto mais autoral do Luiz Alberto Oliveira e do Leonel Kaz mas, principalmente do Luiz Alberto. A partir de então, os consultores passaram a trabalhar apenas em seus módulos e o diálogo com os outros

pesquisadores deixou de acontecer. Nesta perspectiva, é possível perceber que o pilar das transformações na concepção do museu, iniciaram-se a partir de atores bem específicos. Suas contribuições são possíveis de serem percebidas tendo como base os currículos dos envolvidos.

Leonel Kaz, que esteve à frente do projeto do Museu do Amanhã, é conhecido por ser curador do Museu do Futebol e ter participado da concepção curatorial do Museu de Arte do Rio. Seu trabalho é conhecido pela utilização da tecnologia e de ser voltado para criação de espaços espetaculares.

Sua atuação foi fundamental para a divulgação do projeto do museu. À frente tanto da concepção inicial do Museu do Amanhã, quanto do Museu de Arte do Rio, Kaz parece ter sido responsável por pensar os museus como espaços espetaculares para a atração de grande público. Nos materiais de divulgação da instituição o curador esteve à frente do museu nos primeiros anos de sua concepção, até 2015, quando seu nome deixa de aparecer no site do Museu.

A curadoria do Museu do Amanhã é, atualmente, de responsabilidade do físico Luiz Alberto Oliveira. O curador é Doutor em cosmologia, foi pesquisador do Instituto de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica do CBPF além de ter sido professor de história e filosofia da ciência da mesma instituição. O que se percebe, tendo em vista a formação acadêmica do curador, é que ela muito dialoga com a temática do Museu do Amanhã.

As questões ligadas ao conteúdo do museu estão diretamente ligadas com a curadoria, a qual se coloca como ponto chave para se entender o que vem a ser o Museu do Amanhã. É ela que direciona o caminho que o museu seguirá e como já foi mencionado, no caso do Museu do Amanhã esse direcionamento se apresenta mais determinante. Em uma das entrevistas, o curador do museu Luiz Alberto Oliveira explicou que a ideia inicial a ser pensada para o Museu do Amanhã era de um museu ambientalista, porém, passaram a entender que um museu nestes moldes estaria limitado e por isso passou-se a pensar nas questões ecológicas de forma mais abrangente, de modo que o ponto central seria a ciência, pois, segundo o curador, a ciência é quem tem oferecido meio para que o homem faça transformações no mundo. O museu está pautado em dois eixos sustentabilidade e convivência³⁶. É de acordo com este pensamento que o museu passa da categoria de museu ecológico para museu de ciência.

³⁶ CIÊNCIA HOJE. Depois de Amanhã. 2015.

Ainda de acordo com o curador: “em nenhum lugar no mundo ao que eu saiba há um museu como o museu do amanhã”³⁷.

³⁷ CIÊNCIA HOJE. Depois de Amanhã. 2015.

2 MUSEUS, MEMÓRIAS E NOVAS CURADORIAS

2.1 Museus, lugares de memória, espaços que suscitam sonhos

O Museu do Amanhã não é apenas um museu que tem como características a interação do museu com o visitante. O museu tem como prerrogativa permitir ao visitante pensar o planeta nos próximos 50 anos, sempre tendo como ponto de partida as ações praticadas na atualidade.

Segundo o curador Luiz Alberto Oliveira:

Não queremos pensar o amanhã segundo uma visão futurista ou tecnocrática e sim criar uma visão humanista do futuro a partir de cenários plausíveis, construídos sobre escolhas e experiências individuais e coletivas. O objetivo é refletir sobre o presente, sobre a repercussão das nossas escolhas atuais para as gerações futuras. Trata-se, então, de ver o presente como um ponto de confluência entre passado e futuro³⁸.

Segundo Luiz Alberto, curador do museu em entrevista ao site Instituto Ciência Hoje, o Museu do Amanhã se enquadra em um museu de experiência, já que permite aos visitantes pensar e testar os futuros possíveis.

A questão do tempo é o ponto principal do museu e talvez o mais importante a ser entendido. Segundo o que foi divulgado em palestras pelo Luiz Alberto Oliveira, o tempo a que se refere o Museu do Amanhã não é um tempo linear, consecutivo, trata-se de um tempo no qual existem várias possibilidades abertas, e a partir das decisões tomadas hoje teremos a projeção de um determinado futuro. O museu deixa sempre em aberto o que teremos mais à frente, pois é imprescindível que ações sejam tomadas para que se possa vislumbrar um dos muitos futuros que se pode alcançar.

É por esse prisma dinâmico de projeção do futuro que o museu do Amanhã vem sendo pensado por seus idealizadores. Embora o museu já tenha sido inaugurado, ele está em constante atualização, tendo em vista que trata de assuntos que estão sempre em modificações. Desta forma, o Museu do Amanhã pode ser considerado como um projeto sempre em transição, com uma projeção futura que se perpetua. Todavia, uma das preocupações apresentada pelo Luiz Alberto é a possibilidade do museu se tornar o “museu do ontem”, pois se não houver permanente pesquisa e atualização de dados o museu pode ter informações obsoletas, assim, sua finalidade de projeção para o amanhã tornar-se-á inviável.

³⁸ MARTINS, Marília. Falhas em obras provocam derrocada do arquiteto Santiago Calatrava. 2014.

Sob este olhar é interessante pensar o grande desafio que o Museu do Amanhã parece ter que enfrentar, pois a medida que se estuda a história da museologia percebe-se a importância do acervo para a transformação e/ou contemplação da obra de arte ou objetos que se encontram no museu como forma de promover o desconforto ao indivíduo. O que não parece acontecer nos visitantes é esta transformação que o museu propõe.

A proposta do museu como já foi citada trata-se de se inferir possíveis amanhã. O curador do museu costuma explicar em suas palestras que o Museu do Amanhã é um museu de possibilidades, que permite ao visitante, a partir de suas ações praticadas no aqui e agora, que vislumbre o seu amanhã. Sobre esta perspectiva, o Museu não parece trazer essa possibilidade ao analisá-lo sobre um olhar mais amplo concomitante com a Zona Portuária.

O Brasil a muito tempo foi intitulado o país do futuro, e o Museu do Amanhã se insere neste contexto quando se é pensado a figura do museu como um dos ícones da revitalização da zona portuária, tendo como prerrogativa que se trata de um museu que vislumbra o futuro. Logo, se faz necessário refletir se os idealizadores do Museu do Amanhã têm como intenção de mostrar aos visitantes que o futuro chegou à cidade do Rio de Janeiro, contudo, está construção de pensamento de forma a inferir uma conclusão de futuro na cidade, diverge do pensamento do museu que prega as possibilidades de amanhã.

Essa postura de valorização do futuro e indiferença pelo passado remete a visão de Hannah Arendt de uma ruptura com a tradição, o que colocaria ao homem a uma condição de dificuldade a questões políticas.

O problema, contudo, é que, ao que parece, não parecemos estar nem equipados nem preparados para esta atividade de pensar, de instalar-se na lacuna entre o passado e o futuro. Por longos períodos em nossa história, na verdade no transcurso dos milênios que se seguiram à fundação de Roma e que foram determinados por conceitos romanos, esta lacuna foi transposta por aquilo que, desde os romanos, chamamos de tradição. Não é segredo para ninguém o fato de essa tradição ter-se esgarçado cada vez mais à medida que a época moderna progrediu. Quando, afinal, rompeu-se o fio da tradição, a lacuna entre o passado e o futuro deixou de ser uma condição peculiar unicamente à atividade do pensamento e adstrita, enquanto experiência, aos poucos eleitos que fizeram do pensar sua ocupação primordial. Ela tornou-se realidade tangível e perplexidade para todos, isto é, um fato de importância política. (ARENDR, 2011, p.7).

O museu abre as portas para a afirmação “o futuro chegou ao Rio”, mas a de se ponderar a importância de se saber quem é que pensa esse futuro e quem idealizou o futuro que é apresentado. O Museu que seria do Amanhã, o museu de possibilidades de futuros, não traz possibilidades para a cidade, ele é um projeto que conclui a cidade. É um projeto fechado, imposto aos moradores da cidade e que tem como prerrogativa mostrar para qualquer visitante

do porto que o futuro não é mais uma possibilidade para o Rio, mas que o futuro chegou na cidade. Entretanto, sobre esse olhar, o conceito do museu é muito distinto do que ele se tornou para cidade do Rio de Janeiro.

O Museu do Amanhã foi inaugurado no dia 17 de dezembro de 2015, a inauguração nesta data foi restrita apenas a governantes e pessoas envolvidas no projeto. No dia 18 de dezembro a visitação foi para os operários que ajudaram a construir o museu e moradores da região próxima ao museu. Somente no dia 19 de dezembro o museu foi aberto para o público em geral. O museu recebeu tanta procura para visitação que, na terceira semana após a inauguração, completou 100 mil visitantes. Em maio de 2016 o museu recebeu 500 mil visitantes segundo reportagem do jornal O DIA, isso cinco meses depois de sua inauguração, enquanto o Museu da Língua Portuguesa inaugurado no dia 21 de março de 2006, recebeu 500 mil visitantes no dia 22 de dezembro de 2006, isto é, nove meses depois de sua inauguração. Os museus mencionados, que apesar de tratarem de temas distintos, tem um enorme uso da tecnologia e por isso se torna mais fácil compreensão desses números.

Diante das metamorfoses culturais existentes, nota-se que os museus vêm se transformando ao longo dos tempos e com eles novas definições se formularam. As coleções de objetos tiveram início com os gabinetes de curiosidade, esses locais eram preenchidos com objetos de terras distantes que chegavam até os gabinetes por meio das expedições. O valor desses artefatos não estava no próprio objeto, mas sim no seu significado. Segundo Pomiam (1984):

As expedições que voltam dos países longínquos trazem, com efeito, não só mercadorias altamente vantajosas mas também todo um novo saber, e novos semióforos: tecidos, ourivesarias, porcelanas, fatos de plumas, «ídolos», «fetiches», exemplares da flora e da fauna, conchas, pedras afluem assim aos gabinetes dos príncipes e aos dos sábios [cf. Hamy 1890; Schlosser 19081. Todos estes objectos, qualquer que fosse o seu estatuto original, tornam-se na Europa semióforos, porque recolhidos não pelo seu valor de uso mas por causa do seu significado, como representantes do invisível: países exóticos, sociedades diferentes, outros climas. Todos estes objectos não têm todavia nos séculos XVI e XVII o mesmo estatuto das antiguidades. Mais do que objectos de estudo, são curiosidades. (POMIAM, 1984, p. 77).

No século XVIII e XIX, eram elementos de estudos dos antiquários e, posteriormente, foram inseridos nos métodos de pesquisa dos historiadores, desta forma, quando os gabinetes de curiosidades deixaram de existir, seu espaço foi ocupado pelos museus. É possível notar que em uma análise cronológica, as mudanças são presentes e constantes, logo, o processo metamórfico pelo qual os museus são submetidos são a forma com que estes se moldam e

ajustam aos apelos culturais de cada época e local. O Museu do Louvre é um exemplo dessas transformações, pois foi mudando a cada período histórico acompanhando sempre as mudanças de sua época e as mudanças sociais. A história do Louvre inicia-se durante o século XIII com a construção do edifício que hoje se encontra o museu. Sua arquitetura chama atenção pela sua imponência. No ano de 1793 o museu do Louvre foi inaugurado. O edifício que chegou a servir de residência real, sede de ministério, tornou-se um dos museus mais visitados do mundo. É notório que o museu do Louvre é um dos mais conhecidos no mundo por ter um vasto acervo que em sua grande maioria foi adquirido através de séculos.

Em virtude de todas as variações pelas quais os museus passam ao longo dos anos, e para que se obtenha uma definição hegemônica da definição de museu existe o ICOM – Conselho Internacional dos museus. O ICOM foi criado em 1946 junto à Unesco tendo como objetivo principal indicar normas e padrões exigidos para museus³⁹. Ao fazer uma pesquisa primária sobre as mudanças no conceito de museu foi possível perceber que em pouco tempo a definição de museu foi mudando.

No ano de 1951 o museu era definido como:

a palavra museu designa qualquer estabelecimento permanente, administrado no interesse geral com o objetivo de conservar, estudar, valorizar por diversos meios e, essencialmente, expor para o prazer e a educação do público um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científico e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários. (POULOT, 2013, p.17).

Em 1974 a definição de museu recebe um novo sentido, estabelecido pelo ICOM da seguinte forma:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite. (POULOT, 2013, p.18).

No ano de 1997 o museólogo clássico, Tomislav Sola definiu os museus como:

Um museu é uma organização sem fins lucrativos que coleciona, analisa, preserva e apresenta objetos pertencentes ao patrimônio natural e cultural de maneira a aumentar a quantidade e a qualidade dos conhecimentos. Um museu deve divertir seus visitantes e ajuda-los a se distrair. Utilizando argumentos científicos e uma linguagem moderna, ele deve ajudar os visitantes a compreender a experiência do passado. Em uma relação mútua com seus usuários, ele deve encontrar nas

³⁹ ICOM. Misiones y objetivos. 2016

experiências do passado a sabedoria necessária para o presente e o futuro. (POULOT, 2013, p.20).

No Brasil o primeiro grande museu a ser construído foi o então denominado Museu Real criado em 1818 por D. João VI. O museu que tinha em sua concepção ser um museu de história natural, atualmente é conhecido como Museu Nacional. Dessa forma, sua proposta era de guardar a riquezas naturais do Império e mais tarde o da República. Segundo Sepúlveda, no período Imperial os museus de história natural eram extremamente ligados a pesquisas acadêmica sendo muito pouco procurados pelo público em geral (Sepúlveda, 2004)

Não há estudos sobre o público desses museus durante a República Velha, mas a grande virada dada pelos museus europeus após a migração dos estudiosos das ciências naturais para as universidades, quando grandes dioramas e modelos explicativos passaram a priorizar o grande público, não parece ter sido a regra no Brasil. (SEPÚLVEDA, 2004, p.56).

Ainda segundo Sepúlveda (2004):

A distribuição desigual e hierárquica de renda e educação no país também é um fator importante a ser contemplado para compreendermos o porquê de os museus permanecerem voltados para um público mais seletivo de interessados. No Brasil, diferentemente de outros países, a função principal do museu dificilmente poderia ser associada à imposição de práticas disciplinares sobre amplos setores da população, pois o caráter de grande escala das visitas não parece ter sido uma característica a ser destacada nos museus. (SEPÚLVEDA, 2004, p. 56).

Refletindo sobre essas definições, o Museu do Amanhã não se trata e não se encaixa no padrão de um museu tradicional de história natural. Segundo o curador do Museu do Amanhã, Luiz Alberto Oliveira é um museu de experiência, pois, a partir das ações praticadas hoje, o visitante, utilizando os aparatos tecnológicos pertencentes ao museu, estabelece uma projeção para o futuro, conforme suas perspectivas e ações realizadas ao longo dos anos.

O fundamento conceitual do museu é o entendimento de que o amanhã não é o futuro. Pois se o futuro é alguma coisa que estaria lá, que já estaria lá, o amanhã está aqui, e está sempre acontecendo. E essa construção vai ser feita pelo visitante, pelas pessoas, pelos cidadãos, enquanto cariocas, enquanto brasileiros, enquanto integrantes da espécie humana⁴⁰.

No Brasil existem alguns museus que seguem essa tendência de museu interativo, com uso da tecnologia para proporcionar uma experiência interativa com coparticipação do

⁴⁰ OLIVEIRA, Luiz, Alberto. Um museu singular para um futuro plural. 2016.

visitante, o que, em tese, permitiria ao seu expectador além de observação e contemplação, uma experiência de aprendizado dinâmico. Os museus no Brasil que podem ser citados e possuem essa característica são: Cais do Sertão Luiz Gonzaga, Museu da Língua Portuguesa, Museu do Futebol, Museu da Gente Sergipana e Palácio da Liberdade.

As transformações no conceito de museologia foram variando ao longo dos anos, o que se percebe é que estas mudanças não atingiram apenas o conceito, mas também as estruturas arquitetônicas e o uso de seus acervos. No caso do Museu do Amanhã, sua arquitetura sai dos moldes tradicionais e adota um ar de modernidade, o que pode ser visualizado na Imagem 1, enquanto em seu interior, seu acervo deixa de ser físico para ganhar corpo no âmbito virtual, como pode ser observado na Imagem 2.



Imagem 2 - Vista Frontal da Arquitetura do Museu do Amanhã

Fonte: Imagem da autora

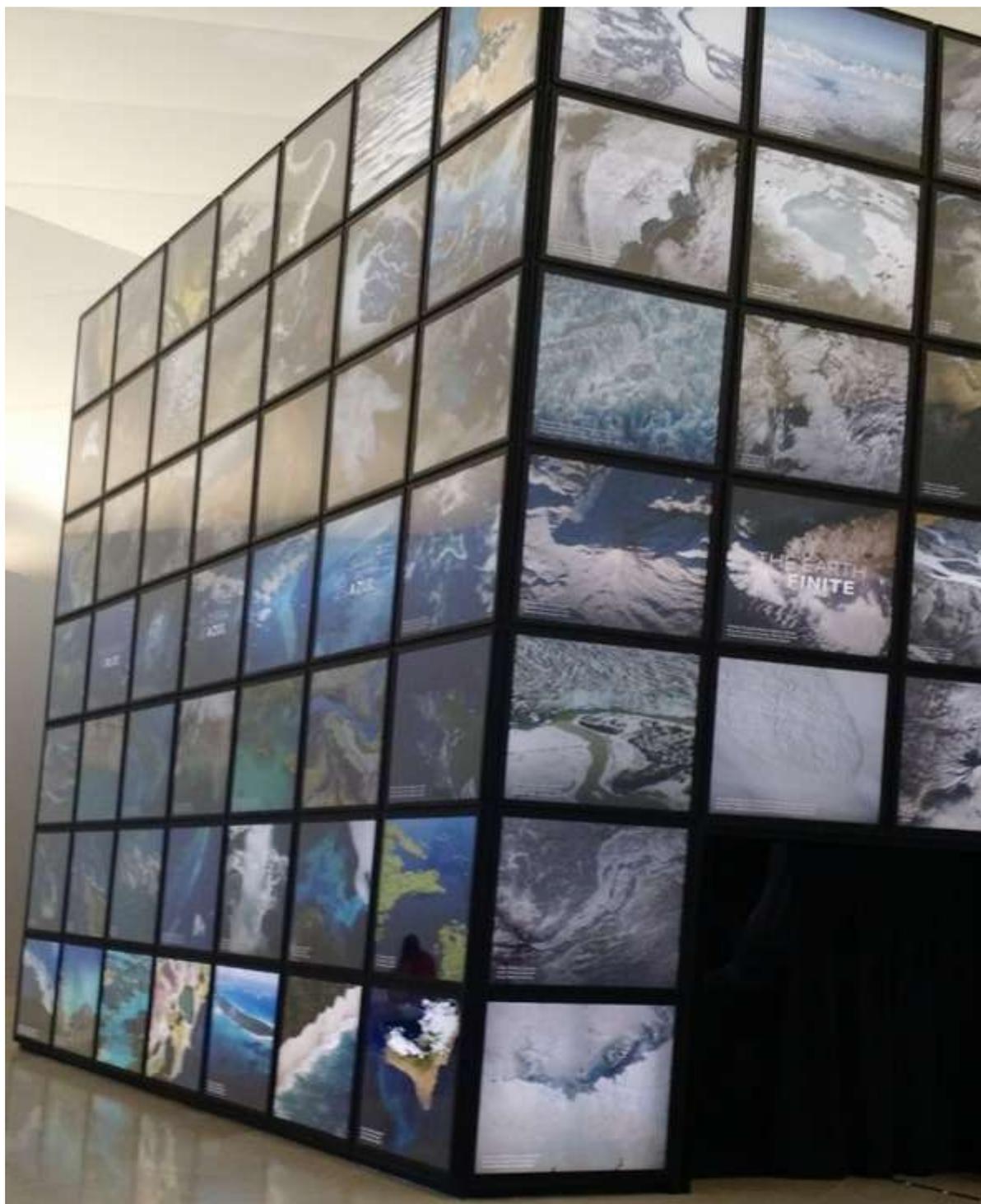


Imagem 3 - Acervo Digital do Museu do Amanhã

Fonte: Imagem da autora

Nesta perspectiva de mudanças de conceito, observa-se que as funções dos museus também se modificaram com o tempo. Tradicionalmente, o museu tinha como função a revelação, o deslumbramento da obra de arte, os indivíduos que visitavam os museus tinham que ser tocados ou mesmo instigados com o que viam. Tal perspectiva remete aos gabinetes

de curiosidade, que em sua função tinham a pretensão de mostrar seu conteúdo aos visitantes e deixá-los deslumbrados com suas peças. Benjamin descreveu este deslumbramento como espaços que levam o expectador a sonhar, em seu texto *Espaços que Suscitam Sonhos*, Museu, Pavilhões de Fontes Hidrominerais, Benjamin afirma: “Espaços que levam a sonhar no imaginário coletivo: galerias, jardins de inverno, panoramas, fábricas, gabinetes de figura de cera, cassinos estações ferroviárias.” Os espaços são os citados na obra de Benjamin e as obras são peças que levam a surpresa, pois retiram do visitante o lugar comum, do habitual, assim ocorre o deslumbramento.

Após a Revolução Francesa, os primeiros museus foram conjecturados como lugares de memória para salvaguardar símbolos das identidades nacionais (Nora, 1986, p.10). Na atualidade, a tecnologia junto com a indústria cultural – que se volta para o entretenimento – fizeram surgir uma nova perspectiva sobre os museus, voltados para tecnologias.

À medida que esses novos museus, que tem como base a tecnologia, vão surgindo, a reflexão sobre a importância do patrimônio cultural como forma de identidade de uma nação parece não ser o foco dessa nova geração de museus.

No livro “A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil” de Reginaldo Gonçalves demonstram a importância das “narrativas nacionais”, entendidas pelo autor como a construção da memória de um país. Esse discurso parece trazer uma discussão para o que vem ocorrendo especificamente com os museus, no que diz respeito à implantação dessas novas tecnologias, no que se refere ao patrimônio cultural.

Interpreto esses discursos como “narrativas nacionais”, isto é, modalidades discursivas cujo propósito fundamental é a construção de uma “memória” e de uma “identidade” a partir dos modos pelos quais determinada categoria social – intelectuais identificados como projetos nacionais de “patrimônio cultural” no Brasil – as definem segundo o empreendimento de construção da “nação” (GONÇALVES, 1996, p.13).

Também Pierre Nora, ao refletir sobre as sociedades modernas, e o fim do tempo cosmológico acentua a necessidade de estabelecer lugares de culto à memória, mausolés e datas comemorativas para a preservação da identidade nacional. Segundo ele:

Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para o futuro: quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. Ainda mais: é o modo mesmo da percepção histórica que, com ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente,

substituindo uma memória para herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade (NORA, 1986, p. 8).

O discurso desses dois autores com pensamentos contíguos contribui para uma reflexão mais equilibrada no que tange ao entendimento da importância da memória para a sociedade. O diálogo entre Pierre Nora e Reginaldo Gonçalves, é de suma relevância para um trabalho que tem como objetivo refletir sobre a memória por um prisma museológico.

Do ponto de vista destes autores, a reflexão a respeito dos museus perpassa por suas obras, correntemente vistas como o cerne do museu, que se define tendo como parâmetro seu acervo. Tal pensamento leva diretamente ao Museu do Amanhã que não tem um acervo físico e, portanto, não tem objetos autênticos e muito menos pensa a memória. De acordo com o consultor do museu Luiz Fernando Dias Duarte o Museu do Amanhã só usará “a memória para projetar o futuro”. Atualmente a utilização da tecnologia de informação parece estar sendo uma constante entre os museus no Brasil. Logo, se percebe uma leva de museus que apresenta pouco ou nenhum acervo, tendo apenas acervo digital. Para melhor entender o presente é preciso olhar o passado. Na medida que se analisam os museus tradicionais, é possível entender os atuais.

Theodor Adorno é um dos pensadores que trazem a ideia de um museu como mausoléu. No passado os acervos, além de serem fixos, traziam uma preocupação em guardar objetos antigos. Dessa forma, Adorno compara museus a mausoléus, em que tenta congelar o objeto em um determinado tempo, retirando do observador a oportunidade de interagir com ele, sendo que, o único motivo para que isso ocorra segundo ele, é histórico. Segundo Adorno, apenas a elite possuiria uma condição financeira favorável a ponto de ter a oportunidade de contemplar verdadeiramente as obras de arte, já que estas possuem valor de mercado, que restringiria o livre acesso as obras de artes.

Outro ponto importante da teoria de Adorno que parece ser pertinente a esta pesquisa é como a discussão da indústria cultural pode ser relacionada ao Museu do Amanhã. O museu se distancia da proposta de arte contemplativa e emancipadora na medida em que a técnica utilizada é a reprodução em série de imagens digitais (mesmo que exista a necessidade do museu se manter atualizado, seu acervo é, em sua maior parte, digital). A arte neste caso perde espaço para a tecnologia que não deixa de ser reproduzida sistematicamente. Logo, o museu pode ser analisado por um viés da cultura de massa, no qual existem pessoas envolvidas em sua construção que atribuem ao museu sua ideologia. Nesta perspectiva

também se pode levar a pensar que ao ser planejado para atingir o maior número de público o museu molda-se de acordo com os seus visitantes.

Com a leituras de artigos e texto de autores como: Sepúlveda, Poulot, Sant'Anna, Huyssen e Pomian, é possível perceber que as mudanças nas instituições museicas não são recentes tendo em vistas suas coleções, arquiteturas e tudo o que constitui as instituições museológicas. Ao que tudo indica, as transformações museológicas vêm ocorrendo de forma gradativa. O que demonstra que algo tem ocorrido no âmbito social, a procura por conservar a memória e a celebração do futuro. O passado torna-se cada vez mais atual, parece ser o centro das atenções das instituições museológicas.

Tendo em vista a definição dada pelos agentes que estão inseridos no Museu do Amanhã é possível pensar o conceito das narrativas nacionais e perceber que o museu foge ao padrão de museus tradicionais, tendo em vista que seu conteúdo tende a refletir não só os atos da população do Brasil, mas como de todo o planeta. Assim, não retrata nem o presente e nem o passado da população brasileira, mas, seu conteúdo vislumbra as ações e o futuro da humanidade.

Do ponto de vista do sociólogo Adorno pode-se pensar que o Museu do Amanhã nada tem de semelhante aos museus por ele descritos. O Museu do Amanhã não tem acervo além de não ter nenhum comprometimento com o passado.

Segundo Poulot, a partir do século XXI existe um crescimento vertiginoso de museus tornando suas categorias cada vez mais amplas.

a criação ex nihilo de museus inéditos quanto a suas coleções ou a seus temas, assim como a proliferação dos museus tradicionais, alimentada pela aceleração da história. Assim, haveria um número cada vez maior de museus monográficos, oriundos de uma população crescente de artistas ou de heróis diversificados sem ter passado por um longo purgatório histórico, enquanto os museus universais, longe de renunciar à sua ambição, perseguem cotidianamente com maior empenho deu desígnio de exaustividade (POULOT, 2013, p. 35).

E a medidas que novos museus foram surgindo as críticas aos espaços museais foram tomando mais força. Por um lado, críticas que traziam a discussão sobre a elitização dos museus e no outro ponto a democratização dos museus que ganhava força com o surgimento dos centros culturais. Puxado pela vanguarda as críticas aos museus como lugares de elite e a utilização dos conceitos da indústria cultural, tentava tornar os museus lugares mais democráticos.

Assim, a crítica das vanguardas aos museus, de um lado resultou na democratização do acesso ao museu e na política de centros culturais (Sant'Anna, 2012), mas de outro, ao derrubar o panteão dos lugares de memória, possibilitou o que Mário Chagas chama de “democratização da tecnologia museu” (Chagas, 2005), se traduzindo na expansão de novos modelos *museais* como o Museu da Maré, os ecomuseus, os museus comunitários (SANT'ANNA, 2013, p.48).

A reprodução das obras de arte tão criteriosamente analisada por Benjamin, encontra um ponto positivo nos exemplares reproduzidos, na medida que os torna acessível as massas. A democratização das obras de artes ainda será discutida por autores como André Malraux, que não percebe na reprodução uma negação da obra original, essa rivalidade não é plausível na medida que a reprodução não anula o original. A reprodução apenas permitir a democratização da arte para as massas.

A reprodução não rivaliza com a obra-prima presente: evoca-a ou sugere-a. Querer rejeitá-la devido às suas fraquezas é tão inútil como era, outrora, querer rejeitar o disco. Não conduz à rejeição dos originais, como o disco não conduziu ao desprezo pelo concerto. Leva-nos a contemplar as obras-primas que nos são acessíveis, não a esquecê-las; e, sendo inacessíveis, que conheceríamos nós, sem a reprodução? (MALRAUX, 1965, p.108).

Pensar a construção do Museu do Amanhã tendo como base as falas apresentadas por seus idealizadores, parece ser compatível com a ideia de um museu que se enquadra nos moldes do pensamento da indústria cultural. O Museu do Amanhã se insere nos argumentos de uma democratização da cultura e participa de uma espetacularização ao se colocar em evidência atraindo um grande quantitativo de público. Neste sentido existem atores sociais que percebe a cultura como sendo mais um polo de consumo que cresce a cada dia e que gera um mercado de consumo cultural.

1.2. Entrando no Museu: práticas curatoriais

No momento de visita a localidade em que o museu está alocado, foram recolhidas imagens do museu, além de aproveitar a circunstância para conversar com pessoas que se encontravam na fila para entrar no museu. Através dos diálogos com os visitantes foi possível identificar que elas eram movidas ao encontro com o museu, pura e simplesmente, porque viram a divulgação deste em alguma mídia e optaram por conhecer o que seria o Museu do Amanhã.

Uma semana depois, houve a primeira visita de fato ao museu, no dia 14 de fevereiro de 2016. Neste dia novas fotos foram coletadas, tanto do interior do museu quanto do seu

exterior. Também foi feita a tentativa coletar informações a respeito das expectativas de um grupo de visitantes, objetivando extrair informações como o que eles esperavam do museu e sua percepção ao término da visita. Foi possível observar como os visitantes reagem à interatividade do museu, por ter muitas informações e a leitura ser longa, muitos visitantes não conseguem acesso a todos os aparelhos, assim sendo, ficam sem conhecer parte do que é exposto e seguem visitando aquilo que não precisa de grande tempo para visualizar.

Passado o acesso ao museu pelo átrio, chega-se à exposição principal por uma escada que leva o visitante ao segundo piso da instituição. Após aguardar na fila por alguns minutos, o espectador é introduzido pelos monitores na primeira sala da exposição permanente: Cosmos. O número de visitantes ali é limitado e os visitantes são conduzidos por um pequeno túnel, numa espécie de esfera negra, cujo interior, mantido na penumbra, é recoberto por uma tela em 360°. Introduzidos nessa espécie de útero, os visitantes são informados pelo monitor do setor educativo do museu sobre os procedimentos de emergência e a proibição do uso de equipamentos eletrônicos durante a projeção que os aguarda. Embora o uso de celulares e outros equipamentos fotográficos seja permitido e constante na maior parte dos espaços do museu, ali parece haver a expectativa da escuridão completa, imersão absoluta dos espectadores. Portal cósmico. Cúpula de observação. Espaço que suscita sonhos.

Após as informações técnicas, o monitor informa sobre a projeção que levaria os visitantes num percurso para que pudessem entender: “de onde viemos, para onde vamos? como surge o universo? universo que passa de vida a pensamento”. De um lado, o Museu do Amanhã, pensado como museu de ciência, de outro, “um museu de ciência diferente” com pretensões de encarar a ciência como uma nova cosmologia. Uma cosmogonia em que o tempo é encenado e ritualizado no espaço expositivo. Apagadas as luzes, o grupo é impactado pela projeção em 360° de filme com direção executiva de Fernando Meirelles. De acordo com o material de divulgação do museu:

Primeira experiência da Exposição Principal do Museu do Amanhã, Cosmos aborda a visão que somos feitos da mesma matéria que as estrelas, nos conectamos com o Universo e as nossas origens. Aqui o visitante já começa a lidar com as perguntas que guiarão seu percurso. Como chegamos até aqui?

Dentro de um domo, o visitante é imerso numa projeção em 360° graus, percorrendo galáxias, o coração dos átomos e o interior do Sol. Assiste à formação da Terra, ao desenvolvimento da vida e do pensamento, manifestado pela arte. A ideia é que o visitante possa experimentar dimensões da nossa existência natural que não estamos acostumados a vivenciar sem recorrer a instrumentos científicos. Do micro ao macro, das magnitudes astronômicas às escalas subatômicas⁴¹.

⁴¹ MUSEU DO AMANHÃ. Cosmos. 2016.

De fato, três questões fundamentais são apresentadas no filme e marcam a narrativa do museu sobre sua própria concepção de tempo e do amanhã em sua exposição permanente. De um lado, ao se inaugurar como uma narrativa do próprio tempo, do princípio de tudo quando a vida sequer existia, e o tempo era caos, ou a luz ainda não se fizera, o filme e o museu constroem sua própria narrativa para o começo de tudo, a partir de uma perspectiva que se pretende científica. A narrativa insere os visitantes em um tempo que os ultrapassa, que ultrapassa a humanidade e mesmo a própria existência. Passado revelado em “experiência sensorial, poética, motivadora, que nos apresenta o Cosmos como uma totalidade evolutiva, que em muito nos ultrapassa, nos abrange e nos constitui”⁴².

De outro lado, como nos informa já na entrada o monitor do museu, o que interessa ao filme é mostrar como, do “vazio”, da “luz” e da “matéria”, o universo se desdobra em vida: “Vida que é mutação e evolução. Vida que se desdobra em instinto. Vida que se desdobra em pensamento. Pensamento que imagina o Universo”⁴³. O curto-circuito do binômio que transforma vida em pensamento é o que coloca o homem mais uma vez no centro do universo e devolve ao visitante a segurança de sua duração. O clímax do filme, o pensamento, antecipa também o clímax da exposição, quando, da vida, surge o homem e assim o pensamento. O eixo central da exposição se coloca: o antropoceno. De acordo com o material de divulgação do museu: “Antropoceno é o momento central da Exposição Principal: tanto espacialmente, já que se encontra bem no meio do percurso, como em termos conceituais, pois discute nossa condição e a do planeta”⁴⁴.

Com efeito, é do antropoceno que nos encaminhamos ao fim da projeção e ao terceiro ponto que, me parece, marca a narrativa do museu: o ponto fundamental que religa passado e devir e que confere protagonismo ao espectador. Como num refrão, modificado, o clímax se repete agora na primeira pessoa do plural. Se, na segunda estrofe, o universo se desdobrava em vida, agora o mesmo enredo é repetido na primeira pessoa do singular “Somos o Universo se desdobrando. Se desdobrando em matéria, matéria em vida, vida em pensamento. Somos o pensamento que imagina o Amanhã, Amanhã que é aqui e agora”⁴⁵. As portas que se abrem, então, no parto triunfal, ritualizam o desfecho e devolvem aos visitantes, em princípio

⁴² Pode ser encontrado tais definições tanto na exposição do museu quanto no site do Museu do Amanhã (Página Cosmos, 2016).

⁴³ MUSEU DO AMANHÃ. Roteiro Portal Cósmico. 2016.

⁴⁴ Ibid., Antropoceno. 2016.

⁴⁵ Ibid., Roteiro Portal Cósmico. 2016.

tornados insignificantes em face do tempo cósmico, o protagonismo do tempo presente. Se no tempo cosmológico ao pó deveríamos retornar, o ocaso é interrompido pela moira. Como se verá, os visitantes devem se tornar heróis a lutar contra o inevitável.

De fato, transposto o portal cósmico, o visitante deve então desbravar o percurso da exposição. Cosmos, terra, vida, antropoceno, amanhã, nós. Em cada uma das instalações em cenário digital, o visitante é convidado a desdobrar os módulos apresentados na introdução. Os textos apresentados sempre na primeira pessoa do plural, enfatizando uma humanidade que nos irmana, evoca recorrentemente a origem comum e o destino compartilhado (ver imagens). Matéria, terra, vida, são a antessala da discussão fundamental do museu: o presente é o antropoceno. No site da instituição, o antropoceno define-se:

(...) Antropoceno é um termo formulado por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química de 1995. O prefixo grego “antropo” significa humano; e o sufixo “ceno” denota as eras geológicas.

Este é, portanto, o momento em que nos encontramos hoje: a Era dos Humanos. Aquela em que o Homo sapiens constata que a civilização se tornou uma força de alcance planetário e de duração e abrangência geológicas. Somos bilhões de pessoas no mundo e continuamos nos multiplicando.

Do ponto de vista biológico, trata-se de um crescimento equivalente ao de uma colônia de bactérias: um ritmo extremamente explosivo, num prazo muito curto. Nós nos planetarizamos: não existe hoje uma região sequer que não seja afetada direta ou indiretamente pelo conjunto da atividade humana. Em Antropoceno, portanto, a pergunta a ser explorada é: “Onde estamos?”, e o tempo é o “Hoje”⁴⁶.

Ao mesmo tempo em que a duração da vida humana e da experiência individual são infinitamente reduzidas em face da duração geológica, o aqui e agora se agiganta diante das conquistas e também impactos da humanidade. A música eletrônica em alto volume, as imagens que alternam construção e destruição, a escala gigantesca do cenário, tudo contribui para uma visão do antropoceno como princípio do fim do mundo tal como conhecemos. De fato, na arquitetura da exposição, o Antropoceno é o módulo mais impactante. Segundo reportagem da Época:

O clímax desse percurso são seis totens de 10 metros de altura, inclinados em direção ao centro, passando uma ideia de instabilidade. Cada totem mostra imagens e números impressionantes de como o homem transformou o planeta – e nem sempre sua interferência foi positiva. Aparecem imagens de carros e arranha-céus – e, junto com elas, números aterradores da quantidade de florestas destruídas, lixo jogado fora, rios poluídos. Ao som de música dissonante, a experiência gera desconforto (...) ⁴⁷.

⁴⁶ MUSEU DO AMANHÃ. Antropoceno. 2016.

⁴⁷ CALIXTO, Bruno. Museu do Amanhã convida a pensar sobre impacto do homem na terra. Época, 2016.

Se o museu pretende relatar que “os processos históricos permitiram que, de cerca de 5 milhões de Homo sapiens há aproximadamente 12 mil anos, chegássemos aos 7 bilhões de indivíduos que somos hoje”⁴⁸, há também ali uma advertência distópica. O futuro em aberto apresenta as duas possibilidades: (1) o fatalismo do tempo cosmológico, quando a vida e, portanto, o pensamento cessarem; ou (2) o devir *ad eternum* a se desdobrar em futuro indefinidamente. Entre um e outro, o Museu do Amanhã evita o niilismo do mundo que tende ao eterno retorno e entrega aos visitantes a possibilidade de alterar os cenários sobre os quais atuam. Trata-se, como quer Markus Schultz, de trazer à tona pesquisas que desenham futuros prospectivos a partir de projeções de dados do presente. Segundo Schultz:

A pesquisa sobre futuros não apenas leva ao debate público um conhecimento que é direcionado para o futuro; ela também intervém de modo a modificar agendas políticas ao apontar para futuros alternativos e os interesses de cenários competitivos. (Schultz, 2014, p. 86).

De fato, aderindo à construção de cenários, o Museu do Amanhã apresenta alternativas ao destino catastrófico apresentado nos totens do módulo do antropoceno. Se as projeções se baseiam num devir, cujo presente se faz no horizonte do consumo conspícuo, o último módulo do museu, dedicado ao nós, entrega aos visitantes a agência e a possibilidade de intervenção sobre o futuro. Se a primeira parte da exposição é exclusivamente dedicada à longa exibição de dados, vídeos e textos interativos, o último módulo é dedicado a apresentar o diagnóstico do comportamento de cada visitante, mapeando sua pegada sobre o mundo (Portilho, 2005) e os horizontes do impacto de cada um sobre o futuro que nos irmana.

Ao estabelecer cenários e previsões e retirar o tanto de contingência que a própria existência implica (Koselleck, 2006), o museu projeta cenários com base em um período de ampla expansão de investimentos, inclusão de setores da população em novos patamares de consumo, melhoria da qualidade de vida e envelhecimento populacional, colocando, ainda que indiretamente, uma severa crítica ao desenvolvimentismo brasileiro de última década. Ao fazê-lo de forma indireta, traz embutida a crítica quase-ideológica à matriz energética petrolífera, ao Estado de Bem-estar social, à previdência social tal como se estrutura. Em lugar do niilismo, do ócio generalizado, que fatalmente se coloca como opção ante à perspectiva do fim do mundo, o museu responsabiliza os novos consumidores por suas próprias pegadas, mas também critica um conjunto de políticas públicas pautadas na expansão de mercados e infraestrutura. Se às práticas do principal formulador do museu, o discurso

⁴⁸ MUSEU DO AMANHÃ. Antropoceno. 2016.

ambientalista pouco afeta⁴⁹, o museu pretende ainda assim fazer refletir sobre a nossa pegada cotidiana, redefinindo estilos de vida e propagandeando conscientização.

O catastrofismo não deixa de fazer ressoar, entretanto, as críticas ao malthusianismo. Se o museu enfatiza as distopias e se abstém das utopias, ficam subjacentes tanto os aceleracionistas tão mencionados por Viveiros de Castro, quanto os profetas da vida-extra mundana, em que, embora imprima severas consequências sobre a condição humana, habita, há muito, as narrativas sobre o futuro. Ao enfatizar a ação presente e a escatologia dos futuros possíveis, o museu encerra seu espaço expositivo com bela passagem de Jorge Luiz Borges:

A uns trezentos ou quatrocentos metros da pirâmide, me inclinei, peguei um punhado de areia, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais adiante e disse em voz baixa: estou modificando o Saara. O ato era insignificante, mas as palavras nada engenhosas eram justas e pensei que fora necessária toda a minha vida para que pudesse pronunciá-las⁵⁰.

Após os jogos lúdicos que medem para cada indivíduo sua propensão a uma relação adequada com o ambiente, o museu termina com a reflexão de Borges e novamente faz o visitante imergir do espaço fechado da exposição em momento contemplativo. Ao fim do espaço expositivo, o visitante se depara com o panorama cuidadosamente recortado e esculpido pelo arquiteto. Uma janela amplamente recortada defronte da Baía de Guanabara, apresenta ao espectador a paisagem contemplativa dos primeiros desbravadores. Compelido ao aqui e agora, novamente apresentado ao panorama da vista sublime, o visitante se vê agora diante da paisagem-natureza. Confrontado com a magnitude do horizonte que se estende além de Niterói e a pequenez de sua própria existência, a inevitável reflexão sobre as intervenções do homem que aqui e ali, com barcas e aviões, pontuam a paisagem, lembra que o futuro é aqui. A forma arquitetônica de Calatrava se inscreve na natureza, mas pode fazê-lo sem destruir o futuro. Sustentabilidade, palavra de ordem.

⁴⁹ Em 2005, em entrevista a O Eco, diz José Roberto Marinho, em resposta à pergunta “O ambientalismo mudou seus hábitos domésticos? Por exemplo, na hora de abrir a torneira?”

José Roberto – Nem sempre. Eu adoro tomar banho longo e no Instituto Acqua pregava que todo banho d"eve gastar no máximo 10 litros de água. Mas gosto de banho de 100 litros. Acho, porque eu acho que o banho é uma coisa. Acho que vou pedir a um engenheiro para me fazer um banho com água reciclável, que vá e volte e eu não gaste. Adoro tomar banho, adoro água. Mas, pensando bem, já mudei de hábitos, sim. Fiz, por exemplo, uma horta orgânica, no sítio que temos em São Pedro da Aldeia. Ele fica em área urbana, mas fizemos ali uma produção rural. Plantamos hortaliças, criamos carneiros e cabras, mantendo a classificação da área, que tem 1 milhão de metros quadrados, como propriedade rural. Se um dia a prefeitura quiser mudar, teremos que lotear. Seria uma pena, porque 30% daquilo é mata original costeira."

⁵⁰ Encontra-se na exposição do Museu do Amanhã.

Em uma das idas ao Museu do Amanhã, ao abordar cerca de seis visitantes que estavam na fila na entrada do museu, lhes foi perguntado o que eles esperavam do museu. O feedback dos visitantes foi que não tinham ideia de qual conteúdo que lhes seria oferecido ou do que se tratava de fato o museu. Isso demonstra que devido a publicidade entorno do museu, ocorreu uma grande procura para sua visita, porém muitos não sabiam do que se tratava e a grande maioria ignorava por completo o intuito do que o Museu do Amanhã visa oferecer, e qual o contexto que permeia o mesmo. Neste aspecto, a grande maioria não possuía expectativas contundentes sobre o museu, e/ou conhecia o assunto exposto na instituição.

Outro ponto observado é como os novos visitantes interagem com o que é exposto. Um ponto, no mínimo, curioso é que atualmente é possível entrar em museus com câmeras fotográficas ou equipamentos eletroeletrônicos que ofereçam esse recurso, o que não é diferente no Museu do Amanhã. Contudo, algo que chamou a atenção foi o fato que haviam visitantes que tinham seu olhar da exposição projetado pela lente da câmera fotográfica. Esse olhar através da lente da câmera produz uma problemática para o museu, já que sua exposição, em sua grande maioria, precisa do visitante para que o conteúdo seja exposto.

O Museu do Amanhã por se tratar de um museu voltado para públicos de diferentes níveis econômicos requer que seu conteúdo e dinâmica sejam bem analisados por seus fundadores e dispostos de forma contundente, caso contrário, este pode transforma-se em um museu que não passa nenhum tipo de questionamento aos seus visitantes. Foi feita uma pesquisa entre os dias 16 e 29 de janeiro de 2016, com 839 visitantes. A entrevista procurava conhecer o público do Museu do Amanhã. Segundo Dino Siwek, coordenador do estudo em uma matéria para o jornal O Globo: “Faz parte do nosso processo de desenvolvimento entender quem são nossos visitantes e como é a experiência deles no museu”. Mesmo que a proposta do Museu do Amanhã seja produzir nos indivíduos a reflexão sobre o futuro que pode ter, ainda assim é possível que haja perda de conteúdo, o que resultará na perda de reflexão por parte de seus visitantes. Logo, é preciso que o mecanismo interativo juntamente com o conteúdo seja bem articulado, de forma a proporcionar ao indivíduo a possibilidade de análise e reflexão.

Há uma preocupação de aproximação do museu com o público de várias formas possíveis. Uma delas permite ao visitante assistir de casa as palestras que são oferecidas no museu, desta forma, seja por falta de possibilidade de ir até a instituição ou porque o limite de pessoas foi excedido, ainda assim o conteúdo é oferecido ao público interessado. A questão é

que se por um lado essa possibilidade aproxima as pessoas do museu e de novos conhecimentos, por outro afasta no que se refere aos debates pós palestra, pois ainda que a ferramenta utilizada permita fazer perguntas, é indiscutível que exista uma barreira entre um conhecimento mediado pela tecnologia. Isso ao considerar a ferramenta tecnológica utilizada pelo museu.

Essas novas curadorias podem ser muito pertinentes e, no que diz respeito ao Museu do Amanhã, parece ser mais uma ferramenta a ser utilizada. É preciso manter as ressalvas quanto as ferramentas tecnológicas utilizadas, isso para que os vídeos não se tornem apenas mais um dentre tantos na internet, mas pelo contrário, possa ser uma extensão do museu.

As novas formas de curadorias são importantes na medida em que novos modelos de museus são apresentados, contudo, há que se levar em consideração todas as reações que surgem quando uma ação é tomada em detrimento do conhecimento. Tais ações podem se apresentar extremamente benéficas ou ser um distanciador de relações e do intercâmbio de conhecimento se a ferramenta utilizada não for própria para o que se almeja.

3 ARQUITETURA E SUA INTERAÇÃO COM O PORTO

A arquitetura do museu tem a forma de bromélias. Segundo o seu idealizador o arquiteto Santiago Calatrava fora inspirado nas bromélias do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Sua arquitetura tem preocupação com a sustentabilidade e por tal motivo o museu segue o parâmetro de aproveitamento dos recursos naturais. Dessa maneira a água da Baía de Guanabara é tratada e depois usada para ajudar no resfriamento do museu além de ser usada no espelho d'água, que se encontra na parte de trás do museu.

Em 2010, o arquiteto Santiago Calatrava foi contratado para criar o Museu do Amanhã. Segundo o prefeito Eduardo Paes: “Calatrava tem traços muito originais, e o projeto é diferente de tudo o que temos na cidade. Era o ícone de que precisávamos para a nova Zona Portuária”⁵¹. O prefeito conheceu o arquiteto após Calatrava saber que Paes tinha interesse em contratá-lo, desta forma o arquiteto prontificou-se e viajou até Roma onde o prefeito se encontrava para participar de uma reunião com o Comitê Olímpico Internacional, no ano de 2009.

Eduardo Paes conheceu o trabalho do arquiteto após uma visita a Cidade das Artes e da Ciência, em Valência, na Espanha, a cidade foi construída por Calatrava entre os anos de 1996 e 2009.

O Museu do Amanhã ocupa o espaço de 15 mil metros quadrados e em seu entorno foram construídos jardins, ciclovias e uma área de lazer, além do espelho d'água sob o museu⁵². Assim, o Museu do Amanhã totaliza uma área de 34,6 metros quadrados do Píer Mauá.

A forma da estrutura do Museu do Amanhã contribui para sua integração com a paisagem da Baía de Guanabara e os prédios ao redor. Os principais prédios dispostos nas proximidades da Praça Mauá são o Museu de Arte do Rio e o Mosteiro de São Bento, os quais ganharam visibilidade após revitalização da região. Também há que se considerar a existência, na localidade, de outros prédios importantes para a história do Rio de Janeiro, como o edifício A Noite, primeiro arranha-céu da cidade.

O arquiteto idealizador do projeto do Museu do Amanhã, Santiago Calatrava permaneceu na cidade para produzir a arquitetura do prédio. Foram feitos por ele mais de 600

⁵¹ PESSOA, Daniela. Arquiteto Espanhol Santiago Calatrava fala sobre o Museu do Amanhã e o Rio. Veja. 2015.

⁵² PORTAL 2014. Prefeitura do Rio inicia obras do Museu do Amanhã. 2011.

aquarelas ao longo do projeto. Para Calatrava “A ideia é que o edifício fosse o mais etéreo possível, quase flutuando sobre o mar, como um barco, um pássaro ou uma planta”⁵³. Segundo o arquiteto “a arquitetura do museu é pensada para além da metáfora ou mesmo do processo da construção uma arquitetura”. “É o resultado de um diálogo muito consistente para que o edifício se alie à intenção de ser um museu para o futuro, como uma unidade educativa”⁵⁴.

Calatrava é um dos grandes nomes da arquitetura na atualidade, assinou projetos como a revitalização do porto de Buenos Aires, da Cidade de Valência, além de outros projetos internacionais. Contudo, alguns projetos assinados por ele receberam críticas quanto a orçamentos elevados e falhas estruturais⁵⁵. Na cidade de Valencia o problema foi na ponte da Constituição em que foram gastos aproximadamente R\$1,5 milhão de reais para reparar problemas na ponte. Em Nova York a estação de trem no marco zero teve seu orçamento muito além do planejado e a estação de metrô foi inaugurada sete anos depois do prazo e foram gastos R\$ 4 bilhões de dólares, desta forma, tornou-se a mais cara da atualidade.

Os impasses descritos acima foram apenas alguns dos casos que ocorreram em projetos assinados por Santiago Calatrava. Segundo o curador do Museu do Amanhã Luis Alberto, Santiago Calatrava foi o arquiteto escolhido para construir a arquitetura do museu por ser experiente na construção de projetos semelhantes aos do Museu do Amanhã. A obra do Museu do Amanhã, assim como as outras, também teve seu valor elevado inicialmente, sendo que o orçamento inicial ficaria em torno de 130 milhões de reais, entretanto atingiu o valor de 215 milhões de reais. Como justificativa do alto custo, para além do orçamento inicial, a prefeitura do Rio alegou ter sido necessário reforço nas fundações do terreno que elevou o valor do projeto.

Em uma das visitas feitas ao Museu do Amanhã foi percebido um defeito no globo digital que se encontra logo na entrada no museu. O jornal da Folha de São Paulo publicou uma reportagem no qual relatava que após 40 dias da inauguração o museu apresentava problemas, como a exposição da “Perimetral” que ficou fechada um final em uma semana, e um dos vidros do prédio encontrava-se estilhaçado. Em nota enviada pelo museu, constam as alegações que: “O Museu do Amanhã possui muitos equipamentos que fazem uso de

⁵³ MUSEU DO AMANHÃ. A arquitetura de Santiago Calatrava.

⁵⁴ *Ibid.*, A arquitetura de Santiago Calatrava.

⁵⁵ MARTÍ, Silas. Falhas em obras provocam derrocada do arquiteto Santiago Calatrava. Folha. 2014.

tecnologias e, eventualmente, podem apresentar necessidade de ajustes. Tais ajustes são conduzidos com a maior agilidade possível. Em alguns casos, dependem da agenda de empresas fornecedoras especializadas”⁵⁶. A reportagem da Folha de São Paulo sugeria que os problemas apresentados no museu estavam vinculados ao projeto do arquiteto Santiago Calatrava, contudo no fim da reportagem foi realizada uma retratação, pois conforme o jornal deu a entender pelas afirmações anteriores e que o texto já tinha sido modificado.



Imagem 4 – Avaria no globo

Fonte: Imagem da autora

⁵⁶ FELLIT, Chico. Museu do Amanhã apresenta avarias 40 dias depois de sua inauguração. Folha. 2016.



Imagem 5 - Avaria exposição “Perimetral”

Fonte: Chico Felitti para Folha



Imagem 6 - Avaria no vidro do Museu do Amanhã

Fonte: Chico Felitti para Folha

Como já foi mencionada, a arquitetura do museu com sua proposta de sustentabilidade, incentiva a discussão sobre a utilização da energia solar, as novas formas da arquitetura moderna e a relação da paisagem da cidade já que a Baía de Guanabara relaciona-se com o museu. O paisagismo da parte exterior ao museu é assinado pelo escritório do Burle Marx. O jardim conta com espécies nativas e da restinga brasileira, o que favorece a Zona Costeira do Rio além da vegetação se adaptar melhor ao local. O jardim conta com 26 espécies como: ipê roxo e amarelo, quaresmeira, pau-brasil, pitangueira, arbustos nativos de restingas e palmeiras. A estrutura do museu conta com uma cobertura metálica de 3.810 toneladas, “70 metros de comprimento em direção à praça e 65 metros sobre o espelho d’água voltado para a baía –, que exigiram ensaios em túnel de vento para que a dinâmica correta estivesse garantida”⁵⁷. Ainda sobre a estrutura metálica, esta conta com 48 conjuntos móveis em forma de asas, onde foram colocadas placas fotovoltaicas. As asas se movimentam durante o dia seguindo a posição do sol, para um melhor aproveitamento da luz solar. O Museu usa esquadrias de vidros nas fachadas e esquadrias triangulares nas laterais que ajudam na utilização da luz natural. O gerenciamento do projeto de arquitetura é feito pelo escritório de Ruy Rezende Arquitetura.

O interior do Museu é dividido entre: cosmos, terra, antropoceno, amanhã, nós, galerias laterais e encerramento do percurso.

Cada espaço tem um conjunto de consultores que ajudam a criar o conteúdo que é exposto no museu. Ainda conta com um laboratório de atividades do amanhã, neste espaço são oferecidas palestras, grupos de discussão, além de permitir que qualquer visitante, sem nenhum tipo de formação científica, possa pesquisar sobre problemas locais e globais. Segundo a Associação Americana dos Museus denomina como museu qualquer instituição que “é essencialmente educativa por natureza”. O Museu do Amanhã preenche esse requisito, pois é inerente ao museu a função educativa.

De fato, por volta de 88% dos museus dos EUA fornecem programas educativos, centrados na arte, história, matemática ou ciência, correspondendo aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio (grades K a 12 no sistema de ensino estadunidense). O maior crescimento dos museus, na última década é, aliás, o dos museus infantis: perto de 100%. (POULOT, 2013, p.19).

⁵⁷ MUSEU DO AMANHÃ. A arquitetura de Santiago Calatrava.

O cosmos passa da matéria para o pensamento até o surgimento do homem. O contexto leva o visitante explorar os fenômenos naturais do planeta além de ajudar a entender como influenciam nas mudanças climáticas e os ciclos da vida. O antropoceno ajuda o visitante a pensar o hoje. O amanhã trabalha com o cruzamento de cinco tendências: mudanças no clima; aumento da população e longevidade; integração e diversificação crescente de pessoas, povos e regiões; crescimento do número, variedade e capacidade dos artefatos; diminuição da biodiversidade. Por fim conta com diretrizes éticas que não são possibilidade, mas afirmações a respeito das atitudes do agora.

Segundo o diretor do Museu do Amanhã:

O nosso maior problema é saber como habitar esta grande nave. O acervo permanente tem uma estruturação conceitual, que separa as ciências em cósmicas e terrestres. A primeira parte, a das ciências cósmicas, trata de tudo aquilo que é comum a toda existência material – desde a matéria de que somos feitos até o cosmos a que pertencemos –, matéria esta que não é acessível para vista desarmada. Na segunda categoria estão as ciências terrestres, que se referem a todas as dimensões da existência neste lugar particular chamado Terra. As ciências terrestres tratam da vida, do contexto, do pensamento. Há um portal das ciências cósmicas, no qual o público é retirado de sua vivência cotidiana; e há um sistema complexo que trata do contexto, do antropoceno e do amanhã. Há também, percorrendo todo o acervo do museu, uma sequência temporal – a dimensão do sempre (do cosmos) e a dimensão do ontem, do hoje e do amanhã⁵⁸.

O museu é todo tecnológico o primeiro contato com o museu ocorre pela arquitetura que chama atenção do visitante no momento em que chega na praça Mauá, de um lado o Museu do Amanhã um grande monumento que chama atenção pelo tamanho, do outro o Museu de Arte do Rio que tem sua arquitetura menos chamativa, sendo mais discreta do que o Museu do Amanhã.

Ao entrar no museu o visitante tem o primeiro contato com um globo que muda de cor e informa que a terra está em transformação, em seguida o visitante é levado em uma espécie de simulador que começa a mostrar a evolução desde a matéria até onde chegamos (hoje).

Em seguida o que se sucede é vários totens com grande variedade de informação. Muitas delas superficiais e com longos textos que não permitem que o visitante tenha tempo de ler todas as informações. Cada passo dado na exposição é registrado no cartão (inteligência artificial chamada de IRIS) que se recebe na entrada do museu. Todo o caminho percorrido é enviado para o e-mail do participante para que ele possa saber ao chegar em seu domicílio o

⁵⁸ MARTINS, Marília. Falhas em obras provocam derrocada do arquiteto Santiago Calatrava. 2014.

percurso realizado para que, caso haja interesse, possa aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto.

Segundo uma entrevista do jornal o Globo:

O Museu do Amanhã lembra uma nave viva. O corredor reto, de paredes brancas e teto ondulado, conduz o visitante a uma viagem nada convencional, que parte da criação do universo rumo ao futuro da humanidade. Logo na entrada, todos recebem um cartão que permite interagir com uma inteligência artificial, a Iris. Ela acompanha cada visita. Guarda, por exemplo, os dados que mais chamaram a atenção de quem explorou as telas táteis no exterior do Cosmos, o primeiro ambiente. Sabe quantas vezes uma pessoa brincou no Jogo do Humano, no quarto momento, o Amanhã. Registra também o que estava sendo exibido nos gráficos do Antropoceno, a terceira parte, na última vez que o visitante esteve no museu. E avisa quais informações foram atualizadas desde então⁵⁹.

Todo percurso é direcionado de forma linear o visitante percorre um caminho já determinado. O museu tem muita informação, porém pouca interação pelo que foi divulgado. Os totens que possuem mais interação são os que os visitantes mais se interessam, fazendo com que haja fila para usar o totem.

O museu tem seu conteúdo pensado para leigos e com isso o que se vê é uma tentativa de esmiuçar o conteúdo para que a maior parte das pessoas possa entender, porém o conteúdo perde por tornar os assuntos superficiais, além de ser necessário um grande tempo em cada totem já que os textos apresentados são longos.

A visita termina em uma grande oca com a única peça autêntica⁶⁰ do museu, a churinga peça da cultura aborígena australiana que tem como objetivo uma ponte entre o passado e o futuro, a transmissão de conhecimento através de gerações.

No final o visitante tem uma vista panorâmica da Baía de Guanabara, além da vista da Praça Mauá o público pode interagir com a praça além de visitar o Museu de Arte do Rio. A Zona Portuária tornou-se um lugar movimentado e toda a área comunica-se com o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio.

⁵⁹ BLOCH, Arnaldo; CARIELLO, Gabriel; ROSA, Gabriel. Museu do Amanhã por dentro por fora. 2016.

⁶⁰ Por autenticidade, refiro-me aqui ao que Benjamin descreve como sendo “O aqui e o agora do original”.



Imagem 7 – Churinga

Fonte: Imagem da autora

Para um melhor entendimento sobre como o museu pensa a respeito do futuro, será retomado o conceito do antropoceno como forma de esmiuçar o que o museu entende por seu futuro. Nesta parte da exposição, o visitante se depara com as mudanças sofridas no mundo principalmente nos últimos 250 anos. Essas mudanças demonstram como o homem se transformou e transformou o meio em que vive. De acordo com o texto da exposição, hoje

existiriam bilhões de indivíduos que consomem os recursos naturais e descartam inúmeros resíduos. Sendo assim, por meios de pesquisas científicas, o museu vai mostrando números de habitantes da terra, de resíduos que são descartados, os números de quanto a temperatura vem aumentando globalmente e como isso influencia nas mudanças climáticas. O museu usa a definição do antropoceno como sendo: “A capacidade de nossa espécie de afetar o sistema Terra em escala global caracteriza, segundo os cientistas, uma nova era geológica do planeta: o Antropoceno”⁶¹. Às projeções neomalthusianas de escassez de recursos e aumento populacional se acrescentam, contudo, possibilidades de soluções sustentáveis. Sustentabilidade, palavra de ordem no museu, coloca a catástrofe no horizonte e transforma o presente em antecâmara do futuro. Se a ideia do amanhã, em outros contextos, acena para utopias, a ideia de sustentabilidade toma um futuro que se materializa como permanência do aqui e agora. Sustentabilidade como planejamento da condição de permanência e continuidade.

⁶¹ Livro digital Museu do Amanhã.



Imagem 8 – Totem Antropoceno

Fonte: Imagem da autora

A proposta de museu sustentável não é um fato novo, na Europa o Museu do Quai Branly⁶² criado pelo arquiteto Jean Nouvel tem uma arquitetura moderna e assim como museu do Amanhã dialoga com a paisagem e com a natureza.

A construção do museu respeita as normas AQE (Alta Qualidade Ambiental) nas suas estruturas, na escolha dos materiais (madeira europeia sustentável...), na sua integração no meio urbano, num espaço feito de vegetal e de biodiversidade pela escolha das plantas e da fauna que aí habita. O desenvolvimento sustentável está no centro do projeto do museu pela sua vontade de abrir o diálogo às grandes questões da atualidade: a mundialização, a relação com o outro e o meio natural⁶³.

O Quai Branly é um museu que em sua estrutura tem uma preocupação com a sustentabilidade assim como o Museu do Amanhã. É possível inferir que a sustentabilidade nos tempos atuais passou a ser um ponto importante na construção de novos museus. Sendo o Museu um lugar de reflexão, a arquitetura tem trazido em suas construções mesmo quando a proposta do museu não é a ciências naturais visibilizar a importância da sustentabilidade. A arquitetura icônica e a preocupação da sustentabilidade são uma tendência que pode ser vista além do Museu do Amanhã e o Museu do Quai Branly.



Imagem 9 - Quai Branly arquitetura sustentável

Fonte: Ana Lisa Alperovich para Habitat

⁶² Note-se que Jean Nouvel foi o arquiteto escolhido para a construção da filial do Guggenheim no Rio de Janeiro, antes da criação do Quai Branly, em Paris.

⁶³ MUSÉE DU QUAI BRANLY. O Museu do Quai Branly uma ponte entre culturas Quai Branly. 2016.



Imagem 10 – Arquitetura moderna e sustentável

Fonte: The Urban Earth

4 MUSEU DO AMANHÃ, ECONOMIA CRIATIVA, INTERVENÇÕES SOBRE A CIDADE

O Museu do Amanhã faz parte do projeto do Porto Maravilha que tem como objetivo revitalizar a Zona Portuária do Rio de Janeiro, preparando a cidade para os grandes eventos que vem sediando. Sendo assim, a região portuária do Rio vem se transformando em um pólo criativo, com exposições, museus e shows. A ideia é que essa região, que era vista como pouco frequentada, seja ponto de visita de turistas e moradores do Rio que a muito tempo deixaram de frequentar o local. O prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, acredita que:

a arte é a ferramenta eficaz na promoção do diálogo entre pessoas, lugares e realidades diferentes, além de convidar os cidadãos a ocupar as ruas e a conviver no espaço público, reforçar a identidade, os valores e a sensação de pertencimento de uma população e de criar novas formas de pensar, novos padrões de comportamento e uma nova economia em expansão - a indústria criativa⁶⁴.

De acordo com o projeto, o Porto Maravilha leva em consideração em suas obras urbanísticas questões ambientais, sempre pensando o meio ambiente e a cidade.

A Lei Municipal nº 101/2009 criou a Operação Urbana Consorciada da Área de Especial Interesse Urbanístico da Região Portuária do Rio de Janeiro. Sua finalidade é promover a reestruturação local, por meio da ampliação, articulação e requalificação dos espaços públicos da região, visando à melhoria da qualidade de vida de seus atuais e futuros moradores e à sustentabilidade ambiental e socioeconômica da área. O projeto abrange uma área de 5 milhões de metros quadrados, que tem como limites as Avenidas Presidente Vargas, Rodrigues Alves, Rio Branco, e Francisco Bicalho⁶⁵.

O investimento inicial para o projeto Porto Maravilha ficou estimado em aproximadamente em 8 bilhões, a ideia era reocupar a Zona Portuária. Para atrair financiamento a prefeitura fez leilões de lote de CEPACS (Certificados de Potencial Adicional Construtivo) e previu um repasse de 8 bilhões após a regularização e a venda de terrenos públicos.

O Fundo de Investimento Imobiliário Porto Maravilha, da Caixa Econômica Federal, arrematou por R\$ 3,5 bilhões o lote único dos Certificados de Potencial Adicional de

⁶⁴ JORNAL DO BRASIL. Em NY, Paes defende arte como instrumento de política pública. 2015.

⁶⁵ PORTO MARAVILHA. Apresentação da Operação Urbana. 2016.

Construção (Cepacs) na Zona Portuária do Rio de Janeiro, durante leilão promovido no dia 13 de maio de 2011 pela prefeitura. Os Cepacs são títulos mobiliários, regulados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que permitem a construção de edifícios mais altos do que os limites atuais permitidos pela legislação. A operação financeira prevê que o fundo, que usa recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), revenda o direito de construção a investidores interessados e, em contrapartida, repasse ao município do Rio o total de R\$ 8 bilhões, ao longo de 15 anos⁶⁶.

O dinheiro levantado pelas CEPACS foi o dinheiro utilizado na segunda fase do projeto Porto Maravilha, pelo tempo estimado de cinco anos e a manutenção das ruas próximas a Zona Portuária por 15 anos. Ainda com essa verba, foi feita a derrubada do elevado da Perimetral, “a construção de quatro quilômetros de túneis para substituir o atual viaduto a beira-mar, a reurbanização de 70 quilômetros de vias e a reconstrução de 700 quilômetros de redes de infraestrutura urbana”⁶⁷.

O consórcio Porto Novo é formado por empreiteiras OAS, Carioca Engenharia e Odebrecht, assumiu o projeto após vencer a licitação no fim de 2010, está sob sua reponsabilidade a execução de obras de infraestrutura urbana por cinco ano e por serviços públicos, por 15 anos. Ainda que o discurso de integração ambiental seja uma constante a venda de CEPACS estimula e prevê a construção de um zoneamento de arranha-céus na região, indo na contramão dos projetos urbanísticos anteriores que controlavam o gabarito da região e de discussões recentes sobre planejamento urbanístico que, a partir de Jane Jacobs, criticam a construção de arranha-céus como responsáveis pela eliminação da vida na cidade (Jacobs, 2001). No entanto, o financiamento de campanhas por construtoras, certamente, implica adesão a planos controversos e remete aos recentes escândalos que povoaram os jornais nos últimos meses.

Segundo publicação do Jornal O globo, em matéria escrita por Chico Otávio, o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, está envolvido no escândalo do projeto Porto Maravilha. Em investigação na Operação Lava Jato, a Procuradoria-Geral da República relata que o ex-presidente da Câmara recebeu R\$52 milhões da empreiteira Carioca Engenharia para que o financiamento do FGTS-FI fosse liberado para as obras do Porto Maravilha. Ainda de acordo com a Procuradoria da República:

Segundo a Procuradoria da República, o elo de Cunha com o FGTS-FI era Fábio Cleto, indicado por ele para o cargo de vice-presidência de Fundos de Governo e

⁶⁶ NOGUEIRA, Fernando. Plano de Revitalização do Porto da Cidade Maravilhosa do Rio. 2011.

⁶⁷ Blog Fernando Nogueira Costa – Professor titular de economia da UNICAMP.

Loterias da Caixa Econômica Federal (CEF). Cleto era o representante da Caixa no Conselho Curador do FGTS, posição-chave tanto para dificultar como para facilitar a aprovação do financiamento de R\$ 3,5 bilhões para o Porto Maravilha⁶⁸.

Em nota a Caixa Econômica Federal relatou desconhecer o investimento citado.

O Museu do Amanhã é considerado o grande ícone da Revitalização da Zona Portuária fazendo parte do pacote do projeto Porto Maravilha. Os gastos especificamente com o Museu do Amanhã podem ser averiguados no relatório da Fundação Roberto Marinho, de outubro 2010 a novembro de 2011, disponível na internet. Neste, é possível identificar quais são as fontes de recursos para o planejamento e construção do Museu do Amanhã.

A execução das obras civis está sob a responsabilidade da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. A construção do Museu do Amanhã foi incluída no pacote de obras da Prefeitura que estão sendo realizadas pelo Consórcio Porto Novo através de uma PPP (Parceria Público-Privada)⁶⁹.

Segundo o presidente do banco Santander, Marcial Portela (2011), “o museu será um atrativo para o turismo, um marco cultural para a cidade e um orgulho para os brasileiros que permitirá que a economia de Rio cresça”⁷⁰.

A Fundação Roberto Marinho está à frente do projeto de arquitetura, conteúdo, museografia, produção e implantação do Museu do Amanhã. Esta estipulou um orçamento inicial, revisado pelo Governo do Estado. Um investimento de R\$8.000.000,00⁷¹ (oito milhões de reais) – Relatório de Atividades Museu do Amanhã – Píer Mauá – Rio de Janeiro de dezembro de 2011 a abril de 2012. É também ressaltado pela Fundação a existência de outros financiadores como a Secretária de Estado e Ambiente (SEA) e o Fundo Estadual de Conservação Ambiental e Desenvolvimento Urbano (FECAM). De acordo com o jornalista Luiz Franco (Folha) foram gastos para construção do Museu do Amanhã aproximadamente R\$300 milhões, após três anos de atraso nas obras.

Segundo o jornal O Dia, de 4 de março de 2015, esse investimento custará aos cofres da prefeitura do Rio R\$ 15 milhões e meio por ano, valor que é diferente das estimativas realizadas no projeto inicial do museu.

⁶⁸ REDE BRASIL ATUAL. Fundação Roberto Marinho ganha 56 mil da prefeitura para gerir museu que estava em construção. 2016.

⁶⁹ Relatório de Atividades Museu do Amanhã – Píer Mauá – Rio de Janeiro – outubro/2010 a novembro /2011.

⁷⁰ PORTO NOVO. Concessionária porto novo assume as obras do Museu do Amanhã. 2012

Para manter o Museu do Amanhã, a prefeitura do Rio gastará quase o mesmo que o governo federal desembolsa para gerir três grandes museus da cidade. Firmado entre a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Porto (Cdurp) e a Organização Social Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG), o contrato para a administração do espaço sairá por R\$ 15,584 milhões ao ano⁷².

No entanto, no discurso dos formuladores do projeto do museu, o que se percebe é uma tentativa de tornar a área da zona portuária do Rio de Janeiro em um ambiente atrativo para os cariocas, fazendo com que ela seja uma das rotas de turismo da cidade. Não por acaso, o museu terá como sede o projeto do renomado arquiteto espanhol Santiago Calatrava. Pelas falas de alguns agentes envolvidos no projeto, tudo leva a crer que o Museu do Amanhã está sendo construído como uma forma de dar mais visibilidade a Zona Portuária do Rio. É possível notar essa característica na fala do prefeito Eduardo Paes, “Essa aqui é a cereja do bolo, é o ícone maior da revitalização da zona portuária, isso aqui vai ser uma marca nova pra essa cidade, como são os arcos da Lapa, o Maracanã, o Cristo Redentor, isso aqui vai ser certamente uma nova marca da nossa cidade”⁷³.

No dia 11 de agosto deste 2015 foi lançando o Distrito Criativo do Porto que tem como eixo: negócios, infraestrutura, capacitação e cultura. O Distrito Criativo do Porto é a união de várias empresas que têm como objetivo “promover oportunidade de negócios, construir uma agenda integrada de requalificação urbana e cultural, além de realizar eventos relacionados a economia criativa”⁷⁴. De acordo com Carlo Gradim, um dos envolvidos no projeto do Distrito Criativo: “Esta é uma alternativa às antigas formas econômicas, que leva em conta a preservação do patrimônio, desenvolvimento da cultura e integração cultural. É uma porta que se abre para o desenvolvimento e criação de bens culturais.”⁷⁵

A revitalização da Zona Portuária atinge também os imóveis e para apoiar as transformações foi criado o Programa Carioca Local que tem como objetivo mudar as regras urbanísticas e fiscais. De acordo com o secretário executivo de coordenação de governo, Pedro Paulo:

o programa tem como principais objetivos estimular a construção de moradias, ocupar imóveis abandonados, subaproveitados ou ociosos, incentivar negócios tradicionais e, ainda, servir como antídoto à gentrificação (processo de substituição

⁷² BUSTAMANTE, Luisa; CAPPELLI, Paulo. Manter museu municipal custará quase três federais. O Dia. 2015.

⁷³ SANCHES, Mônica. Museu do Amanhã no Rio de Janeiro será um espaço dedicado às ciências. G1. 2011.

⁷⁴ ARTRIO. Economia Criativa na Zona Portuária. 2015.

⁷⁵ BOECKEL, Cristina. Distrito Criativo do Porto é criado para buscar negócios após Rio 2016. G1. 2015

da população original por pessoas de maior poder aquisitivo, num local revitalizado, devido ao aumento do custo de bens e serviços)⁷⁶.

O que vem sendo divulgado a esse respeito é a preocupação de tornar a moradia o mais bem estruturado possível para evitar futura desigualdade no local. O prefeito Eduardo Paes tem como intenção criar a Imobiliária Social Carioca que fixaria os critérios de cobrança do IPTU de imóveis vazios ou subutilizados. Além de tornar mais fácil e, assim, mais barato a construção de novas moradias. Quem comprar imóveis abandonados ou que não tiveram suas obras finalizadas terá isenção no ITBI (imposto sobre transmissão de bens Imóveis), IPTU (imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana) e ISS (imposto sobre serviços de qualquer natureza). Porém, esse projeto, assim como outros, ainda estão em tramitação para aprovação.

Essas obras, como já foi mencionado, têm como objetivo transformar a área urbana da região portuária, porém algumas problemáticas surgem à medida que se avança com as obras. Essa região foi por anos negligenciada, muitos de seus moradores têm poder aquisitivo baixo para acompanhar as mudanças, com isso o problema da gentrificação é um problema que precisa ser analisado.

A intenção ao que parece é revitalizar a Zona Portuária tendo a preocupação com o crescimento da região, para que esta seja mais ordenada e com menos desigualdade. Porém a especulação imobiliária já começou. Comprar um imóvel na Zona Portuária virou um investimento de longo prazo. Em reportagem publicada por O Globo em 31 de agosto de 2015, Paulo Cesar Soares, morador da Moradas da Saúde, diz que há dez anos era possível pagar R\$500,00 de aluguel no condomínio. Em 2015, ano da reportagem, o valor é bem maior: “Hoje, os imóveis estão sendo alugados por R\$ 1.800, R\$ 2 mil. Há quatro anos, dois amigos compraram apartamentos por R\$ 120 mil e R\$ 145 mil. Atualmente, os preços chegam a R\$ 500 mil”⁷⁷.

Por isso é necessário que se tenha um olhar mais criterioso sobre as medidas a serem tomadas, já que, no discurso, existe a intenção de que a Zona Portuária seja um lugar mais igualitário.

Conforme as palavras do prefeito, Eduardo Paes (2011), o Museu do Amanhã será a cereja do bolo. Após um encontro com o ex-prefeito de Barcelona Pasqual Maragall – que foi responsável

⁷⁶ SCHMIDT, Selma. Prefeitura lança medidas para incentivar projetos em áreas ociosas. O Globo. 2015.

⁷⁷ Ibid., 2015.

pelas mudanças na cidade espanhola para receber as Olimpíadas de 1992⁷⁸ – Eduardo Paes (2012), afirmou: “Tem dois tipos de Jogos Olímpicos: os Jogos que se utilizam da cidade, e a cidade que se utiliza dos Jogos. Esse passou a ser o nosso mantra. Por isso esse contato permanente com Barcelona, que é absolutamente fundamental para a história que a gente quer construir”⁷⁹.

Este museu está sendo construído com a intenção de transformar o espaço físico da Zona Portuária, ratificando a ideia da Zona Portuária como um polo de economia criativa no Rio de Janeiro. Não só no Brasil a criação de museus como forma de modificar áreas urbanas está sendo acionadas, em vários países essas medidas estão sendo adotadas. O que se nota é a construção de prédios monumentais como forma de revitalizar certos locais, fazendo com que esses monumentos tornem-se ícones da cidade. Uffelen, em seu livro *Museus Arquitectura*, mostra um enorme apanhado de museus pelo mundo que transformaram o visual das cidades por meio de suas arquiteturas monumentais.

Os museus contemporâneos já não são meros espaços de exposições. A sua arquitetura ganha cada vez mais relevâncias e une – dependendo da instituição e disciplina, de modo ousado, elegante ou experimental – o interior e o exterior. Uma multiplicidade de edifícios espetaculares não só responde às necessidades de museus e edifícios de exposições, como também dos mais diversos tipos de museus: desde museus de empresa e de instituições, passando por museus tecnológicos e de natureza, até museus de literatura e de história, bem como museus de arte (UFFELEN, 2010).

Dessa forma a cultura passa a ser um grande aliado da economia, enquanto continua acionada como forma de demonstrar a identidade de um país.

Um artigo escrito por Sérgio Sá Leitão – ex-secretário de Cultura do Município do Rio de Janeiro (2009-2015), publicado na revista *Z Cultural* (2011) – relata o crescimento desta economia criativa, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. De acordo com as pesquisas feitas por Leitão:

O conjunto de pesquisas recentes sobre este assunto indica que a “economia da cultura” é atualmente o setor que mais cresce, mais gera renda, mais exporta e mais emprega, e o que melhor remunera. Trata-se de um feito quantitativo e qualitativo. É ainda o setor que mais impacta positivamente outros setores igualmente vitais. E mais gera valor adicionado. Está baseado no uso de recursos inesgotáveis (como criatividade) e consome cada vez menos recursos naturais esgotáveis. Apresenta um uso intenso de inovações e impacta o desenvolvimento de novas tecnologias. Finalmente, seus produtos geram bem-estar, estimulam a formação do capital humano e reforçam vínculos sociais e identidade (LEITÃO, 2011, p.1).

⁷⁸ NADDEO, André. *Região portuária é elo entre Rio de Janeiro 2016 e Barcelona 1992*. Terra. 2012.

⁷⁹ *Ibid.*, 2012.

De acordo com o site portal Brasil, a cultura é um grande incentivador da economia.

A cultura pode ser usada para incentivar o desenvolvimento econômico justo e sustentável de um país. As atividades culturais são estratégicas e geram trabalho, emprego e renda, além de promover a inclusão social, especialmente entre jovens. Pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) indicam uma participação de 7% de bens e serviços culturais no PIB mundial, com crescimento anual previsto em torno de 10% a 20%. No Brasil, o crescimento médio anual dos setores criativos (6,13%) foi superior ao aumento médio do PIB nacional (cerca de 4,3%) nos últimos anos⁸⁰.

No que diz respeito aos agentes que trabalham no Museu do Amanhã, este irá agitar o mercado econômico da cidade do Rio de Janeiro, além de proporcionar uma nova visão da cidade, como um lugar renovado e pronto para o futuro. Contudo, vale chamar a atenção para os discursos críticos a esse processo. Não só no Brasil, mas também em Barcelona, movimentos críticos ao processo de intervenção urbana para construção de polos de economia criativa em detrimento da população nativa têm tomado as ruas. Em artigo publicado em 2008, Manuel Delgado descreve, por exemplo, manifestações que culminam em protesto violento no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. Também, conforme lembra Sant'Anna o Museu de Arte do Rio foi alvo de manifestações à época de sua inauguração (2013). De fato, desde 2013 os museus vêm sendo palco de protestos na cidade, movimentos de resistência continuam surgindo e se concretizando em novos equipamentos de memória.

De um lado, é certo que novos espaços exibitórios têm surgido na região, privilegiando novos protagonistas de memória (Chagas, 2005). [...] Alguns desses espaços apareceram – ou ganharam novo protagonismo – ao longo do processo de intervenção urbana do Porto Maravilha. Grupos locais se organizaram como focos de resistência a uma espetacularização da região, criada com base em projetos que pensavam equipamentos culturais de entretenimento e turismo de massas. Contudo, o modo como esses novos centros de cultura vêm se estabelecendo tem denotado que o processo tem também se beneficiado desses movimentos. (SANT'ANNA, 2013, p. 49).

É sobre este olhar que são lançadas reflexões a respeito do museu do Amanhã, tendo como base os museus tradicionais. Trata-se de refletir sobre como vem se transformando a ideia de museu nos últimos anos e como esta nova ideia tem tido repercussão na cidade.

Assim, um segundo objetivo deste trabalho é, portanto, discutir a ideia de museu como protagonista como polo de criatividade e entender em que medida um novo entendimento do capitalismo vem ordenando a vida na cidade.

⁸⁰ PORTAL BRASIL. Cultura e ferramenta para incentivar desenvolvimento econômico. 2015.

É pertinente analisar a história da região da Zona Portuária do Rio de Janeiro para um melhor entendimento do que vem ocorrendo no local, que em seu seio tem uma grande importância para identidade da cidade. A região da Praça Mauá foi crescendo e acompanhando o desenvolvimento em torno Morro do Castelo, segundo Mello (2003)⁸¹:

O cais do Valongo transformou-se no pólo central do comércio de escravos a partir da transferência do mercado da área central da cidade (R. Direita). O tráfico gerou várias externalidades no que se refere às atividades econômicas, tais como um sistema de transporte marítimo entre o Valongo e outros bairros, a fabricação de objetos de ferro destinados a prisão e tortura dos escravos, armazéns depósitos para os negros recém chegados da África, e até um cemitério. A lucratividade dessa empreitada gerou também várias obras de melhoramentos urbanos como o aterro de mangues para a ampliação das áreas secas, a abertura de ruas para facilitação das condições de tráfego no entorno ao mercado e principalmente, a Rua do Livramento, que ligava a Saúde a Gamboa, possibilitando a ocupação desta nova área. (MELLO, 2003, p. 30).

A Região Portuária, como é sabido, era o primeiro contato dos negros que chegavam ao Rio com a cidade. A cidade do Rio de Janeiro como se sabe chegou a ser um dos maiores mercados de escravos do país. Ao passar das décadas a região manteve sobre ela um olhar marginalizado, desta forma o local ficou conhecido como o lugar de malandro.

A partir dos primeiros momentos da colonização e do crescimento econômico e populacional, surge a necessidade constante de apropriação de novos espaços. Esta apropriação se dá de várias formas, em função dos arranjos sociais correntes em cada momento histórico. Na Zona Portuária, desde os primeiros movimentos urbanos, apreende-se que sua articulação com o núcleo é de uma área destinada a comportar usos mais periféricos, de características menos nobres, ou seja, vinculados à questão da escravidão e seus desdobramentos, aos depósitos de mercadorias, às tabernas e oficinas, aos trapiches e atividades ligadas ao porto, e a uma população também periférica e marginalizada porém fundamental ao processo de manutenção e crescimento da cidade. (MELLO, 2003, p.32).

Críticas pela construção do Museu do Amanhã e pela criação de uma praça que não espelha a característica e a história da Zona Portuária foram publicadas em periódicos como Folha de São Paulo.

Ainda mais grave e questionável que tudo isso é a decisão de construir um museu alienígena sobre um genérico "amanhã" justamente na zona portuária, por onde entraram os milhões de africanos que fizeram do Rio de Janeiro o maior entreposto de escravos do planeta Terra entre os séculos 18 e 19. Milhares deles, aliás, ainda enterrados por ali mesmo: obras na região costumam revelar importantes descobertas de ossadas. Uma rápida caminhada do "amanhã" até o cais do Valongo, na Gamboa, o maior porto escravagista da história, mostra o espetacular descaso com o qual a tratamos. Um descaso que nos imobiliza: não há possibilidade de

⁸¹ Dissertação de Mestrado Fernando Fernandes de Mello (UFRJ)

amanhã se não reconhecermos nosso passado. Enfiar goela abaixo da cidade um museu de "terceira geração" num lugar tão simbólico para nosso passado escravocrata enquanto tratamos descobertas arqueológicas como lixo é reforçar o apagamento, é aterrorizar nossa história mais uma vez – exatamente como fez Pereira Passos por ali, aliás. Um museu desse porte na área do porto só poderia ser um grande memorial sobre a escravidão – ou construído apenas depois desse museu, o que mais precisamos⁸².

Como é possível perceber, a região tem sobre ela uma identidade que se constrói através da história da cidade do Rio de Janeiro e um público que foi se transformando ao longo dos tempos, principalmente à medida que a região foi sendo revitalizada. Mas, é possível encontrar resistência nas transformações e, ainda hoje, é possível encontrar a tradição arquitetônica na Zona Portuária. A região é conhecida pelo patrimônio histórico, artístico e cultural.

É muito forte os grupos que mantêm a história da região e que lutam para que não seja esquecido. Na mesma localidade encontra-se o Instituto Pretos Novos fundado em 2005 após os proprietários da residência encontrar vestígios arqueológico, o IPN é um local que preserva registros dos negros que chegavam na Colônia. Desta forma, é impossível não indagar como o Museu do Amanhã preserva a memória do local e espelha a identidade da região?

O local escolhido para conceber o Museu do Amanhã é uma região com uma presença identitária muito forte, por isso a importância de preservar e reafirmar a história da região. Quando se percorre a Zona Portuária é nítido o quanto o lugar em sua arquitetura, habitantes, museus e igrejas nos dizem sobre a história da cidade, o que se percebe é o quanto a memória coletiva⁸³ (Maurice Halbwachs) se faz presente na região. Por isso a importância de preservar a história do local, assim, ainda que não faça parte das lembranças de quem hoje visita à região, essas podem ser lembranças de outrem.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. Chego à Londres pela primeira vez e por ali passeio em muitas ocasiões, ora como companheiro, ora com outro. Ora, um arquiteto, que atrai minha atenção para as edificações, suas proporções, sua disposição (HALBWACHS, 2003, p.30).

⁸² CUENCA. A barata branca do Calatrava e o passado. Folha. 2016.

⁸³ Segundo Halbwachs (2003, p. 71): “Por outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo”.

A questão da memória coletiva nos traz a questão: será que a memória da Zona Portuária não é compartilhada da mesma maneira por seus habitantes e governantes? Segundo Halbwachs:

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Os responsáveis pela revitalização da Zona Portuária estão inseridos no mesmo grupo da população, pois fazem parte da mesma sociedade e cultivam a mesma história e a mesma memória. Logo, o que se pode entender nesta dicotomia de pensamento é a relação de interesse sobre o que é prioridade na cidade.

A resposta da pergunta anterior pode ser respondida tendo como base o que foi dado a entender durante o período de pesquisa. Existe uma preocupação em preservar a região e com ela toda a história que constrói a região, porém, faz parte da sociedade capitalista tornar lucrativos os espaços públicos, sendo assim, a transformação da zona portuária visa gerar lucro e dar visibilidade ao futuro do Rio. Hoje a cidade do Rio de Janeiro tem sido preparada para se tornar uma cidade turística e os museus e centros culturais têm sido uma das formas de transformação do espaço que antes não eram aproveitados. O que vem sendo discutido é se o Museu do Amanhã dialoga com a região tendo em vista a memória e a história do local? O Museu de fato não parece se relacionar com o local em que está inserido, ele não dialoga com a memória do lugar. Será uma nova construção de memória sobre o Rio de Janeiro? A criação de um Rio que está preparado para o futuro? E a quem pertence este Amanhã?

Em meio às questões de identidade da região e estando atualmente nas grandes mídias, o museu tornou-se um lugar propício a manifestações. A primeira manifestação feita frente ao museu foi logo após a sua inauguração. Foi articulada pelo grupo Coletivo Seus Putos, que em seu protesto chamou atenção pelas questões da memória do local e criação de um museu que destoa da região, além dos problemas que a revitalização gera nos moradores do local, a gentrificação é um dos problemas centrais levantados pelo grupo.

Com a revitalização da Praça Mauá, região urbana negligenciada até então, é impulsionado o processo de expansão imobiliária e é instituída uma nova economia do turismo. O cenário instalado não necessariamente beneficia a população local,

muito pelo contrário: a elevação da região por meio de símbolos arquitetônicos serve principalmente ao uso midiático e político das grandes empresas e dos megaeventos, como é o caso das Olimpíadas de 2016.

Novamente a pretexto da arte e da cultura, maqueiam-se os projetos de urbanização que promovem a gentrificação nos bairros pobres que fazem parte ou circundam a região portuária, que por sua vez possui uma importância histórica enorme⁸⁴.

O museu recebeu, no dia 1 de abril de 2016, mais uma manifestação desta vez profissionais demitidos do Complexo Petroquímico da Petrobras (COMPERJ) e da Refinaria Duque de Caxias (REDUC), reuniram-se em frente ao museu para fazer suas reivindicações.

No dia 22 de junho de 2016, foi feito um ato na praça Mauá dos professores do estado do Rio de Janeiro, que se encontravam em greve. Após concentração na Praça Mauá os professores seguiram a linha do VLT, gritando palavras de ordem, uma das composições estava seguindo em direção à Praça Mauá, no meio do caminho os manifestantes colaram adesivos da greve na composição do VLT.

Um dos cartazes dizia “Sem educação não existe Amanhã”, como é possível ver na foto abaixo, fazia referência ao Museu do Amanhã.



Imagem 11 – Manifestação no Museu do Amanhã

Fonte: Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do RJ

⁸⁴ COLETIVO SEUS PUTOS. Putas Maravilhas em: Gentrificado. 2015

Como é possível notar devido a sua grande visibilidade e imponência o museu vem se tornando um lugar de manifestações.

O que se percebe é que as transformações na Zona Portuária incluindo a construção do Museu do Amanhã tem sido alvo de críticas e resistência. Ainda que as mudanças tenham trazido um público para o local que antes não podia frequentar, como famílias que a noite frequentam a Praça Mauá, adolescentes que se dirigem ao local para andar de bicicleta e skates, os problemas e consequências negativas da revitalização não podem ser ignoradas.

No jornal O Globo do dia 22 de maio de 2016 foi publicado uma matéria sobre quem são os frequentadores do Museu do Amanhã. O que chama atenção é que de acordo com a pesquisa no total de 839 visitantes, 42% dos visitantes não costumam frequentar museu, 10% nunca tinha entrado em um museu e 32% afirmaram ter mais de um ano que não frequentavam museus. Esses números ajudam a compreender quem são os frequentadores do Museu do Amanhã. De acordo com Alexandre Fernandes, diretor de desenvolvimento de público do museu.

Foi um achado muito importante dessa pesquisa, que nos mostrou que quase metade das pessoas que recebemos nunca vieram a um museu ou não são frequentadoras, mas tiveram uma excelente experiência aqui dentro. Isso pode motivá-las a ir a outros museus. Pode despertar um interesse. Mostra o tamanho da nossa responsabilidade⁸⁵.

No dia 21 de maio de 2016 o Museu chegou à marca de 500 mil visitantes sendo que a perspectiva para este ano era alcançar 450 mil. Ainda de acordo com a pesquisa 43% moram na Zona Norte e 30% na Zona Oeste, 20% da Zona Sul, 7% do Centro, 40% são de outros estados e 3% de outros países. O coordenador do estudo, Dino Siwek, afirma ser importante entender quem é o público e como o visitante se sente em relação ao museu e suas experiências. De acordo com a matéria do jornal O Globo, o Museu do Amanhã tem uma ideia específica do seu público: “Temos uma abrangência bem interessante na cidade. Não somos, por exemplo, um museu onde só a Zona Sul frequenta. Além disso, há muitas pessoas de fora do estado, o que nos coloca como uma atração turística da cidade⁸⁶”.

Os dados são importantes, pois, nos ajudam a entender a relação do museu com seus visitantes: quem são e de onde vem. Com isso é possível perceber quem são os novos frequentadores da região. Esse dado apesar de não ser o foco da pesquisa levantada pelo

⁸⁵ RAMALHO. No Museu do Amanhã, a primeira viagem. O Globo. 2016.

⁸⁶ Ibid., 2016.

Museu é um grande aliado para melhor entender quem vem frequentando aquela localidade, como já foi dito, a região tem recebido uma variedade de público e a pesquisa revela que a segunda menor taxa são dos moradores do centro e a maior da Zona Norte, estando próximo ao centro a quantidade é bem insignificante se comparado com os números da Zona Norte. Os motivos que levam as pessoas ao Museu do Amanhã não foram questionados, porém é perceptível que com a revitalização do local, a construção de museu grandioso, aliado a uma grande divulgação levou pessoas mais afastadas até a Zona Portuária do Rio.

A partir do acompanhamento etnográfico da região, grandes mudanças puderam ser percebidas, o público aumentou e pessoas que antes não frequentavam a Zona Portuária atualmente levam famílias para passar a tarde, frequentam o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio. De acordo com Luciana Rodrigues, moradora da Gamboa, em entrevista ao Jornal O Globo:

Isso aqui mudou muito e ajudou a melhorar a qualidade de vida de muitos moradores da região. Antes era tudo escuro e deserto. Agora, entrou de vez no roteiro cultural da cidade, atraindo turistas de todas as partes do mundo. Finalmente conseguimos ter nosso próprio Aterro do Flamengo, nossa área de lazer⁸⁷.

E ainda que se mantenham os casarões e vários outros importantes imóveis, a criação de um museu nos moldes do Museu do Amanhã, conhecido como âncora do projeto de revitalização, passa a ideia que seus idealizadores – Prefeitura do Rio – tenta vender, a imagem de um Rio que está pronto para o futuro. Um dos problemas que surgem com construção de instituições aos moldes do Museu do Amanhã é a problemática de se pensar o futuro sem preservar o passado.

⁸⁷ RAMALHO. Espaços recuperados se transformam em points no centro do Rio. O Globo. 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma análise feita dos atores sociais envolvidos na construção do Museu do Amanhã, foi possível fazer inferências ainda que preliminarmente do que vem se materializando dentro e fora do Museu do Amanhã. Entender como essas novas instituições museicas se colocam como espaços de memória ou espetáculo tendo como perspectiva a indústria cultural foi um dos pontos a ser entendido. Outro ponto considerado, foi entender como os museus vêm sendo acionados para reformulação dos espaços urbanos. Além de problematizar como as novas instituições museológicas vêm se configurando, levando em consideração a constituição de seus acervos e sua interação com o público. Esses foram alguns dos pontos centrais para se entender o Museu do Amanhã e suas construções sociais.

Pensar nas instituições museicas é ser levado imediatamente a imaginar instituições com arquiteturas antigas com peças que remetem a memória de uma época, artefatos encontrados que servem como parâmetro de estudo para se conhecer civilizações não mais existentes, obras de arte que possuem um valor histórico por se parte de um marco importante na história da arte. Todas essas imagens que fazem parte da imaginação do museu, levam a conceber uma ligação entre museu e memória. De fato, todas as características citadas fazem parte da concepção de museus, especificamente os museus de história natural, porém há anos os museus vêm se transformando e outras formas e novas categorias de museus vêm surgindo.

Nestas mudanças está inserido o Museu do Amanhã. Olhando criteriosamente para as especificidades do museu, é possível inferir que o museu segue as tendências que a sociedade vem seguindo e vem também transformando a vida social. Apesar de muitos terem diagnosticado nas últimas décadas do século XX o fim das utopias (Lyotard,1998) ou a explosão da memória (Huysen,1997), mais recentemente o futuro parece estar novamente em pauta. De fato, o olhar para o futuro tem sido uma pratica mais comum do que a preocupação com o passado. Com o futuro novas tecnologias surgem e permitem mudanças de trajetórias nas escolhas a serem tomadas, este é o conceito do Museu do Amanhã. Os problemas a serem questionados surgem a partir do conceito do Museu do Amanhã.

As críticas levantadas no século XX a respeito dos museus como lugar de elite podem ser pensadas como um dos motivos que levaram às mudanças nas formas de construção destas instituições. É evidente que esse não é o único motivo de tais transformações, pode-se dizer que um emaranhado de questões suscitou a criação de um museu nos moldes do Museu do

Amanhã. A princípio pode-se analisar como principais causas as mudanças sociais de pensamento e comportamento, o acesso as novas tecnologias, assim como o culto ao futuro, a importância de respostas rápidas e interativas. Atualmente a discussão levantada pela indústria cultural parece ser pertinente com a implementação de discussões mais frequentes sobre os aspectos igualitários de acesso à cultura.

Pensar os museus por um prisma de cultura de massa de acordo com o filósofo e sociólogo Theodor Adorno, é entender que existem agentes que impõem qual produto será consumido além de pensar qual produto mais agrada às massas. Nesta perspectiva o museu que segue tais parâmetros não estaria democratizando a cultura, mas apenas tornando-se um produto a ser consumido, sem promover a emancipação do homem pela arte. Segundo Walter Benjamin outro autor importante para se pensar a indústria cultural, acredita-se que no momento da reprodução a autenticidade se perde, assim, o instante do aqui e o agora é subtraído. Dessa forma o que de fato desaparece na reprodução da obra é a aura. Segundo Benjamin a aura seria “um estranho tecido fino de espaço e tempo: aparição única de uma distância, por mais próxima que esteja”⁸⁸. Pensar o Museu do Amanhã sobre esta perspectiva é tentar entender como um museu que não possui acervo não se transformará em mais um produto de consumo cultural. Conforme Leonardo Menezes, coordenador de conteúdo: “Uma das questões debatidas durante esse processo de produção tem sido o tom de entretenimento que cada tema e experiência devem ter, sem comprometer a confiabilidade e clareza dos conteúdos abordados”⁸⁹.

O Museu do Amanhã retira de suas características a visão de um museu voltado para a elite, isso na medida em que se utiliza de novas tecnologias para dialogar com seus visitantes. De tal modo, pode-se entender que sobre este aspecto ele seja mais democrático do que comparado aos museus tradicionais, pois, o conteúdo da forma que é exposta no Museu do Amanhã, se coloca em um patamar de maior acessibilidade do que os demais museus. Observa-se que essa é uma das características da indústria cultural, que tem como uma de suas prerrogativas a reprodução.

O Museu do Amanhã permite que seus visitantes por meio de experiência vislumbrem os próximos 50 anos tendo em vistas suas ações no presente. Porém, se, por um lado, o museu voltado para novas tecnologias remete a uma democratização dos museus, por outro promove espetacularização. Desta forma com a espetacularização os espaços museais atraem cada vez

⁸⁸ BENJAMIN, 2014, p. 27.

⁸⁹ Entrevista concedida a autora no dia 29 de abril de 2015.

mais indivíduos que tornam a cultura um mercado promissor para aqueles que interessam ter a cultura como fomentadora da economia. De acordo com Sant'Anna:

A ideia de desenvolvimento via cultura e economia criativa tem tomado na cidade viés bastante peculiar. O diagnóstico de um imenso potencial de crescimento da economia da cultura no Brasil e, sobretudo, no Rio de Janeiro tem se baseado em pressupostos singulares. De um lado, a cultura vem sendo tomada como bem intangível capaz de gerar renda. De outro, porém, é entendida no sentido de formação da identidade nacional, como um conjunto de bens simbólicos e imateriais que define a nacionalidade. (SANT'ANNA, 2013, p.50).

Pensar a cultura como geradora de economia parece ser algo comum, visto que construções de museus em áreas que passam por revitalização tem se tornado algo trivial. A revitalização na Zona Portuária do Rio não é uma produção inovadora pois o mesmo tem ocorrido em diversas cidades. Chegou a ser noticiados em sites como o da revista *Época* que a revitalização, produzida pelo Guggenheim de Bilbao, serviu de inspiração para a que ocorre no Rio. Assim como ocorreu na Espanha, a construção do Museu do Amanhã no Rio de Janeiro, além da fundação do Museu de Arte do Rio na mesma região, fez com que os museus ajudassem na movimentação do local, dando mais visibilidade para Região.

Além de uma maior visibilidade para o Instituto Pretos Novos, Morro da Conceição, lugares que dialogam com a história da Região e que com a Revitalização tem sido redescoberto pelos cariocas. Mudanças profundas já são perceptíveis na área, de acordo com o jornal *O Globo* os armazéns 1 e 2 dois serão desalfandegados no mês de agosto deste ano o armazém 3 já passou pelo processo. No armazém 1 será construído o YouTube Space, o armazém 2 se transformará na Casa Brasil durante os jogos olímpicos. Após os jogos a prefeitura tem planos de transformar os armazéns 2 e 3 em espaços gastronômicos e o armazém 3 será um espaço temático da Coca-Cola. O galpões também sofreram mudanças, o *Galpão A* é composto por casarões e a prefeitura tem como objetivo até o final do ano de transformá-los em lojas, o galpão B será a Fábrica de Espetáculo, um anexo do Teatro Municipal, o galpão C será um clube noturno D-Edge paulista, o galpão D, hospedará o Aquário Marinho, que será aberto após as Olimpíadas, o galpão E é um espaço da Biblioteca Nacional que tem como propósito construir a Hemeroteca Nacional, um local que acolherá os acervos de jornais, o galpão F será um local de empreendimento comercial o Pátio Marítima, já os galpão G e H também serão empreendimentos comerciais que já possuem licença para iniciar as obras. O Porto ainda receberá uma sede do Hospital Sírio Libanês, próximo à Avenida Bicalho. É possível através do mapa visualizar os novos projetos na Zona Portuária do Rio de Janeiro.



Imagem 12 – Mudanças na Zona Portuária

Fonte: O Globo

A Revitalização ainda foi incentivo para construção de espaços como a Casa Porto, que tem como intuito manter os moradores antigos da região e incluí-los eles nas transformações. Segundo o Jorge Arraes secretário especial de Concessões e Parcerias Público-Privadas “O Porto precisa disso. Depois que a infraestrutura ficou pronta, resta às pessoas ocuparem a área.”⁹⁰

Desta forma as construções de museus como iniciativa de transformar espaço público acarretam discussões a respeito de como os museus vem sendo utilizados. Os museus são instituições que tem uma grande importância para construção de uma identidade além de preservação da memória, por isso ao olhar para o Museu do Amanhã a reflexão se o Museu do Amanhã é museu para cidade do Rio de Janeiro ou se estaria sendo apenas mais um produto pensado por seus idealizadores.

⁹⁰ FRANÇA, Rena. Uma avenida que sai das sombras. O Globo. p.13. Edição 3 de julho de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA

ADORNO, Theodor. **Museu Valéry Proust**. In: *PRISMAS*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

_____. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Editora: Nova Cultura, 2005.

ALPEROVICH, Ana Lisa. Habitat. Disponível em: <<https://inhabitat.com/files/nuovel4.jpg>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 2001. Disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/Entre-e-passado-e-futuro.pdf>>. Acesso em 30 de maio 2015.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Editora Zouk. 2014.

_____. **Revista do Patrimônio Histórico Nacional**. IPHAN. Rio de Janeiro, nº31, p. 132-148, 2005.

COSTA, A.J.A. **A Lapa ontem e hoje: políticas de intervenção**. 2010.

DÉBORD, G. **A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural do Brasil**. Editora UFRJ. 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HUYSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MALRAUX, A. **O Museu imaginário**. Lisboa: Edições 70, 2000.

MELLO, F. F. **A Zona Portuária do Rio de Janeiro: antecedentes e perspectivas**. 2003.

NORA, P. **Entre Histoire et Memoire**. Leslieux de memoire (vol.1 La République). Paris: Gallimard, 1986. (tradução disponível online)

POULOT, Dominique. **Museu e a Museologia**. Autêntica Editora, 2013.

POMIAM, K. Coleção. **Imprensa Nacional-Casa da Moeda**. 1984.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania**. São Paulo, Cortez Editora, 2005, 255pp.

SANT'ANNA, S. M. P. **Memória e modernidade: notas para refletir sobre memória e museus de um ponto de vista sociológico**. Panóptica: 2013.

_____. **Museus e cidade: o caso do MAR na Zona Portuária do Rio de Janeiro**. O público e o privado, v. 22, p. 31-56, 2013.

SEPÚLVEDA, Myrian. **Museus Brasileiros e Política Cultural**. Revista Brasileira De Ciências, 2004.

SCHULZ, Markus. **Debatendo futuros: Tendências globais, visões alternativas, e discurso público**. Revista Sociologia & Antropologia, 2014 Vol. 4, no. 1 (June), pp. 71-95.

SIMMEL, Georg. **El Cruce de los Círculos Sociales**. In: SIMMEL, G. Sociología. Estudios sobre las Formas de Socialización. vol.2 Madrid: Alianza Universidad, 1972.

UFFELEN, Chris Van. **Museus Arquitectura**. Editora H.F. Ullmann. 2010.

WAGENSBER, Jorge. **O museu “Total”, uma ferramenta para a mudança social**. Disponível em: <<https://www.museudavida.fiocruz.br/4scwc/Texto%20Provocativo%20-%20Jorge%20Wagensberg.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

VIANNA, N. B. P. & MOLINÁRIO, A. P. **Relatório de bolsa de Iniciação Científica**. Mimeo. Rio de Janeiro: 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. & DANOWSKI, D. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Instituto e Socioambiental, 2014.

FONTES PRIMÁRIAS

ALENCAR, Emanuel. **Fundação Roberto Marinho e Docas assinam acordo para estudos do Museu do Amanhã, na Zona Portuária**. Jornal Extra, 08 nov. 2018. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/fundacao-roberto-marinho-docas-assinam-acordo-para-estudos-do-museu-do-amanha-na-zona-portuaria-611899.html#ixzz473X9VMh1>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

ALVES, Maria Elisa. **Novo local de píer em Y cria polêmica na área do Porto**. O Globo. 08 nov. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/novo-local-de-pier-em-cria-polemica-na-area-do-porto-6678270>>. Acesso em 11 de julho de 2016.

A NOVA DEMOCRACIA. **Porto Maravilha a Serviço do Capital**. 2016. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no119/5010-porto-maravilha-a-servico-do-capital>>. Acesso em: 19 abr. 2016

ARTRIO. **Economia Criativa na Zona Portuária**. 2015. Disponível em: <<http://www.artrio.art.br/pt-br/noticias/economia-criativa-na-zona-portuaria>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

BLOCH, Arnaldo; CARIELLO, Gabriel; ROSA, Gabriel. **Museu do Amanhã por dentro por fora**. Infográficos.2016. Disponível em: <<http://infograficos.oglobo.globo.com/rio/museu-do-amanha.html>>. Acesso em 22 fev. 2016.

BOECKEL, Cristina. **Distrito Criativo do Porto é criado para buscar negócios após Rio 2016**. G1, Rio de Janeiro, 12 de ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2015/08/distrito-criativo-do-porto-e-criado-para-buscar-negocios-apos-rio-2016.html>>. Acesso em 11 jul. 2016.

BUSTAMANTE, Luisa; CAPPELLI, Paulo. **Manter museu municipal custará quase três federais**. O Dia. 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-03-04/informe-do-dia-manter-museu-municipal-custara-quase-tres-federais.html>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

CALIXTO, Bruno. **Museu do Amanhã convida a pensar sobre impacto do homem na terra**. Época, 01 de nov. 2016. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/museu-do-amanha-convida-pensar-sobre-impacto-do-homem-na-terra.html>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

CANDIDA, Simone. **‘O planejamento da cidade não pode ser tipo ioiô’, diz especialista**. O Globo. Rio de Janeiro. 17 de mar. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/o-planejamento-da-cidade-nao-pode-ser-tipo-ioio-diz-especialista-11895626#ixzz4BIXkTcO8>> Disponível em: 16 jun. 2016.

CATÁLOGO. **Museu do Amanhã Primeiras Ideias**. Mai. 2009.

CIÊNCIA HOJE. **Depois de Amanhã**. 2015. Disponível em: <http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/1384/n/depois_de_amanha/Post_page/6>. Acesso em 22 out. 2015.

_____. **O Amanhã em nossas mãos**. 2013. Disponível em: <http://www.cienciahoje.org.br/revista/materia/id/767/n/o_amanha_em_nossas_maos>. Acesso em: 17 fev. 2016

COLETIVO SEUS PUTOS. **Putas Maravilhas em: Gentrificado**. 2015. Disponível em: <<https://coletivoseusputos.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

CUENCA.P. J. **A barata branca do Calatrava e o passado**. Folha. 1 de jan. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopaulocuenca/2016/01/1724974-a-barata-branca-do-calatrava-e-o-passado.shtml>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

DUARTE, L. F. D. **Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro, 20 jun. 2014. Entrevista concedida a Nathália de Paula Bernardo Vianna.

FELLIT, Chico. **Museu do Amanhã apresenta avarias 40 dias depois de sua inauguração.** Folha, 3 de jan. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1736333-museu-do-amanha-apresenta-avarias-40-dias-depois-de-sua-inauguracao.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

FRANÇA, Renan. **Uma avenida que sai das sombras.** O Globo. p.13. Edição 3 de jul. 2016.

FRANCO, Luiza. **Após cinco anos de obras, Museu do Amanhã será inaugurado no Rio.** Folha, Rio de Janeiro. 15 de dez. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1719040-apos-cinco-anos-de-obras-museu-do-amanha-sera-inaugurado-no-rio.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

FREIRE, Gomes, Quintino. **Pergunta ao Candidato – Quais os seus projetos para o Centro do Rio.** Diário do Rio, 8 de ago. 2008. Disponível em: <<http://diariodorio.com/pergunta-ao-candidato-quais-os-seus-projetos-para-o-centro-do-rio/>>. Acesso em 18 jul. 2016.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **A Fundação.** 2016. Página inicial. Disponível em: <<http://www.frm.org.br/a-fundacao/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

_____. **Museu do Amanhã Relatório de atividades.** Nov. de 2011. Disponível em:

<<http://www.frm.org.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8AE19E7042DD3A1401435302097E6BB0>>. Acesso em: 01 dez. de 2012.

ICOM. **Misiones y objetivos.** 2016. Disponível em: <<http://icom.museum/la-organizacion/misiones/L/1/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

IAB. **Especialistas criticam mudanças da Vila Mídia e Árbitros.** Instituto de Arquitetos do Brasil. 2014. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/noticias/especialistas-criticam-mudanca-da-vila-de-midia-e-arbitros>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

_____. **Museu do Amanhã.** Instituto de Arquitetos do Brasil. 2014. Disponível em:

<www.iab.org.br/projetos/museu-do-amanha>. Acesso em: 24 set. 2015.

JORNAL DO BRASIL. **Distrito Criativo do porto será lançado dia 11 de agosto.** 2015. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/economia/noticias/2015/08/07/distrito-criativo-do-porto-sera-lancado-dia-11-de-agosto/>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

_____. **Em NY, Paes defende arte como instrumento de política pública.** 19 set. 2015. <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/09/19/em-ny-paes-defende-arte-como-instrumento-de-politica-publica/>>. Acesso em 07 de julho de 2016

LEITÃO, Sá, Sérgio. **Economia da Cultura e Desenvolvimento.** Z Cultural, Recife, julh. de 2007. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/economia-da-cultura-e-desenvolvimento-de-sergio-sa-leitao/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

MACHADO, Sandra. **Corredor Cultural preserva memória do Rio**. Multirio. 6 de jan. 2015. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1406&Itemid=115>. Acesso em: 20 mai. 2015.

MANSUR, Alexandre. **José Roberto Marinho: “Ele será sempre um museu do amanhã”**. ÉPOCA, 17 de dez. 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/jose-roberto-marinho-ele-sera-sempre-um-museu-do-amanha.html>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

MARTÍ, Silas. **Falhas em obras provocam derrocada do arquiteto Santiago Calatrava**. Folha, São Paulo. 15 de jan. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1397508-falhas-provocam-derrocada-de-calatrava.shtml>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

MARTINS, Marília. **Falhas em obras provocam derrocada do arquiteto Santiago Calatrava**. Revista Portfólio. 30 de dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaportfolioeav.rj.gov.br/edicoes/01/?p=18>>. Acesso em: 21 mai. 2015.

MENEZES, L. **Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro, 4 fev. 2015. Entrevista concedida a Nathália de Paula Bernardo Vianna.

MIRANDA, MARCUS. **Jornalismo de Resultado. Observatório da Imprensa**. 29 de jun. de 2010. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalismo-de-resultados>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

MUSÉE DU QUAI BRANLY. **O Museu do Quai Branly uma ponte entre culturas Quai Branly**. 2016. Disponível em: <http://www.quaibrantly.fr/uploads/tx_gayafeespacepresse/MQB_CP_O_MUSEE_DU_QUAI_BRANLY_PT_01.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MUSEU DO AMANHÃ. **A arquitetura de Santiago Calatrava**. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/arquitetura-de-santiago-calatrava>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

_____. **Antropoceno**. 2016. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno>>. Acesso em 14 ago. 2016.

_____. **Cosmos**. 2016. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/cosmos>>. Acesso em 14 ago. 2016.

_____. **Economia de água chega a 10 milhões de litros por dia**. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/economia-de-agua-chega-a-10-milhoes-de-litros-por-dia>>. Acesso em 20 de abril de 2016.

_____. **No Dia Mundial dos Museus, novas imagens das obras no entorno do Museu do Amanhã**. 2015. Disponível em: <<http://museudoamanha.org.br/no-dia-mundial-dos-museus-novas-imagens-das-obras-no-entorno-do-museu-do-amanha/>>. Acesso em: 21 mai. 2015.

_____. **Quem somos.** Disponível em: <<https://www.museudoamanha.org.br/pt-br/quem-somos>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

_____. **Roteiro Portal Cósmico.** 2016. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Roteiro_Portal-Cosmico.pdf>. Acesso em 14 ago. 2016.

_____. **Sobre o Museu.** Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/sobre-o-museu>>. Acesso em 14 ago. 2016.

NADDEO, André. **Região Portuária é elo entre Rio de Janeiro 2016 e Barcelona 1992.** Terra. 27 de jun. 2012. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI5861311-EI14532,00-Regiao+portuaria+e+elo+entre+Rio+de+Janeiro+e+Barcelona.html>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

NOGUEIRA, Fernando. **Plano de Revitalização do Porto da Cidade Maravilhosa do Rio.** FernandoNogueiraCosta. 19 de jun. de 2011. Disponível em: <<http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2011/06/19/plano-de-revitalizacao-do-porto-da-cidade-maravilhosa-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

OLIVEIRA, Luiz, Alberto. **Um museu singular para um futuro plural. 2016.** Disponível em: <<http://museudoamanha.org.br/livro/02-um-museu-singular-para-um-futuro-plural.html>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

PESSOA, Daniela. **Arquiteto Espanhol Santiago Calatrava fala sobre o Museu do Amanhã e o Rio.** Veja Rio. Rio de Janeiro, 13 de jun. 2015. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/materia/gente/arquiteto-espanhol-santiago-calatrava-fala-sobre-detalhes-construcao-museu-do-amanha-e-sobre-o-rio>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

PIMENTA, Angela. **Guggenheim critica o Rio por veto ao museu.** BBC Brasil, Nova York, 4 de jul. 2003. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/cultura/story/2003/07/030704_krensapfn.shtml>. Acesso em: 24 set. 2015.

PORTAL 2014. **Prefeitura do Rio inicia obras do Museu do Amanhã.** 3 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/noticias/8400/PREFEITURA+DO+RIO+DE+JANEIRO+INICIA+OBRAS+DO+MUSEU+DO+AMANHA.html>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

PORTAL BRASIL. **Cultura e ferramenta para incentivar desenvolvimento econômico.** 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/cultura-e-ferramenta-para-incentivar-desenvolvimento-economico>> Acesso em: 13 fev. 2015.

PORTO MARAVILHA. **Apresentação da Operação Urbana.** 2016. Disponível em: <<http://www.portomaravilha.com.br/portomaravilha>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

_____. **CDURP.** 2016. Disponível em: <<http://www.portomaravilha.com.br/cdurp>>. Acesso em 10 jun. 2016.

_____. **Quem Somos**. 2016. Disponível em:
<<http://www.portomaravilha.com.br/quemsomos>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

PORTO NOVO. **Concessionária porto novo assume as obras do Museu do Amanhã**. Concessionária Porto Novo. 2012. Disponível em:
<<http://www.portonovosa.com/index.php/2011/11/03/concessionaria-porto-novo-assume-as-obras-do-museu-do-amanha/>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Porto Maravilha**. 2016. Disponível em:
<<http://www.rio.rj.gov.br/web/secpar/porto-maravilha>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

RAMALHO, Guilherme. **Espaços recuperados se transformam em points no centro do Rio**. O GLOBO. 3 de jul. de 2016. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/espacos-recuperados-se-transformam-em-points-no-centro-do-rio-19635402>. Acesso em: 13 de jul. 2016.

_____. **No Museu do Amanhã, a primeira viagem**. O Globo. pág 20. Edição 22 mai. 2016.

REDE BRASIL ATUAL. **Fundação Roberto Marinho ganha 56 mil da prefeitura para gerir museu que estava em construção**. 2016. Disponível em:
<<http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/helena/2015/12/fundacao-roberto-marinho-ganha-r-56-mi-da-prefeitura-para-gerir-museus-que-estavam-em-construcao-4022.html>>. Acesso em: 3 mai. 2016.

RELATÓRIO de Atividades Museu do Amanhã – **Pier Mauá** – Rio de Janeiro – outubro/2010 a novembro /2011.

RELATÓRIO de Atividades Museu do Amanhã – **Pier Mauá** – Rio de Janeiro – dezembro/2011 a abril /2012.

RELATÓRIO de Atividades Museu do Amanhã – **Pier Mauá** – Rio de Janeiro – maio/2012 a fevereiro/2013.

SANCHES, Mônica. **Museu do Amanhã no Rio de Janeiro será um espaço dedicado às ciências**. G1, Rio Janeiro, 02 de nov. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/11/museu-do-amanha-no-rio-de-janeiro-sera-um-espaco-dedicado-ciencias.html>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

SEIXO, Fábio. **Olimpíadas têm que servir para melhorar lugares da cidade’, diz Eduardo Paes**. O Globo. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/olimpiadas-tem-que-servir-para-melhorar-lugares-da-cidade-diz-eduardo-paes-11907485#ixzz4BIQDF2yC>> Acesso em: 16 jun. 2016.

SCHMIDT, Selma. **Prefeitura lança medidas para incentivar projetos em áreas ociosas**. O Globo. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-lanca-medidas-para-incentivar-projetos-em-areas-ociosas-17275842>> Acesso em: 31 ago. 2015.

THE URBAN EARTH. **Imagem 10 – Arquitetura moderna e sustentável.** Disponível em: <<https://theurbaneearth.files.wordpress.com/2008/04/pritz8.jpg>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

ANEXOS

Anexo A

Tabela 1 - Relação de colaboradores com vínculo com o Museu do Amanhã / 2009

2009			
INTEGRANTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL	CARGO/FUNÇÃO	RELAÇÃO INTEGRANTE E O MUSEU DO AMANHÃ
José Roberto Marinho	Fundação Roberto Marinho	Presidente	
Hugo Barreto	Fundação Roberto Marinho	Secretário Geral	
Andrea Margit	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Meio Ambiente	
Lucia Basto	Fundação Roberto Marinho	Gerente Geral da Unidade de Patrimônio	
Ricardo Piquet	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Desenvolvimento Institucional	
Jarbas Mantovanini	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Comunicação e Gerente Geral em SP	
Larissa Graça	Fundação Roberto Marinho	Coordenadora de Projetos de Patrimônio	
Marcia Panno	Fundação Roberto Marinho	Coordenadora de Projetos da Área de Meio Ambiente	
Hugo Sukman	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Imprensa e Eventos	
Flavia Constant	Fundação Roberto Marinho	Coordenadora de Desenvolvimento Institucional	
André Campos	Museu do Amanhã	Filosofia da Ciência, Universidade São Bento	Consultor
José Augusto Pádua	Museu do Amanhã	História Ecológica, UFRJ	Consultor
Jorge Wagensberg	Museu do Amanhã	Física e Museologia, CosmoCaixa	Consultor
Carlos Nobre	Museu do Amanhã	Clima INPE	Consultor
Alexandre Cherman	Museu do Amanhã	Cosmologia, Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro	Consultor
Andres Clerici	Museu do Amanhã	Museografia, Escritório Ralph Appelbaum	Consultor
Suzana Herculado-Houzel	Museu do Amanhã	Neurociência, UFRJ	Consultor
Laura Bueno	Museu do Amanhã	Cidades, PUC/Campinas	Consultor
Maria Alice dos Santos Alves	Museu do Amanhã	Biodiversidade, UERJ	Consultor
Gunter Pauli	Museu do Amanhã	Biomimetismo, Zeri	Consultor
Jayme Aranha	Museu do Amanhã	Antropologia, URFJ	Consultor
Sérgio Besserman	Museu do Amanhã	Clima e Economia, Câmara de	Consultor

		Sustentabilidade do Rio de Janeiro	
Hernan Crespo	Museu do Amanhã	Museologia-Cosmoaixa	Consultor
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu do Amanhã	Antropologia, Museu Nacional UFRJ	Consultor
Adalberto Veríssimo	Museu do Amanhã	Amazônia, Imazon	Consultor
Silvio Valle	Museu do Amanhã	Biociência, Fiocruz	Consultor

Fonte: A autora, 2016

Tabela 2- Relação de colaboradores com vínculo com o Museu do Amanhã / 2010 a 2011

OUTUBRO/2010 A NOVEMBRO/2011			
INTEGRANTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL	CARGO/FUNÇÃO	RELAÇÃO INTEGRANTE E O MUSEU DO AMANHÃ
Lucia Basto	Fundação Roberto Marinho	Gerente Geral de Patrimônio e Cultura	
Flavia Constant	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Desenvolvimento Institucional	
Andrea Farroco	Fundação Roberto Marinho	Líder de Projeto	
Jack Camelq	Fundação Roberto Marinho	Coordenador de Projetos e Obras	
Marcelo Gleiser	Museu do Amanhã	Dartmouth	Consultor
Paula Morolli	Fundação Roberto Marinho	Assistente do Projeto	

Fonte: A autora, 2016

Tabela 3- Relação de colaboradores com vínculo com o Museu do Amanhã / 2011 a 2012

DEZEMBRO/2011 A ABRIL/2012			
INTEGRANTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL	CARGO/FUNÇÃO	RELAÇÃO INTEGRANTE E O MUSEU DO AMANHÃ
Lucia Basto	Fundação Roberto Marinho	Gerente Geral de Patrimônio e Cultura	
Flavia Constant	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Desenvolvimento Institucional	
Andrea Farroco	Fundação Roberto Marinho	Líder de Projeto	
Jack Camelq	Fundação Roberto Marinho	Coordenador de Projetos e Obras	
Márcio Guerra	Fundação Roberto Marinho	Produtor Executivo	
Juliana Gonçalves	Fundação Roberto Marinho	Assistente do Projeto	

Fonte: A autora, 2016

Tabela 4- Relação de colaboradores com vínculo com o Museu do Amanhã / 2012 a 2013

MAIO/2012 A FEVEREIRO/2013			
INTEGRANTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL	CARGO/FUNÇÃO	RELAÇÃO INTEGRANTE E O MUSEU DO AMANHÃ
Lucia Basto	Fundação Roberto Marinho	Gerente Geral de Patrimônio e Cultura	
Flavia Constant	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Desenvolvimento Institucional	
Andrea Farroco	Fundação Roberto Marinho	Líder de Projeto	
Jack Camelq	Fundação Roberto Marinho	Coordenador de Projetos e Obras	
Márcio Guerra	Fundação Roberto Marinho	Produtor Executivo	
Juliana Gonçalves	Fundação Roberto Marinho	Assistente de Projeto	
Charles W. Kent	Museu do Amanhã		Consultor

Fonte: A autora, 2016

Tabela 5- Relação de colaboradores com vínculo com o Museu do Amanhã / 2014

2014			
INTEGRANTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL	CARGO/FUNÇÃO	RELAÇÃO INTEGRANTE E O MUSEU DO AMANHÃ
Pedro Paulo Carvalho Teixeira	Prefeitura	Chefe da Casa Civil	
Sérgio Sá Leitão	Prefeitura	Secretário Municipal de Cultura	
Alberto Gomes Silva	Prefeitura	CDURP	
José Roberto Marinho	Fundação Roberto Marinho	Presidente	
Hugo Barreto	Fundação Roberto Marinho	Secretário Geral	
Nelson Savioli	Fundação Roberto Marinho	Superintendente Executivo	
Lucia Basto	Fundação Roberto Marinho	Gerente Geral de Patrimônio e Cultura	
Flavia Constant	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Desenvolvimento Institucional	
Andrea Deca Farroco	Fundação Roberto Marinho	Coordenadora Geral	
Santiago Calatrava	Museu do Amanhã		Arquiteto
Luiz Alberto Oliveira	Museu do Amanhã		Concepção Curatorial / Curadoria
Leonel Kaz	Museu do Amanhã		Concepção Curatorial
Ralph Appelbaum Associates	Museu do Amanhã		Concepção Museográfica
Andres Clerici	Museu do Amanhã		Projeto Artístico

Ruy Resende Arquitetura	Museu do Amanhã		Desenvolvimento do Projeto de Arquitetura e gerenciamento de Projetos
Artifício Arquitetura e Exposições	Museu do Amanhã		Desenvolvimento do Projeto Museográfico
Leonardo Menezes	Museu do Amanhã		Equipe Curatorial
Maria Borba	Museu do Amanhã		Equipe Curatorial
Maurício Lissovsky	Museu do Amanhã		Equipe Curatorial
Jack Camelq	Museu do Amanhã		Equipe Técnica Coordenação de Projetos
Marcio Guerra	Museu do Amanhã		Produção Executiva
Juliana Gonçalves	Museu do Amanhã		Coordenação Técnica
Paula Correia	Museu do Amanhã		Coordenação técnica
Alexandre Cherman	Museu do Amanhã	Planetário do Rio	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Eliana Bellugo	Museu do Amanhã	USP	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Eliane Canedo	Museu do Amanhã	Urbanista	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Gilvan Sampaio de Oliveira	Museu do Amanhã	INPE – Instituto de Pesquisa Espaciais	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Julia Reid	Museu do Amanhã	INPE – Instituto de Pesquisa Espaciais	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Henrique Lins de Barros	Museu do Amanhã	CBPF – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Marcelo Gleiser	Museu do Amanhã	Dartmouth	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Maria Alice dos Santos	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Mayana Zatz	Museu do Amanhã	USP	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Contexto
Ricardo Wazbort	Museu do Amanhã	FIOCRUZ	Consultor de Conteúdo - Cosmo e Contexto
Adriana Caúla	Museu do Amanhã	UFF	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Alexandre Kalache	Museu do Amanhã	OMS – Organização Mundial da Saúde	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Andreio Hessel	Museu do Amanhã	Singularity University	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Benilton Bezerra Jr.	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Bernardo Sog	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Bruna Franchetto	Museu do Amanhã	Museu Nacional	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
David Zee	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Fátima Portilho	Museu do Amanhã	UFRRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Jorge Lopes	Museu do Amanhã	INT – Instituto Nacional de Tecnologia	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
José Augusto Pádua	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu do Amanhã	Museu Nacional	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã

Luiz Pinguelli Rosa	Museu do Amanhã	COPPE - UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Marcio Giannini	Museu do Amanhã	COPPE - UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Miguel Nicoletis	Museu do Amanhã	DUKE - University	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Neilton Fidellis	Museu do Amanhã	COPPE - UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Paulo Vaz	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Rogério da Costa	Museu do Amanhã	PUC - SP	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Suzana Herculano Houzel	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Thomas Lewinsohn	Museu do Amanhã	UNICAMP	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Carlos Nobre	Museu do Amanhã	INPE – Instituto de Pesquisa Espaciais	Consultores do Amanhã
Jorge Wagensberg	Museu do Amanhã	CosmoCaixa	Consultores do Amanhã
Michio Kaku	Museu do Amanhã	NYU	Consultores do Amanhã
Paulo Mendes da Rocha	Museu do Amanhã	Arquiteto	Consultores do Amanhã
Sergio Besserman	Museu do Amanhã	PUC	Consultores do Amanhã

Fonte: A autora, 2016

Tabela 6- Relação de colaboradores com vínculo com o Museu do Amanhã / 2015

2015			
INTEGRANTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL	CARGO/FUNÇÃO	RELAÇÃO INTEGRANTE E O MUSEU DO AMANHÃ
Guilherme Nogueira Schleder	Prefeitura	Secretário – Chefe da Casa Civil	
Marcelo Calero	Prefeitura	Secretário Municipal de Cultura	
Jorge Arraes	Prefeitura	Secretário Especial de Concessões e Parcerias Público – Privado	
Alberto Gomes Silva	Prefeitura	Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro	
José Roberto Marinho	Fundação Roberto Marinho	Presidente	
Hugo Barreto	Fundação Roberto Marinho	Secretário Geral	
Nelson Savioli	Fundação Roberto Marinho	Superintendente Executivo	
Lucia Basto	Fundação Roberto Marinho	Gerente Geral de Patrimônio e Cultura	
Andrea Margit	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Meio Ambiente	
Flavia Constant	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Desenvolvimento Institucional	

Santiago Calatrava	Museu do Amanhã		Arquiteto
Luiz Alberto Oliveira	Museu do Amanhã		Concepção Curatorial / Curadoria
Leonel Kaz	Museu do Amanhã		Concepção Curatorial
Ralph Appelbaum Associates	Museu do Amanhã		Concepção Museográfica
Andres Clerici	Museu do Amanhã		Direção Artística
Ruy Resende Arquitetura	Museu do Amanhã		Gerenciamento do Projeto de Arquitetura
Artifício Arquitetura e Exposições	Museu do Amanhã		Gerenciamento do Projeto Museográfico
Leonardo Menezes	Museu do Amanhã		Coordenação de Conteúdo
Maurício Lissovsky	Museu do Amanhã		Equipe de Conteúdo
Jack Camelq	Museu do Amanhã		Coordenação Técnica
Marcio Guerra	Museu do Amanhã		Coordenação Técnica
Charles Kent	Museu do Amanhã		Observatório do Amanhã
Mayara Nobre	Museu do Amanhã		Observatório do Amanhã
Ronaldo Lemos	Museu do Amanhã		Laboratório das Atividades do Amanhã
Alê Youssef	Museu do Amanhã		Laboratório das Atividades do Amanhã
Alexandre Ribenboim	Museu do Amanhã		Laboratório das Atividades do Amanhã
Alexandre Cherman	Museu do Amanhã	Planetário do Rio	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Eliana Bellugo	Museu do Amanhã	USP	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Eliane Canedo	Museu do Amanhã	Urbanista	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Gilvan Sampaio de Oliveira	Museu do Amanhã	INPE – Instituto de Pesquisa Espaciais	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Julia Reid	Museu do Amanhã	INPE – Instituto de Pesquisa Espaciais	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Henrique Lins de Barros	Museu do Amanhã	CBPF – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Marcelo Gleiser	Museu do Amanhã	Dartmouth	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Maria Alice dos Santos	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Mayana Zatz	Museu do Amanhã	USP	Consultor de Conteúdo - Cosmos e Terra
Adriana Caúla	Museu do Amanhã	UFF	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Alexandre Kalache	Museu do Amanhã	OMS – Organização Mundial da Saúde	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Andrew Hessel	Museu do Amanhã	Singularity University	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Benilton Bezerra Jr.	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
David Zee	Museu do Amanhã	Uerj	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Fátima Portilho	Museu do Amanhã	UFRRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã

Jorge Lopes	Museu do Amanhã	INT – Instituto Nacional de Tecnologia	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
José Augusto Pádua	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu do Amanhã	Museu Nacional	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Luiz Pinguelli Rosa	Museu do Amanhã	COPPE – UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Marcio Giannini	Museu do Amanhã	COPPE – UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Miguel Nicoletis	Museu do Amanhã	DUKE – University	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Neilton Fidellis	Museu do Amanhã	COPPE – UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Paulo Vaz	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Rogério da Costa	Museu do Amanhã	PUC – SP	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Suzana Herculano Houzel	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Thomas Lewinsohn	Museu do Amanhã	UNICAMP	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Carlos Nobre	Museu do Amanhã	INPE – Instituto de Pesquisa Espaciais	Consultores do Amanhã
Jorge Wagensberg	Museu do Amanhã	CosmoCaixa	Consultores do Amanhã
Michio Kaku	Museu do Amanhã	NYU	Consultores do Amanhã
Paulo Mendes da Rocha	Museu do Amanhã	Arquiteto	Consultores do Amanhã
Sergio Besserman	Museu do Amanhã	PUC	Consultores do Amanhã

Fonte: A autora, 2016

Tabela 7- Relação de colaboradores com vínculo com o Museu do Amanhã / 2016

2016			
INTEGRANTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL	CARGO/FUNÇÃO	RELAÇÃO INTEGRANTE E O MUSEU DO AMANHÃ
Fred Arruda	Museu do Amanhã		Presidente do Conselho de Administração do Museu do Amanhã
Luiz Alberto Oliveira	Museu do Amanhã	Coordenação	Curador do Museu
Alfredo Tolmasquim	Museu do Amanhã	Coordenador Associado	Diretor do Observatório do Amanhã
Georgia Pessoa	Fundação Roberto Marinho	Gerente de Meio Ambients	Secretaria
Franklin Dias Coelho	Museu do Amanhã	Secretário especial de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro	
Augusto Raupp	Museu do Amanhã	Presidente da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj)	
Wanderley de Souza	Museu do Amanhã	Presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finpe)	

Débora Foguel	Museu do Amanhã	Representante da Academia Brasileira de Ciências (ABC)	
Rosiska Darcy de Oliveira	Museu do Amanhã	Academia Brasileira de Letras (ABL)	
Rachel Biderman	Museu do Amanhã	Diretora da seção brasileira do World Resources Institute (WRI)	
Stevens Rehen	Museu do Amanhã	Coordenador do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino (Idor)	
Adriana Caúla	Museu do Amanhã	UFF	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Alexandre Kalache	Museu do Amanhã	WHO	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Andreio Hessel	Museu do Amanhã	Singularity University	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Benilton Bezerra Jr.	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Carlos Nobre	Museu do Amanhã	INPE	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
David Zee	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Fátima Portillo	Museu do Amanhã	UFRRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
José Augusto Pádua	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Luiz Pinguelli Rosa	Museu do Amanhã	COPPE-UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Marcelo Gleiser	Museu do Amanhã	Dartmouth	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Marcio Giannini	Museu do Amanhã	COPPE-UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Miguel Nicolelis	Museu do Amanhã	Duke University	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Neilton Fidelis	Museu do Amanhã	COPPE-UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Paulo Vaz	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Rogério da Costa	Museu do Amanhã	PUC-SP	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Sérgio Besserman	Museu do Amanhã	PUC	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Suzana Herculano-Houzel	Museu do Amanhã	UFRJ	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Thomas Lewinsohn	Museu do Amanhã	UNICAMP	Consultor de Conteúdo – Antropoceno e Amanhã
Alexandre Cherman	Museu do Amanhã	Planetário do Rio	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra
Eliana Beluzzo	Museu do Amanhã	USP	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra
Eliane Canedo	Museu do Amanhã	Urbanista	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra
Gilvan Sampaio de Oliveira	Museu do Amanhã	INPE	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra
Henrique Lins de Barros	Museu do Amanhã	CBPF	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra

Julia Reid	Museu do Amanhã	INPE	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra
Luiz Fernando Dias Duarte	Museu do Amanhã	Museu Nacional	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra
Maria Alice dos Santos Alves	Museu do Amanhã	UERJ	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra
Mayana Zatz	Museu do Amanhã	USP	Consultor de Conteúdo – Cosmos e Terra

Fonte: A autora, 2016